



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES.
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

ANTONIA EDNA DA SILVA MORAES

**O CONTO FANTÁSTICO E O USO DA TECNOLOGIA NA ESCOLA:
UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

**MARABÁ-PA
2020**

ANTONIA EDNA DA SILVA MORAES

**O CONTO FANTÁSTICO E O USO DA TECNOLOGIA NA ESCOLA:
UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras: Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Aparecida Beraldo Romano.

**MARABÁ-PA
2020**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho

Moraes, Antonia Edna da Silva

O conto fantástico e o uso da tecnologia na escola: uma proposta para o letramento literário no Ensino Fundamental II / Antonia Edna da Silva Moraes ; orientadora, Patrícia Aparecida Beraldo Romano. — Marabá : [s. n.], 2020.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Programa de Pós-Graduação em Letras: Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Marabá, 2020.

1. Letramento. 2. Leitura. 3. Livros e leitura na literatura. 4. Conto. I. Romano, Patrícia Aparecida Beraldo, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Programa de Mestrado Profissional em Letras III. Título.

CDD: 22. ed.: 372.4

Dedico

À minha falecida mãe:

que me ensinou que os sonhos foram feitos para serem concretizados.

Ao meu filho, Matheus Moraes:

que suportou minhas ausências, que esteve sempre ao meu lado me encorajando e me ajudando a levantar quando o cansaço e desânimo eram intensos.

Aos meus alunos do 8º ano da Escola Cisne Branco:

Que contribuíram para a concretização deste sonho.

A vocês, dedico este trabalho!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas bênçãos recebidas e pelo sonho concretizado.

A minha família. Em especial, minha irmã Marta Moraes e meu filho Matheus Moraes pelo apoio incondicional.

À prof^a. Dr^a. Patrícia Aparecida Beraldo Romano, que com empenho me orientou nessa pesquisa.

Aos professores, Dr^a Elaine Ferreira Dias e Dr. Dirlenvalder do Nascimento Loyolla, da banca de Qualificação, pela leitura atenta de meu trabalho e pelas contribuições que fizeram, elas foram essenciais para o aprimoramento da minha dissertação.

Aos membros da banca de Defesa, Prof^a Dr^a Elaine Ferreira Dias e Prof^a. Dr^a. Simone Cristina Mendonça, que se dispõem a contribuir para o aperfeiçoamento dessa pesquisa..

À escola Cisne Branco, por ter permitido que minha pesquisa fosse realizada lá.

Ao Mestrado Profissional em Letras da Unifesspa, pelo caminho proporcionado e por contribuir com minha formação.

À **CAPES**, pelo apoio acadêmico-científico nessa pesquisa. .

A todos os mestres e colegas que fizeram parte dessa minha formação.

Enfim, a todos que contribuíram para que eu galgasse mais esse degrau de minha formação profissional.

A todos, meu afeto e gratidão!

“Eu, por exemplo, gosto do cheiro dos livros. Gosto de interromper a leitura num trecho especialmente bonito e encostá-lo contra o peito, fechado, enquanto penso no que foi lido. Depois reabro e continuo a viagem. [...] Gosto do barulho das páginas sendo folheadas. Gosto das marcas de velhice que o livro vai ganhando: [...] a lombada descascando, o volume ficando meio ondulado com o manuseio. Tem gente que diz que uma casa sem cortinas é uma casa nua. Eu penso o mesmo de uma casa sem livros.”

Martha Medeiros

RESUMO

O texto literário é um dos mais expressivos instrumentos de colaboração na formação de leitores, pois carrega em si alta qualidade estética e faz uso especial da linguagem. É preciso que a nobre função de formar leitores, comumente atribuída à escola, seja empreendida por meio da leitura desses textos, já que são constituídos de saberes sobre o mundo e o homem, capazes de promover experiências intensas ao leitor, sua formação crítica e letrar literalmente. Considerando essa importância da obra literária, propomos, com esse trabalho, desenvolver estratégias de leitura literária com o intuito de promover o letramento literário na escola e fora dela. Para esse estudo, escolhemos o conto **As formigas** de Lygia Fagundes Telles. Para a viabilização do projeto, elegemos o gênero literário conto fantástico. Fizemos a escolha pelo texto de Telles por ser um texto linear, breve e que tem como uma de suas principais características a condição de suportar, em sua brevidade, uma série de leituras possíveis. O conto **As formigas** foi escolhido pelo seu poder de concisão, além do sobrenatural que aparece na narrativa, acreditamos que ele permite aos leitores em formação a apreciação efetiva do texto literário. A fim de estabelecer a integração entre os saberes e a prática, adotamos a metodologia da pesquisa-ação para aplicação e intervenção. A pesquisa foi aplicada numa turma de 8º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública municipal da cidade de Marabá-PA. As propostas de atividades do projeto se ancoram na Sequência Básica de leitura descrita por Cosson (2009), Zaponne (2007, 2008) autores que tratam do letramento literário. Ademais, nosso aporte teórico terá base, para o estudo em Colomer (2007), que aborda a leitura literária na sala de aula; Candido (1995) teórico que discorre sobre o poder humanizador da literatura; Todorov (2009, 2016) autor que explana sobre o perigo em que a literatura se encontra devido à forma como é trabalhada na sala de aula; Abreu (2006), que retrata a importância de se ler literatura, entre outros. Os resultados da análise indicam que juntamente com o acesso a obras literárias diversificadas, a inserção do aluno em uma comunidade de leitores e a participação da família podem promover o gosto pela leitura literária; também é fundamental a adoção de uma metodologia que prepare o aluno para a recepção da obra literária, considerando tanto a motivação quanto as etapas de mediação da leitura. Nesse sentido, conclui-se: uma abordagem do texto literário que concilie experiência estética e leitura crítica é capaz de despertar o interesse dos alunos e contribuir para a formação de leitores, mas é preciso que a família incentive essa leitura em casa e fora dela.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento literário. Professor leitor. Leitura prazerosa.

ABSTRACT

The literary text is one of the most expressive instruments of collaboration in the formation of readers, because it is loaded of high aesthetic quality and makes special use of language. It is necessary that the noble function of forming readers, which is commonly delegated to the school, be undertaken through the reading of these texts, since they are made up of knowledge about the world and man, capable of promoting intense experiences to the reader, their critical and literary formation. Taking into consideration this importance of literary work, we propose, with this work, to develop literary reading strategies in order to promote literary literacy at school and beyond. For this study, we chose the tale **As formigas** by Lygia Fagundes Telles. To make the current project viable, we chose the literary genre fantastic tale. We chose Telles text because it is a linear text, having as one of its main features the condition to support, in its brevity, a series of possible readings. The tale **As formigas** was chosen for its conciseness, beyond the supernatural that appears in the narrative, we believe that it allows readers in training to effectively appreciate the literary text. In order to establish the integration between knowledge and practice, we adopted the action research methodology for application and intervention. The research was developed in an 8th grade elementary school class, in a municipal public school in Marabá-PA. The project activity proposals are anchored in the Basic Reading Sequence described by Cosson (2009), Zaponne (2007, 2008) authors dealing with literary literacy. Moreover, our theoretical basis will be grounded on the study in Colomer (2007), which approaches literary reading in the classroom; Candido (1995) theorist who discusses the humanizing power of literature; Todorov (2009, 2016) author explaining about the danger in which Literature faces due to the way it is worked in classrooms; Abreu (2006), which portrays the importance of reading literature, among others. The results of the analysis indicate that along with access to diverse literary works, student insertion in a community of readers and family participation can promote a taste for literary reading; it is also essential to adopt a methodology that prepares the student for the reception of literary work, considering both the motivation and the reading of mediation steps. In this sense, it is concluded: A literary text approach that reconciles aesthetic experience and critical reading are able to arouse the interest of students and contribute to the formation of readers, but it is necessary that the family encourages this reading at home and beyond.

KEYWORDS: Literary literacy. Reading teacher. Pleasant Reading

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Atividade de Motivação.....	82
Figura 2 – Desenho de nova capa para o livro.....	85
Figura 3 – Leitura oral pela professora	86
Figura 4 – Desenho representando o início do conto.....	87
Figura 5 – Desenho representando o tempo presente no conto.....	90
Figura 6- Desenho representando o narrador do conto.....	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Alunos participantes no projeto de intervenção	79
Gráfico 02 – Oficina de motivação.....	83
Gráfico 03 – Oficina de introdução	85
Gráfico 04 – Oficina de leitura.....	92
Gráfico 05 – Oficina de interpretação.....	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-Questões da oficina de motivação	65
Quadro 2-Questões da oficina de motivação	70
Quadro 3-Questões da oficina de leitura	72
Quadro 4-Questões da oficina de introdução	84
Quadro 5-Questões da oficina de leitura	88
Quadro 6-Questões sobre o conto fantástico	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 O ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II.....	18
2.1 O professor leitor e o ensino de literatura com as novas tecnologias.....	22
2.2 O prazer de ler literatura.....	28
3 LETRAMENTO LITERÁRIO: ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	36
3.1 O ensino da leitura literária nas escolas	41
3.2 Estratégias para o ensino de literatura no Ensino Fundamental II	46
4 O CONTO FANTÁSTICO “AS FORMIGAS”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES.....	51
4.1 O gênero conto fantástico	51
4.2 Uma breve história sobre Lygia Fagundes Telles	57
4.3 O conto “As formigas”.....	59
5 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	63
5.1 Abordagem metodológica.....	63
5.2 O cenário da intervenção.....	64
5.3 Os sujeitos da intervenção.....	66
5.4 Material e métodos de trabalho.....	67
5.5 Sequência Básica de Cosson.....	69
5.6 Breve relato sobre a aplicação do Projeto de Intervenção.....	75
6 OFICINAS DE LEITURA LITERÁRIA.....	80
6.1 Teoria e prática dialogando na sala de aula	80
6.1.1 Motivação.....	84
6.1.2 Introdução.....	84
6.1.3 Leitura.....	86
6.1.4 Interpretação.....	93
6.2 Considerações sobre os resultados das atividades.....	96
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	104
ANEXOS.....	110

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação trata da recepção do texto literário nas aulas de Língua Portuguesa. Ela discorre sobre como a literatura tem sido trabalhada no Ensino Fundamental II e propõe o uso do método Sequência Básica, de Rildo Cosson para explorar a leitura literária de forma minimamente prazerosa e crítica, pois no contexto atual, em que vivemos rodeados de tecnologia, os alunos encontram-se cada vez mais distantes da leitura de obras literárias porque preferem estar conectados as redes sociais, jogarem *on line* e assistirem a um filme.

Nos últimos anos, estudiosos como Zappone (2007) e Cosson (2009) realizaram muitas pesquisas e estudos na tentativa de compreender como ocorre o ensino de leitura literária nas escolas e perceberam que o professor trabalha com o texto literário com outra intenção que não seja a leitura da obra em si.

O professor, geralmente, busca usar o texto para pensar com os alunos questões gramaticais e de compreensão textual. Tampouco parece que incentiva o aluno a ler pelo prazer de ler. Então, esses teóricos elaboraram algumas teorias e metodologias que podem auxiliar o professor a construir ferramentas pedagógicas que incentivem o gosto pela leitura na sala de aula e fora dela.

Para que o jovem busque pelo prazer de ler, desenvolva o hábito leitor e possa desenvolver a leitura crítica, é necessário que ele receba incentivo tanto em casa quanto na escola. Se os jovens não tiverem esse incentivo em conjunto, abandonarão a leitura literária após deixarem a escola, ou talvez até nela pouco a pratiquem

Por isso, parece necessário que haja uma relação cotidiana desse sujeito com os textos literários, para que aconteça de fato o letramento literário e possamos formar leitores autônomos e críticos que gostem de literatura.

Pensar o ensino da literatura e suas modalidades práticas supõe que se defina a finalidade desse ensino. É a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico— capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção (...). É também, obviamente, a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino da literatura vislumbra (ROUXEL, 2013, p. 20).

A escola tem como objetivo principal formar um leitor que consiga interagir com a leitura no seu dia-a-dia, fazendo com que esse aluno tenha mais participação na sociedade e no mundo por meio da linguagem. Porém o que temos observado nas salas de aulas são leituras prescritas, isto é,

leituras por obrigação. O aluno lê porque o professor solicitou que fizesse atividades de interpretação, e assim a escola vai esquecendo do objetivo principal da leitura: ler por desejo, ler por prazer, ler para se descobrir e se fazer leitor, leitor crítico.

Por isso que essa dissertação tem como objetivo geral aplicar estratégias de leitura literária com o intuito de promover o letramento literário na escola e fora dela. Para atingir esse objetivo elencamos os seguintes objetivos específicos: desenvolver atividades lúdicas com o texto literário, levando o aluno a despertar o hábito leitor; proporcionar aos alunos experiência de leitura literária atrelada às mídias digitais; estimular a leitura de contos na sala de aula.

Sabemos que nossos alunos não têm o hábito leitor e a escola precisa começar a pensar em estratégias que façam com que esse aluno eleja a leitura literária como prática espontânea e cotidiana, não por exigência do professor, mas para experimentar o prazer de desvendar o mundo das palavras.

Compreendemos que promover esse tipo de leitura é um grande desafio para o professor, principalmente para aquele que trabalha numa escola sem biblioteca e sem laboratório de informática, no entanto devemos incentivar essas práticas de leitura, uma vez que a literatura no ensino fundamental II parece que só tem servido de pretexto para o ensino de gramática.

Assim, ao observarmos essa problemática nos veio a pergunta norteadora dessa pesquisa: Como promover a leitura literária de forma prazerosa em sala de aula?

Na 4ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, desenvolvida pelo Instituto Pró-livro, dados de 2016, mostram que o brasileiro lê em média 2,43 livros por ano, é um índice muito baixo. E nossos alunos estão entre esses brasileiros que quase não leem literatura, muitos são os fatores que ocasionam essa falta de leitura: preferem assistir a um filme, ouvir música, jogar vídeo game, navegar na internet.

Às vezes, o aluno só faz a leitura de uma obra literária quando o professor solicita um trabalho, assim, observamos que a escola fica responsável por desenvolver essa prática nos alunos, e para que as leituras não sejam apenas por dever, o professor, principal mediador de leitura na sala de aula, precisa criar estratégias de leitura que mesquem a leitura da obra e o uso das mídias, para assim, talvez, motivar os alunos a gostarem de literatura.

Para desenvolver esse trabalho optamos pela literatura fantástica. Escolhemos o conto “As formigas”, optamos por esse gênero porque ele é bem recepcionado pelos alunos, uma vez que a narrativa fantástica já é conhecida dos adolescentes devido aos filmes que já assistiram. Assim, ao

trabalharmos com a literatura fantástica estamos relacionando a leitura a algo que os alunos já conhecem e gostam, servindo assim de ponte para a ampliação do horizonte de expectativa. Segundo Jauss (2014,), “o horizonte de expectativas do leitor é toda sua experiência social construída ao longo de suas leituras”.

Logo, para tentar promover a leitura prazerosa na sala de aula, ampliando o horizonte de expectativas dos alunos vamos seguir as estratégias propostas pelo letramento literário de Cosson, uma vez que o trabalho com leitura nessa perspectiva proporciona uma leitura significativa, com ênfase na comunicação e interação.

Segundo Cosson

O texto literário é objeto de diferentes interpretações ou modo de leitura que buscam em última instância formar o leitor, seja no sentido estreito de treinar uma habilidade ou desenvolver uma competência, seja no sentido mais largo de dar acesso à cultura letrada (COSSON, 2011, p. 03).

O letramento literário proposto por Cosson (2009) é baseado em duas sequências: básica e expandida. Em nossa pesquisa usaremos a Sequência Básica, numa tentativa de desenvolver atividades destinadas à promoção do letramento literário em uma turma de ensino fundamental II, numa escola pública do município de Marabá/PA. A escolha desta temática deve-se ao fato da relevância e atualidade nos estudos de atividades escolares que promovam a leitura prazerosa na escola mesclada ao uso das mídias, bem como pela importância da literatura na escola para formação do sujeito leitor.

O interesse por este tema surgiu a partir de dois motivos, que complementam e justificam o trabalho que será desenvolvido. O primeiro motivo, de cunho pessoal, provém do sentimento de afetividade com a literatura e da admiração pela escritora Lygia Fagundes Telles, primeira autora que li na graduação. A obra **Venha ver o pôr-do-sol e outros contos** foi indicação de uma professora durante minha graduação e agora é também minha obra de referência e indicação aos meus alunos. Então, por reconhecer o papel dessa obra em minha formação leitora, ela também desempenhará uma função relevante na abordagem literária que buscamos investigar.

O segundo motivo, de caráter profissional, nasce da vontade de poder oferecer aos nossos alunos metodologias diferenciadas para o ensino da literatura como forma de despertar o prazer de ler e não apenas como mais uma ferramenta de ensino-aprendizagem da gramática de Língua Portuguesa. Assim, com essa pesquisa, podemos verificar onde e como melhorar

metodologicamente as aulas de literatura a fim de promover tanto na sala de aula como fora dela o letramento literário.

Feitas essas considerações, passamos agora à organização dessa dissertação:

Nosso primeiro capítulo é de caráter introdutório, nele tratamos da contextualização do tema, justificamos nossa escolha e especificamos o objetivo da pesquisa.

No segundo capítulo abordamos sobre a importância da literatura na formação do leitor, pois sabemos que ela contribui muito para o aprimoramento pessoal e conhecimento cultural de quem lê. Refletimos sobre o papel do professor no ensino de literatura a partir das novas mídias, uma vez que os leitores de hoje interagem mais com os novos formatos de literatura como as *fanfics* e as adaptações das obras para filmes, do que com o própria obra. Trago ainda um estudo sobre o que seja um canal de *BookTube* para que o professor entenda a amplitude dessa ferramenta no estudo da língua portuguesa. Também explanamos sobre o prazer do texto literário, texto esse que possibilita ao leitor sonhar e viver outras experiências de vida, tudo através da ficção.

O terceiro capítulo se desenvolve mediante a temática central desse trabalho: o letramento literário. Para tanto, realizamos o levantamento bibliográfico de alguns autores que versam sobre a temática do letramento literário a fim de ampliar conhecimentos suficientes para o desenvolvimento de um pensamento que possa contribuir para análises futuras que abordem esse tema.

Ainda sobre o terceiro capítulo, inicialmente, tratamos especificamente dos pressupostos que compõem a trajetória do letramento literário. Num segundo momento, discorremos sobre o ensino de literatura na escola, mostrando como a leitura de literatura acontece nas aulas de Língua Portuguesa. No terceiro tópico, abordamos as estratégias usadas para o ensino de literatura no Ensino Fundamental II, a partir do letramento literário proposto por Cosson.

Em nosso quarto capítulo tratamos do gênero conto fantástico e suas principais características. Também falamos da biografia da escritora Ligya Fagundes Telles e do conto “As formigas”.

O quinto capítulo trata da metodologia abordada na dissertação, com ênfase na pesquisa qualitativa, bem como a caracterização do universo da pesquisa, abrangendo o campo de estudo e os sujeitos pesquisados. Ainda neste capítulo, escrevemos sobre os materiais e métodos de coleta de dados. Apresentamos também o uso de uma sequência básica alinhada a um plano de intervenção na escola.

Já no sexto capítulo discorremos sobre as análises dos dados obtidos por meio do trabalho de intervenção com a sequência básica de letramento literário, que objetivou desenvolver práticas de leitura literária na escola com o intuito de promover o letramento literário dentro e fora dela. Nesse capítulo mostramos a delimitação do corpus da pesquisa, depois foi feita a análise dos dados a partir da observação das oficinas.

Assim, os resultados alcançados com a pesquisa fizeram-nos perceber o quanto é prazeroso o trabalho com a literatura fantástica usando a sequência básica, pois as etapas vão motivando os alunos para as próximas atividades. Por fim, no último capítulo, ao analisarmos as atividades realizadas pelos alunos diante da abordagem da sequência básica de Cosson (2009) em prol do ensino de literatura no Ensino Fundamental II, propusemos a continuação e replicação dessa abordagem pedagógica nas escolas.

Sabendo da amplitude dessa temática, esperamos que esta dissertação venha a ser fonte de consulta para as pesquisas que envolvem o trabalho pedagógico com a literatura. Esperamos ainda que elas possam continuar se estendendo para que, em um futuro próximo, a Literatura passe a ter um papel central nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II.

2 O ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Pensar num ensino de literatura de qualidade, no atual contexto brasileiro contemporâneo, é pensar nas várias possibilidades de se usar as mídias como ferramentas de ensino nas práticas de leitura. Para isso, entretanto, o professor, principal mediador dessas práticas, deve ser um leitor ativo de textos literários, além de ser capaz de dominar, minimamente, as ferramentas midiáticas.

Sabemos que os estudantes, ao serem incentivados a praticarem leituras reflexivas e críticas, com o tempo, podem desenvolver o gosto pela leitura dos mais variados livros, desde os textos canônicos aos textos vernaculares. De acordo com Abreu,

[...] a escola ensina a ler e a gostar de literatura. Alguns aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal (ABREU, 2006, p.16).

O ensino de Literatura, por muitos anos, foi baseado apenas no contexto histórico das obras e dos movimentos literários. Na escola, o aluno não fazia a leitura da obra literária por fruição, por gosto, lia apenas as obras indicadas para as provas do vestibular e, às vezes, o professor sugeria que ele lesse apenas o resumo e as análises publicadas na internet. Assim, percebemos que poucos alunos, com esse tipo de proposta, conseguem ser leitores literários, uma vez que não existe a leitura da obra em si e muito menos a leitura dos livros de que os alunos dizem gostar.

O professor, ao propor análises prontas, mostra que ele mesmo não fez a leitura da obra. Ele, de uma certa forma, não é um leitor ativo, uma vez que a leitura literária em suas aulas não existe; uma vez que a obra literária, neste caso, é tomada enquanto modelo de um estilo literário ou de um autor, no qual se estuda ou se lê apenas para passar numa prova.

Então, o professor precisa mostrar a seu aluno, através da leitura da obra literária o que a leitura de literatura pode oferecer, mostrando que ele pode ter autonomia para escolher seus livros e que toda literatura é importante, não existe uma melhor que a outra, são apenas diferentes.

Para que o ensino de literatura seja efetuado aos alunos de ensino fundamental II, de fato, primeiramente o professor deve apresentar textos com temas interessantes, polêmicos e atuais aos alunos e que de algum modo desperte o interesse deles. A partir da leitura desses textos o professor pode desenvolver estratégias de leituras que motivem os alunos a lerem os textos em sala de aula sem exigir e nem cobrar questões de análise literárias ou gramáticas. Geraldí (2006, p. 60-61) diz

que “o professor não deve visar à cobrança da leitura, dado que o que se busca é desenvolver o gosto pela leitura e não a capacidade de análise literária”.

O papel do professor, no que tange ao ensino de literatura na atualidade, é principalmente estimular o aluno a ter o hábito leitor, deixando com o que ele tenha liberdade de escolha, se sinta capaz de ler o que gosta, o que lhe dá prazer, não pressioná-lo com leituras que não lhe interesse.

Para Todorov (2016)

Lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência: ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. O conhecimento da literatura não é um fim a si mesmo, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um (TODOROV, 2016, p.33).

Então, hoje, o ensino de literatura no Ensino Fundamental II deve ser uma atividade motivadora e prazerosa, que faça o aluno querer ler por iniciativa própria, sem premiação, sem promessa de ponto pela leitura por parte do professor. O aluno deve descobrir que o livro é um mundo fantasioso que ele irá desvendar.

A partir dessas reflexões alguns questionamentos surgem na nossa rotina como professores: Será que estamos sendo mediadores de práticas de leitura em sala de aula? Que leitura eu quero que meu aluno pratique? Que leitor eu quero formar?

Se não somos professores leitores, muito possivelmente não conseguiremos ser mediadores de práticas de leitura, pois o professor mediador tem que indicar as leituras para seus alunos: não qualquer leitura. Precisa-se ter contato, primeiro, com o texto para depois levá-lo para a sala de aula. O professor tem que mostrar que gosta de ler, pois, se o aluno não sentir esse gosto pela leitura no professor, ele também, muito provavelmente, não vai gostar de ler.

De acordo com Moura (1994 *apud* MAIA, 2007, p. 35), “Ao protagonizar a história de uma infância sem livros de literatura para crianças e jovens, de uma vivência escolar em que apenas o livro didático foi objeto concreto de leitura, o professor pode repetir o mesmo enredo com seus alunos.”

Para trabalhar com literatura no ensino Fundamental II, o professor precisa ser um leitor ativo, para assim, ele se tornar um mediador de leitura proficiente. Com isso ele poderá mostrar a seus alunos os diferentes aspectos que envolvem a obra literária como: compartilhar títulos de obras

que já leu, falar sobre seus autores preferidos; informar a seus alunos sobre estratégias leitoras; além de refletir com eles acerca dos diferentes sentidos presentes nos textos. O professor, para incentivar a leitura, precisa ser modelo de leitor e assumir o papel de “ensinar a ler”. Lajolo (1993, p. 108) enfatiza que um “professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê”.

O professor precisa saber como e por que ler literatura para poder incentivar seus alunos nessa prática. Bloom (2000, p. 09) diz que “Como ler (se o faz de maneira proficiente ou não) e o que ler não dependerá, inteiramente, da vontade do leitor, mas o porquê da leitura deve ser a satisfação de interesses pessoais.”

Nesse contexto, é importante ressaltar que o caminhar do professor leitor, isto é, daquele professor que lê e incentiva a ler vai além de compartilhar títulos e nomes de autores consagrados. Quando o professor se assume como leitor ativo de obras literárias, ele assume uma postura crítica diante do que foi lido, para mostrar ao seu aluno que a leitura literária pode despertar em nós o desejo de desvendar aquilo que nos inquieta e nos atrai de algum modo. O que eles estão lendo é uma ficção que pode contribuir para humanizá-los no sentido do que nos aponta o mestre Antônio Candido:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que refutamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, do senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2006, p. 249).

Por essa razão, as práticas de leitura literária são importantes na sala de aula; porém, para que ela se concretize, o professor precisa criar o gosto pela leitura, uma vez que a leitura não se destina apenas ao aluno, mas também ao professor que é o mediador entre conhecimento–aluno. É o professor que tentará despertar no aluno o hábito de leitura, para isso “não leia com o intuito de contradizer ou refutar, nem para acreditar ou concordar, tampouco para ter o que conversar, mas para refletir e avaliar” (BLOOM, 2000, p. 09).

Cabe ressaltar que, ao falar em leitura literária, e em ensino de literatura, pensamos na formação do professor leitor, falamos em cursos de Letras que não promovem, como deveriam, o

ensino de literatura por parte do futuro professor, uma vez que dedicam mais tempo aos estudos de História da Literatura do que à leitura de uma obra literária. Segundo Silva (2006), a falha na formação dos professores pode ser um dos fatores responsáveis pelo fracasso da escola em formar leitores proficientes.

De acordo com Silva (2006)

[...] os docentes não levam obras literárias adequadas e desconsideram o conhecimento prévio do aluno e suas expectativas de leituras, sem levar em conta também as formas de trabalho com o texto literário cujas características estão impregnadas no tradicionalismo, fazendo com que o leitor compreenda a literatura de modo mitificado, (SILVA, 2006).

A historicidade presente no ensino de literatura no curso de Letras não ensina o professor como trabalhar no Ensino Fundamental com o texto literário, não que a História da Literatura não seja importante, mas que o professor não se prenda só ao estudo da História, mas sim que se dedique também à leitura das obras, ao texto literário propriamente dito, proporcionando aos estudantes do curso de Letras a leitura deleite, que, acreditamos, possa ser o primeiro passo para a leitura crítica do futuro professor de literatura.

Segundo Silva (2009):

O professor lê e faz ler os seus alunos. O professor lê e provê conteúdo. O professor lê e prevê caminhos. O professor lê e se vê melhor nas suas caminhadas. O professor lê e se reconstrói nas experiências. O professor lê e se revitaliza incessantemente (SILVA, 2009, p. 04).

A partir da reflexão acima, podemos dizer que o papel do professor não é o de ensinar a ler, e sim de criar condições para que o aluno desenvolva o gosto pela leitura literária, de acordo com seus interesses e necessidades. Assim, preparar professores para atuar na sociedade, na qual ele incentivará práticas de leitura literária, só será viável se os cursos de formação desenvolverem no aluno-professor o gosto por essa leitura.

Segundo Todorov (2016, p. 33), “O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias que conduzem à realização pessoal de cada um”. O professor que trabalha apenas com a História da Literatura e usa a obra, pensando apenas nas questões de interpretação, não está incentivando o aluno a ler literatura. O aluno precisa ler a obra para poder gostar ou não do que

leu, levando em conta o sentido que a obra tem e o mundo que ela evoca. Para Todorov (2016, p. 76), “A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos faz compreender melhor o mundo e nos ajuda a viver.”

O leitor de literatura iniciante não lê as obras literárias para dominar uma leitura proficiente apenas, muito menos para colher informações sobre as sociedades sobre as quais foram criadas, mas sim para entender o mundo no qual vive, buscando na literatura conhecimentos que usará para compreender melhor a si mesmo. E cabe ao professor-leitor promover essa prática na escola.

2.1 O professor leitor e o ensino de literatura com as novas tecnologias

Ao olharmos hoje, para o ensino da Literatura em sala de aula, observamos que as práticas escolares continuam resistentes às mudanças. O ensino de Literatura no Ensino Fundamental II é, praticamente ignorado, pois a escola tem priorizado o ensino da Língua Portuguesa a partir dos conteúdos gramaticais, deixando de lado a leitura de obras literárias ou usando-as para atividades de interpretação e análises linguísticas.

A escola, com o advento da tecnologia e da internet, tem agora um aliado para promover na sala de aula as práticas de leitura. A maioria de nossos alunos tem acesso a um computador com internet, ou mesmo a um celular. Existem vários aplicativos (Wattpad, Leíame, Amazon Kindle e outros) que podem ser baixados no computador ou celular no qual o aluno tem acesso a obras literárias. Cabe ao professor, mediador de conhecimento, utilizar a tecnologia como suporte para suas aulas de leitura. Já que os alunos não gostam de ler o livro, que tal passar um filme baseado numa obra literária? E após assistir ao filme o professor pode sugerir a leitura da obra, pedindo que os alunos façam um paralelo entre o filme e o livro. No início eles reclamarão, mas o interessante é, inicialmente, usar as obras que eles gostam de ler, como *A culpa é das estrelas*, *Como eu era antes de você*, *A barraca do beijo*, para depois introduzir obras como alguns clássicos de Alencar, Machado de Assis, João Cabral de Melo Neto e demais escritores.

Nos últimos anos a literatura tem aparecido em novos suportes, que vão além do livro impresso, e o professor precisa saber usar esses suportes a seu favor. Muitos alunos, na hora de comprar a obra, dirão que não têm condições financeiras para isso, então o professor, com seu conhecimento sobre as novas ferramentas digitais, irá sugerir aplicativos que baixam livros de

graça no celular. Ler literatura na nova era digital não será problema, o que está faltando é um mediador proficiente.

Para Maia (2013):

Não bastasse o fato de as TICs permitirem que os sujeitos da periferia entrem em contato com práticas de textos antes restritas aos grupos de poder, elas ainda possibilitam e potencializam a divulgação desses textos por meio de uma rede complexa, marcada por fluidez e mobilidade que funcionam paralelamente às mídias de massa (MAIA, 2013, p. 69-70).

Os textos são visualizados por várias pessoas ao mesmo tempo, os alunos agora têm contato com qualquer obra literária que tiver interesse de ler, basta acessar a rede, se conectar e procurar nos vários sites disponíveis aquilo que ele quer ler, mas sempre informando ao aluno os riscos de se usar a internet, procurar sempre sites confiáveis e não exagerar no uso do celular no seu dia-a-dia, mesmo que seja para a leitura de uma obra.

E para incentivar mais ainda as práticas leitoras surgiram os *youtubers*, influenciadores digitais que comentam sobre livros, expõem *bookshelf tours*, prática que consiste em mostrar suas estantes de livros, comentar e recomendar exemplares, além de falar sobre as novas aquisições. Isto tem contribuído na formação de leitores. Porém o professor deve sempre mediar o uso das mídias e canais de *youtubers*, uma vez que nossos alunos não têm a maturidade necessária para usar essas ferramentas sem um mediador.

É interessante que o professor reflita acerca do seu papel no ensino de literatura hoje, tendo em vista que até então, ensinar literatura era trabalhar em sala de aula apenas os estilos literários como Barroco, Arcadismo, Romantismo e outros, lia-se pouco a obra literária desses estilos, o professor trabalhava, às vezes, só com o fragmento da obra. Todorov criticou muito essa forma de trabalhar literatura. E em sua obra *A literatura em perigo* (2016) menciona isso.

O perigo mencionado por Todorov não está portanto, na escassez de bons poetas ou ficcionistas, no esgotamento da produção ou da criação poética, mas na forma como tem sido oferecidas aos jovens, desde a escola primária até a faculdade: o perigo está no fato de que, por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária (TODOROV, 2016, p.10).

A literatura, nessa nova era tecnológica, tem outros suportes além do livro impresso e cabe ao professor promover experiências de leitura aos alunos que possibilitem novas vivências literárias permeadas pela multiplicidade de significações, exploração de novos territórios de sensorialidade e sensibilidade, para quem sabe assim despertar no aluno o prazer pela leitura de ficção.

Assim, observando esse novo viés em que a era das tecnologias digitais tem colocado a literatura, podemos dizer que o uso da internet tem possibilitado uma interatividade muito grande entre leitor e autor, pois o leitor virtual é disperso e não quer apenas ler, ele também quer interagir com a obra e se transportar pelos hipertextos navegando por infinitos textos simultaneamente. Entendendo-se o hipertexto como “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor” (LÉVY, 1999, p.56).

Segundo Silva (2004):

A leitura de hipertextos também torna os leitores mais participativos na construção do sentido textual, uma vez que o ato de ler e o ato de escrever tornam-se inseparáveis. A crítica hipertextual estimula uma “autoria compartilhada”, transformando leitores em leitores-autores ou *wreaders*, como propôs Cornis-Pope, pois qualquer contribuição na web, criada por um leitor, é rapidamente avaliada por outros leitores (SILVA, 2004, p. 1114).

O professor, usando essas tecnologias em suas aulas, principalmente, nas aulas de leitura, incentivando essa interatividade aluno e autor, mostrará a seus alunos novas possibilidades de textos que se revelam a nós no ciberespaço, que influenciam na construção de um leitor com perfil mais ativo frente ao que se lê. Para que a obra faça sentido é preciso a interação direta do leitor, interação que nos tira do mero papel de leitores e nos apresenta como exploradores de um mundo de infinitas navegações.

[...] ainda acrescentam que o leitor pode consultar e navegar por leituras paralelas ao texto principal, pode ainda ler e escrever sobre o que está lendo ou sobre o que está pensando, tendo-se opções de ler e escrever simultaneamente. Rompe-se assim com os ditames do ato de ler, haja vista que o leitor comum ganha vez e voz na materialidade digital. Muda-se assim, os modos de se conceber a leitura, mas as características éticas e estéticas da literatura se mantêm (SILVA E COSTA, 2012 *apud* SILVA, 2017, p. 218).

Uma maneira de introduzir essa prática na vida escolar é utilizar o letramento literário associado às mídias. Podem ser consideradas mídias digitais: os celulares, computadores, *tablets*,

e-books. Usando essas mídias na sala de aula, no qual o professor será o mediador dessa prática, os alunos, mesmo aqueles que não possuem essas mídias, terá o contato com as obras literárias no formato digital, pois a maioria desses alunos não costuma ter contato com a obra literária nem no formato impresso nem no digital.

O aluno, ao ter contato com a obra digital, na qual ele interagirá com outros leitores, podendo a partir dessas leituras criar uma *fanfic*¹ (*fanfiction*-ficção de fã) poderá aos poucos encontrar “prazer” na leitura literária, tornando-se assim um leitor crítico e autônomo, capaz de escolher seus leitores e saber o porquê de tê-los escolhido. Tudo isso será útil para que, além de adquirir consciência da importância da leitura em suas vidas, eles possam compartilhar suas experiências literárias através das mídias, a fim de que outros educandos possam aproveitar seus conhecimentos e suas reflexões em seu cotidiano.

Mesmo que na escola não tenha laboratório de informática é possível trabalhar com as mídias nas aulas de literatura, só precisa o professor, principal mediador, estar disposto a conhecer e saber utilizar esses instrumentos midiáticos. Temos, todavia, um problema: se o professor não gosta de ler, não tiver tempo para ler, como irá planejar suas aulas utilizando essas mídias? E se ele não se interessar por elas? Acreditamos que, se ele pretende trabalhar com Letramento Literário, precisará repensar sua prática cotidiana na escola:

[...] a educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações, assim os alunos terão acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs, podendo aliar leitura, interpretação e até mesmo entretenimento no processo de ensino-aprendizagem (MORAN, 2008, p. 05).

Acreditamos que o professor é o agente capaz de promover uma mudança no ensino da leitura literária na escola, mas para que isso ocorra ele precisa pensar em introduzir o uso das TICs na sua prática cotidiana. O professor não pode ficar alheio ao crescimento acelerado da tecnologia, os alunos matriculados no Ensino Fundamental II vivem num espaço extraescolar envolto em tecnologia, pois eles conseguem criar vídeos, fazer leitura de hipertextos, navegar por sites que às vezes o próprio professor não consegue. Sendo assim, em vez de impor uma aula tradicional, cuja

¹Uma história escrita por fãs, a partir de um livro, quadrinho, animê, filme ou série de TV. (AZZARI; CUSTÓDIO, 2013, p.74),

chance de o aluno se interessar por uma leitura imposta é muito pequena, talvez seja o momento de o professor tornar sua aula mais prazerosa com os conhecimentos socializados dos alunos.

Para Kenski (2008, p. 09), “não são as tecnologias que vão revolucionar o ensino e, por extensão, a educação como um todo. Mas a maneira como esta tecnologia é utilizada para a mediação entre professores, alunos e informação”.

É interessante frisar a importância em construir o conhecimento literário, usando as mídias como instrumento que auxiliará o professor nesse processo de ensino, uma vez que as práticas de leitura, sejam elas em texto impresso ou digital, podem ativar no leitor vários fatores que influenciarão o seu conhecimento de mundo.

O professor deve ser o motivador da aprendizagem do seu aluno, fazendo com que ele alie o prazer que sente pela tecnologia às experiências cotidianas, principalmente a da leitura de texto literário, podendo a partir das redes sociais, incentivar seus colegas a lerem o que eles estão lendo a partir da criação de *blogs*, nos quais irão postar as suas leituras diárias, ou então tornando-se um *booktuber*, em que ele, por meio de vídeos, irá comentar os livros que leu e publicará num canal do *Youtube*.

De acordo com Braga (2007, p. 190 *apud* LIMA; GRANDE, 2013, p. 47) “o termo *blog* foi usado pela primeira vez por John Barger, em 1997, para descrever sites pessoais com comentários e *links* que fossem atualizados com frequência.”

O *blog* é uma ferramenta que deveria ser utilizada pelo professor no incentivo da leitura literária, pois temos *blogs* literários com uma gama de informação sobre as obras literárias além de obras para serem baixadas para leitura. Além do mais o aluno pode criar seu próprio *blog* postando as leituras de que ele mais gostou. Ele pode realizar essas atividades usando seu celular.

Percebemos que para trabalharmos com os textos midiáticos em sala de aula não é necessário o laboratório de informática, basta termos o celular, um notebook, data show e internet. E a mediação do professor para podermos trabalhar de acordo com a BNCC.

A BNCC, Base Nacional Curricular Comum referente ao Ensino Fundamental, foi aprovada em 2017, constituindo-se em nova fonte de orientação de propostas pedagógicas das escolas. Apresenta em seu texto uma proposta para o uso da tecnologia na sala de aula, além de sugerir o uso de textos digitais nas aulas de Língua Portuguesa, porém o lugar da Literatura continua como nas outras propostas curriculares sem um lugar específico na grade curricular. Assim percebemos um desprestígio à formação de leitores de literatura na BNCC.

Isso fica claro na enumeração das competências específicas da área de linguagens, nas quais em nenhuma das seis competências a palavra literatura aparece, o que reforça a tese de que a literatura tem valor menor na proposição de documentos como a BNCC (PORTO, A. P. T. ; PORTO, L. T. , 2018, p. 19).

A literatura entra nas competências específicas de Língua Portuguesa, competência 9. Percebemos que a Literatura continua sendo uma parte da disciplina de Língua Portuguesa, o interessante seria que se criasse a disciplina de Ensino de Leitura de literatura para o Ensino Fundamental II.

Um das competências da BNCC para Língua Portuguesa está relacionada ao uso das mídias, que foi muito importante Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (BRASIL, BNCC, 2017, p. 63).

É interessante ver os documentos abordarem o uso da mídia na sala de aula, mas é lamentável ver que num documento tão importante a literatura não seja um objeto essencial para a formação dos jovens leitores. A BNCC foca o ensino de literatura voltado para as práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para a fruição, mas não torna o ensino de Literatura o centro do ensino da língua.

A literatura entra na BNCC no campo artístico-literário de Língua Portuguesa, destacando as produções literárias clássicas a fim de intensificá-las e também outras manifestações artístico-culturais, porém a orientação não delimita o campo para o trabalho com a literatura, mas abrange o espaço para as manifestações artísticas gerais.

para o nosso trabalho.

Observamos que a posição adotada pela BNCC com relação à literatura é que para o documento ela parece ser uma espécie de desdobramento da Língua Portuguesa, em que se diferenciam apenas pelo aspecto artístico do texto.

Mesmo a literatura não tendo um papel tão importante na BNCC, cabe apenas ao professor mediador tornar o trabalho com ela tão importante quanto o de Língua Portuguesa. “A leitura literária de textos de qualidade pode oferecer momentos de respiro em nossa realidade. Toda ficção

é uma criação sobre o humano: o material da literatura é a vida em suas várias manifestações” (CARVALHO; BAROUKH, 2018, p. 18).

2.2 O prazer de ler literatura

Hoje, vivemos a era da tecnologia. E essas novas tecnologias de informação e comunicação trouxeram para nós diferentes formas de ler e ver o mundo. O livro impresso, que antigamente poucas pessoas tinham condições de comprar, agora está disponível, ao menos uma parte dela, no meio digital. Podemos encontrar sites de biblioteca, acervos públicos de obras literárias, livros que podem ser baixados e arquivados, temos hoje toda uma facilidade para se trabalhar com o texto literário na escola, só falta agora saber explorar essa literatura de forma que traga prazer para nossos alunos.

É importante aprender a incentivar os alunos a terem seu gosto literário próprio e a dividir com seus colegas essas leituras literárias que tem “o poder de enriquecer a vida e o pensamento” (TODOROV, 2016, 12).

De acordo com Silva e Magalhães:

Aristóteles, em *A arte poética*, nos ensina que a literatura é mimese, ou seja, recriação estética da realidade. Ao contrário de seu predecessor, Platão que via a obra literária como mera imitação dos mundos das aparências e, por isso, prejudicial ao amadurecimento do ser humano, já que o afastava ainda mais do mundo ideal, para Aristóteles, a faculdade de criar, aliando o sensível e o racional, é inata ao homem e, além de lhe proporcionar conhecimento, é fonte de prazer (SILVA; MAGALHÃES, 2011, p. 81).

O “prazer” aqui abordado é aquele que o leitor sente quando está lendo uma obra, aquela sensação de fazer parte da história, de se emocionar com o que está ocorrendo com as personagens. Para que a leitura literária seja prazerosa, o professor precisa usar “uma didática que trabalhe a corporeidade do aluno, que possibilite o desenvolvimento de suas relações sensíveis com o mundo, que desenvolva emotividade e imaginação” (SILVA; MAGALHÃES, 2011, p. 90).

O contato com o livro impresso ou digital é a primeira motivação para a leitura. O professor não deve impor aos alunos o seu gosto, ele precisa usar novas estratégias para incentivar esses alunos a criarem o gosto pela leitura literária, e o primeiro passo é conhecer o que os alunos gostam de ler e motivá-los a fazerem outras leituras, não por obrigação, mas por “prazer”:

O prazer não estaria pré-estabelecido no texto, mas surge no jogo erótico, poderia assim dizer, entre leitor e texto, no espaço da leitura. O prazer da leitura não se dá pela rapidez ou lentidão em que ela é feita, mas pelas relações estabelecidas pelo leitor e texto. Portanto fica esvaziada qualquer tentativa de julgamento do texto. Segundo esse critério, o prazer é pessoal, intransferível (MARCELINO, 2003, p.48).

Sobre essa leitura prazerosa podemos dizer que ela faz com que o leitor pare e pense em outras coisas, ele pode ouvir outras vozes, mas o prazer continua sendo um ato solitário, não social, mesmo que as “vozes” que ele ouve, que ultrapassam o texto, o sejam. O prazer não é algo simples, pois não é um elemento do texto. É algo do leitor. O professor pode ter prazer com a leitura de determinada obra, porém o aluno pode não sentir esse mesmo prazer. As obras literárias não trazem, impregnadas em si, as sensações prazerosas. Essas são estabelecidas no momento da leitura. “Ler um texto literário proporciona não só o conhecimento de autores e de várias maneiras de ver o mundo ser concebido como também fortalece a aquisição de hábitos de leitura intercultural pela riqueza humana que dele emana, provocando o prazer de ler.” (OLIVEIRA, 2015, p. 35)

Para Barthes (1996, p.21), “texto de prazer é aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura”.

Assim, podemos dizer que a literatura pode nos causar esse prazer, pois ela é uma arte e, como toda arte, não reproduz fielmente o real através das palavras, mas sim representa-o. A arte literária parte do concreto, por exemplo, das efemeridades da sociedade, para recriá-la no mundo da ficção. Ficção essa que dá euforia aos seus leitores, enchendo-os de conhecimento. Para que nossos alunos comecem a querer ler por prazer o professor precisará pensar em novas estratégias de leitura:

De que adianta conhecer as práticas de leitura e não desejá-las? Não ter prazer com elas? Por isso é que propomos aqui uma reflexão sobre a necessidade de formar leitores desejosos da leitura; que elejam como prática voluntária e cotidiana, não por exigência institucional; por uma urgência, sim, de experimentar o prazer de ler (MORAES, 2014, p.26).

Nossos alunos sabem ler, alguns gostam até de literatura, mas o grande problema de formar leitores literários na escola é a falta de objetivo de muitas atividades relacionadas à leitura, muitas dessas atividades acabam fazendo o aluno se afastar da literatura:

O desprestígio que a literatura tem sofrido nas escolas, ao ser preterida pelos “gêneros que circulam na sociedade”, tem privado o jovem leitor de um contato mais estreito com esse texto que, ao contrário do que alguns defendem, serve para ensinar a ler e, muito mais que isso, serve para ensinar a gostar de ler (HERKENHOFF, 2015, p. 51-52).

Sabemos que através da literatura podemos tomar contato com a vida, conhecemos lugares a que nunca fomos e talvez nem iremos. A escola, no papel do professor, precisa promover em suas aulas momentos de leitura literária com o objetivo de despertar nos nossos alunos o gosto pela ficção, o encantamento pelas personagens, para que ele perceba que as verdades veiculadas numa obra literária, pelas relações e ações das personagens, que atuam nesse mundo fictício, também representam, às vezes, as verdades humanas, como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem.

Cabe à escola o papel de formar o leitor literário, entretanto para que isso aconteça é necessário que a escola proporcione ao aluno atividades de leitura de textos literários na sala de aula, propiciando a eles o contato com o livro impresso para que construam aos poucos seus hábitos leitores.

Já o professor, principal mediador, deve incentivar a leitura de contos, novelas, romances e poemas, iniciando com obras menos complexas até chegar nas mais complexas. Quando falamos em obras menos complexas são aquelas obras que estão próximas do horizonte de expectativa do leitor, cuja leitura é facilmente compreendida. Como exemplo de obras menos complexas temos os romances considerados *best sellers*.

[...] imagina-se que se uma pessoa tem o hábito de ler obras como as de J. K. Rowling (autora da série *Harry Potter*) e Stephenie Meyer (autora da Saga *Crepúsculo*), seu horizonte como leitor não se expande, posto que seu nível de criticidade sempre veja “mais do mesmo”. Assim, caso esse mesmo leitor experimente leituras mais complexas, como James Joyce, José Saramago ou Guimarães Rosa, bem como outros grandes nomes da literatura universal, há uma grande possibilidade de que sua percepção aumente quanto às nuances que uma obra narrativa bem trabalhada pode oferecer (USZYNSKI, 2018, p. 27).

Sabemos que a leitura de *Crepúsculo* está mais próxima do horizonte de expectativa do leitor do que uma obra de James Joyce, por isso os alunos devem preferir a leitura da primeira obra,

pois a segunda tem uma leitura mais densa, a linguagem mais difícil, entretanto, são obras de James Joyce, Guimarães Rosa que podem despertar no nosso aluno o encantamento, o exercício da reflexão e a aquisição do saber por meio das palavras.

[...] há de se entender que cada leitor carrega consigo histórias, saberes e desejos que são o terreno onde a literatura poderá se estabelecer como possibilidade estética. A mediação da leitura literária, em vez de se deter em técnicas de estímulo à leitura, deve visar o desenvolvimento de um sujeito leitor que frequenta a literatura por escolha e que constrói para si concepções e gostos a partir de critérios próprios e também compartilhados culturalmente, fundados nas suas relações sociais e na subjetividade, critérios estes que podem ser ampliados e transformados com novas experiências mediadas pela escola (MORAES, 2014, p. 33-34).

Sabemos que nenhuma leitura é ruim demais para um leitor que gosta de ler. O prazer de descobrir coisas novas, novos mundos, não pode encontrar preconceitos em seu caminho. A melhor maneira de influenciar nossos alunos à prática de leitura literária é mostrar-lhes que a leitura é uma atividade prazerosa, e não tentar conduzir suas leituras a partir de uma perspectiva nossa. Para isso devemos dar acesso aos alunos a todos os livros possíveis e deixá-los ler à vontade.

Para Moraes (2014, p.33), “o objeto dessa reflexão deve servir para incluir os sujeitos, acolhendo suas diferenças e evitando preconceitos que desestimulam a participação, reprimem gostos e impedem a liberdade de escolha, tão caras à experiência literária”.

Assim, professores de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental II, estão diante de um “grande problema”: como garantir o encontro com a literatura de qualidade, aquela capaz de não só despertar o deleite por uma história divertida, mas também, e principalmente, através de um bom livro inquietar-se com prazeres humanos como: pensar, decifrar, argumentar, raciocinar, contestar, uma vez que a escola não lhes proporciona esse contato com a obra integral, e sim apenas com fragmentos que aparecem nos livros didáticos?

Na verdade, o professor pode usar esses fragmentos para despertar nos alunos o prazer da leitura. O importante é que professores e alunos devem ler, podendo ser a obra integral ou apenas fragmentos da obra no livro didático, que podem ser o “estopim” para se chegar ao texto na íntegra presente numa biblioteca. O que tem que mudar é como esta leitura está sendo realizada, pois a maior reclamação feita pelos alunos é a leitura por obrigação, ler para preencher fichas de leitura, ler para responder a conteúdos gramaticais ou ainda responder questionários. O professor deve

conhecer a obra integral a que o fragmento faz referência e pode, com suas habilidades profissionais e pessoais, criar uma situação de expectativas de leitura que leve seus alunos, ao menos uma parte deles, a ter vontade de se deparar com o texto integral.

O professor deve repensar os caminhos que tem percorrido para desenvolver o gosto literário em seus alunos porque o modelo que ele tem seguido, de leitura de fragmentos para responder a questões ou chegar a exercícios gramaticais está fadado, há tempos, ao fracasso e só tem afastado estudantes do contato com as obras literárias. “Para chegar ao máximo do prazer da leitura, ‘não devemos desperdiçar nossas forças, lendo de modo errático e desavisado’. Portanto, enquanto não amadurecermos como leitores, algum aconselhamento sobre leitura pode ser-nos útil, talvez, até mesmo essencial” (BLOOM, 2000, p. 07).

Devemos repensar sobre o tipo de leitor que queremos formar, pois “formar um leitor literário pressupõe dar acesso ao aluno nos mais diferentes modos que a literatura encontrou e vem encontrando para representar a realidade” (NOGUEIRA, 2017, p. 53). Cabe ao professor preparar aulas que instiguem os alunos a se interessarem por um texto, criando expectativas de leitura, por exemplo, ou mesmo estabelecendo desafios de leitura para os alunos. Toda criatividade no trabalho em sala de aula é bem-vinda se o fim for aproximar o aluno da leitura do texto literário.

Sabemos que a leitura literária não deve ocorrer apenas no ambiente escolar, a família precisa também incentivar essa prática em casa. Os pais deveriam ser os primeiros a oferecer um livro a seus filhos. Nas reuniões de Pais e Mestres a cobrança da Direção escolar com relação à falta de incentivo dos pais com a leitura dos filhos é constante.

Observamos que a prioridade dos pais quando o filho passa no final do ano escolar é dar um celular de presente para ele. A criança mal sabe decodificar os signos e o pai acha importante a criança ter um celular! O livro para muitos pais é algo supérfluo, sem muita importância, ou, nos dias de hoje, infelizmente, até um “perigo”, pois pode discutir temáticas, cujos próprios pais, muitas vezes, são incapazes de discutir e veem como um “assédio”.

A escola e a família deveriam caminhar juntas em prol de práticas de leitura que visassem à formação leitora e crítica dos alunos. A leitura literária tem que sair dos muros da escola e entrar na casa de nossos alunos, embora devesse sair da casa e acompanhar o aluno à escola:

A escola é, especificamente, a instituição social encarregada de promover, aprofundar e sistematizar a formação instrucional e a educação da comunidade. Porém, ela não deve estar sozinha nessa tarefa. Certamente, o que a escola poderia fazer seria envolver a família na empreitada da leitura; convocá-la a participar dos

programas, das ações que objetivam promover a convivência do aluno com a cultura escrita (ANTUNES, 2009, p.188).

A leitura deve e pode ser ensinada em casa, como qualquer outro conteúdo, e, para tanto, é necessário empenho e organização dos pais. Os pais precisam ajudar a escola nesse processo de letramento literário, pedindo que seus filhos leiam para eles, contém as histórias que já foram lidas e, assim, juntos, escola e família podem formar esse leitor crítico e autônomo, apaixonado por literatura, que tanto queremos.

Dalvi (2013, p. 78) diz que devemos “formar leitores que leiam com gosto, com sensibilidade, com ‘conhecimento de causa’ e com discernimento, na escola, fora da escola e para além da escola”.

O que tem faltado na escola para que essa prática se efetive é o professor se tornar esse mediador entre a família e a escola, criando projetos de leitura que estimulem a participação da família na vida escolar do filho, proporcionando atividades lúdicas entre os pais e os filhos nas leituras de textos literários. “Falta, portanto, uma aliança entre escola e família, para que a leitura ocupe, sem desconfianças, o lugar que, legitimamente, lhe cabe na formação da pessoa” (ANTUNES, 2009, p.188).

Então, cabe ao professor de Língua Portuguesa a dura tarefa de propiciar a seu aluno o gosto pela leitura de literatura. “Ler textos literários possibilita-nos o contato com a arte da palavra, com o prazer estético da criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia e do sonho, expressos por um jeito de falar tão singular, tão carregado de originalidade e beleza” (ANTUNES, 2009, p. 200).

Para o professor propiciar um ensino de literatura que leve o aluno a ter gosto pelo texto literário precisará usar estratégias diversificadas para essa prática, uma delas poderá ser a sequência básica proposta por Cosson (2009) em seu livro *Leitura literária: teoria e prática*. Essa sequência básica, atrelada ao meio digital, poderá motivar os alunos a praticarem leitura literária por prazer, pois estão lendo não para ganhar nota, mas para ver o mundo através das palavras e também para estimular outros leitores a lerem a obra ao assistirem um *booktube*. *Booktube* é um canal onde uma pessoa, normalmente jovens, postam vídeos sobre livros no *Youtube* e, nesse canal, além de postar resenhas de livros, acabam falando também dos melhores livros que leram no ano.

O professor pode também, nas práticas de leitura literária, incentivar o aluno a usar o meio digital para buscar por filmes, jogos e outros materiais disponíveis sobre as obras literárias que lhes interessam. Exemplos desse tipo de pesquisa são as sagas, como *Harry Potter*, *Crepúsculo*, *Percy Jackson*, cujas obras estão disponibilizadas em vários formatos. A obra pode levar os alunos a consumirem filmes, jogos e outros materiais literários sobre o mesmo conteúdo, aumentando assim seu gosto por descobrir novos textos.

O aluno, com o incentivo certo, aos poucos, vai buscando novas leituras, leituras mais densas, que também propicia o “prazer” de ler. O escritor, quando escreve uma obra, inventa suas histórias ao sabor de uma imaginação sem fronteiras e consegue, com isso, encantar ainda mais o leitor. E, pensando nisso, não deixamos de constatar que é o texto literário, escrito com qualidade estética, que torna o caminho da leitura mais aprazível. Bloom propõe uma fórmula de leitura em seu livro *Como e porque ler*:

Proponho uma fusão de Bacon, Johnson e Emerson, uma fórmula de leitura: encontrar algo que nos diga respeito, que possa ser utilizado como base para avaliar, refletir, que pareça ser fruto de uma natureza semelhante à nossa, e que seja livre da tirania do tempo. Falando concretamente, antes de mais nada, busquemos Shakespeare, e deixemo-nos por ele ser encontrados. Para que Rei Lear nos “encontre” é preciso refletir e avaliar até que ponto a natureza da peça é como a nossa, até que ponto a peça nos diz respeito (BLOOM, 2000, p. 09).

É a literatura, arte da palavra, com suas obras canônicas e vernaculares, que motivam o leitor a procurar nas suas páginas o “prazer” mais facilmente acessível, aquele “prazer” que faz o leitor querer terminar a leitura longa para saber o que acontece com sua personagem preferida, que o faz reler duas ou três vezes a descrição de uma paisagem, que fechando os olhos é como se ele estivesse naquele ambiente. Mas há um certo “sofrimento”, muitas vezes, que deve ser enfrentado e superado para se obter o prazer por ler, como também afirma Bloom.

Às vezes nos questionamos: por que lemos literatura? Por que queremos que nossos alunos leiam literatura? Sabemos que o texto literário aborda, na maioria das vezes, temáticas sobre o ser humano, em todas as suas falas e contradições. A literatura nos mostra situações que não vivemos, mas que estão próximas a nós, “ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente” (CANDIDO, 1995, p. 245). Há, assim, a partir da fala de Candido, grandes chances de o texto literário contribuir para a maior sensibilização de nossos alunos.

De acordo com Bloom (2000, p. 19), devemos ler literatura:

[...] Quanto mais não seja, para melhor conhecermos a nossa realidade, a nossa vulnerabilidade perante o destino, e aprendermos a apreciar, do ponto de vista estético, o tato e o suposto distanciamento de Turgenev como contista. Se a história contém alguma ironia, a mesma decorre do próprio destino, um destino tão inocente quanto a paisagem, os meninos e o caçador (BLOOM, 2000, p.19).

Assim, sabendo o porquê de ler literatura, podemos inseri-la na escola aos poucos, unindo as práticas de leituras literárias digitais, criando na escola um espaço para leitura, o qual será uma construção coletiva de informações sobre obras literárias, isto é, o professor pode criar uma comunidade de leitores, em que escola, família e aluno possam juntos extrapolar a leitura da obra, criando em suas redes sociais páginas sobre obras, escritores e sagas. Entre si eles trocam informações, dão dicas e elaboram vídeos explicativos sobre a obra e nossos alunos só precisarão de um mediador e da família que os auxiliem nesse novo mundo literário digital.

3 LETRAMENTO LITERÁRIO: ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O termo letramento tem sido muito usado nas últimas décadas. Mas qual o conceito que temos de letramento?

O termo letramento faz referência a quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita e de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas. Para atingir esse estado ou condição é necessário o leitor dominar o código escrito e, ao fazer uso dele, ser capaz de participar das situações sociais que exigem o uso da leitura e da escrita a partir de suas necessidades pessoais ou da sociedade em que vive (SOARES, 2006, p. 38).

Para Kleiman (2004), letramento é: “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 2004, p.19).

Observando os conceitos de letramento apresentado por Soares (2006) e Kleiman (2004) podemos notar que eles envolvem vários tipos de usos da escrita, uma vez que temos muitas práticas sociais que usam a escrita e existem inúmeros objetivos para os quais essas práticas podem ser efetuadas nos mais diversos contextos.

Então, podemos dizer que o letramento é um fenômeno muito amplo e que não está restrito apenas ao circuito escolar, ao espaço da escola, ele está em todo lugar que as práticas sociais acontecem.

A partir dessa reflexão, podemos acatar o conceito de letramento nas práticas de leitura literária, o qual chamaremos de letramento literário, que nada mais é do que o conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária. A escrita literária é aquela fundamentada na ficcionalidade que se opera por diversas formas de figuração mimética (dramática, lírica, narrativa, épica).

Para Zaponne (2008, p. 05), “letramento literário, sendo esse compreendido como o conjunto de práticas sociais que usam a escrita ficcional ou escrita literária enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia em contextos específicos e para objetivos específicos.”

Com o surgimento do termo letramento literário, várias pesquisas foram realizadas com o intuito de se criar estratégias de práticas de leitura a partir do texto literário, procurando formentar o letramento literário na escola.

Sabemos que o ensino de literatura no anos finais do Ensino Fundamental é quase inexistente, então, uma proposta que vem sendo usada por alguns professores para ensinar literatura

é o letramento literário proposto por Cosson (2009), pois sabemos que, ao utilizar o texto literário nas suas aulas, o professor estará contribuindo por formar um sujeito livre, responsável e crítico.

O letramento literário enquanto construção literária dos sentidos se faz indagando ao texto quem e quando diz, o que diz, como diz para que diz e para quem diz. Respostas que só podem ser obtidas quando se examinam os detalhes do texto, configura-se um contexto e se insere a obra em um diálogo com outros tantos textos. Tais procedimentos informam que o objetivo desse modo de ler passa pelo desvelamento das informações do texto e pela aprendizagem de estratégias de leitura para chegar à formação do repertório do leitor (SOUZA; COSSON, 2011, p. 103)

Ler literatura, para algumas pessoas, é uma viagem ao mundo imaginário das palavras. É tocarmos cada página com nosso olhar e adentrarmos nesse mundo imaginário como se fosse o nosso. A interação leitor-texto é a melhor maneira dessa viagem acontecer, mas, infelizmente, vivemos em uma sociedade em que ler literatura é privilégio de poucos, pois o livro é caro, e mesmo com o acesso à tecnologia, na qual muitos podem ter através do celular e computador, o contato com a literatura ainda está relegado a segundo plano.

A escola, o local em que os alunos deveriam ter acesso a esses livros e à prática de leitura do texto literário, não tem proporcionado isso a esses jovens, nem despertado neles o gosto pela leitura, uma vez que o professor usa os textos literários como pretexto para ensinar conteúdos gramaticais, “portanto, se o objetivo da escola é formar um aluno crítico e transformador, um leitor perspicaz da realidade, é preciso, antes de tudo, dar-lhe a chance, de imaginar, de “desver” o mundo com as palavras”(NOGUEIRA, 2014, p. 57).

Nessa sociedade, na qual a leitura é um dos meios de acesso ao letramento, o professor tem papel fundamental, pois é através dele que os alunos ampliarão sua visão de leitura de textos literários para além das competências leitoras e escritoras, e, só assim os alunos conseguirão chegar ao letramento literário.

É preciso alimentar a imaginação de nossos alunos, compartilhar leituras com eles e oferecer-lhes experiências de fruição para que descubram os encantos da literatura como forma de arte que possibilita conhecerem melhor a si mesmos, ao mundo e aos que o cercam, para que se tornem pessoas mais sensíveis, mais críticas, mais criativas (BALDI, 2009, p. 08,).

Segundo Cosson (2009, p. 16), “A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente na exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana”. Entretanto, o professor tem trabalhado a leitura de textos literários nas aulas de Língua Portuguesa de forma fragmentada, uma vez que prefere usar os textos que estão no livro didático, que são trechos do texto original.

No livro didático os textos literários são usados apenas para a interpretação e compreensão textual, na maioria das vezes o aluno nem sabe o nome do autor da obra fragmentada que leu. O professor não explora as potencialidades da linguagem, não mostra ao seu aluno que ele pode reconstruir o mundo pelo poder da palavra. Então, se o único meio de ter acesso à literatura for através do livro didático, o professor precisa criar estratégias para usar o texto do livro didático de forma que o aluno passe a apreciar a literatura, tomando gosto pela leitura e criando hábitos de leitura no seu cotidiano.

Não podemos negar que essa escolarização pode acontecer de maneira inadequada quando a escola utiliza um texto literário deturpando-o, falseando-o, transformando o que é literário em pedagógico. Para se evitar esta inadequação, alguns cuidados devem ser tomados, tais como privilegiar o texto literário e prestar atenção ao escolher o texto do livro didático, pois esse pode estar fragmentado, além do mais já se trata da transposição de um suporte para o outro (SOUZA, COSSON, 2011, p. 103).

Ao trabalhar com o texto literário fragmentado, com o intuito apenas de interpretação, essa leitura, simplesmente, afasta o aluno do “gosto” pela leitura literária, uma vez que a leitura se torna uma obrigação, apenas para responder a questões ou por buscar uma nota.

Dessa forma se o professor pedir para o aluno ler um livro, isso será seu pior pesadelo, porque ele não tem esse hábito, e saberá que além de lê-lo, ele ainda terá que responder a inúmeras questões sobre o que leu. Alguns nem leem, pesquisam na internet as perguntas já respondidas e entregam para o professor. Outros leem o resumo da obra e, ao final, a leitura nem acontece como deveria acontecer, aquela leitura que levaria o aluno a refletir sobre o que leu e para que leu.

O professor, com seu conhecimento leitor pode preencher essas lacunas dos “trechos literários” e despertar no aluno, o leitor para buscar a obra na íntegra numa biblioteca ou nos aplicativos de leitura literária.

Para Cosson (2009)

[...] é justamente por ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (COSSON, 2009, p. 30).

Sabemos que não é apenas na escola que os alunos têm contatos com textos literários. Em casa, mesmo não tendo livros literários, eles acabam tendo contato com poemas, contos, novelas, rap através da internet, entretanto, é na escola que ocorre o processo de ensino e aprendizagem. A escola é, para a maioria dos alunos, o único espaço de contato com textos de toda ordem, principalmente os literários. Cabe assim, a escola promover um letramento literário que faça o aluno ler variados gêneros literários.

O letramento patrocinado pela escola é apenas um dentre vários outros letramentos. O mesmo se dá com o letramento literário: os indivíduos podem relacionar-se com o ficcional por meio de várias outras práticas, em contextos diferentes e com objetivos diferentes, tais como a internet, as novelas televisivas, as minisséries, as anedotas, os best-sellers, o cinema, o cordel, o rap, o teatro, formas ficcionais de variados gêneros com os quais os alunos se relacionam em outros contextos e que são desconsiderados pela escola (ZAPONNE, 2008, p.59).

Assim, a escola é o espaço adequado para se desenvolver o letramento literário, porém, nesse espaço, as práticas de leitura de textos literários esbarram em muitos obstáculos, um deles é o próprio professor. O professor, nas aulas de leitura de textos literários, apenas tem usado o texto para trabalhar conteúdos gramaticais ou leitura oral para saber como está a capacidade leitora do aluno.

[...] é importante compreender que o letramento literário é bem mais do que uma habilidade pronta e acabada de ler textos literários, pois requer uma atualização permanente do leitor em relação ao universo literário. Também não é apenas um saber que se adquire sobre a literatura ou textos literários, mas sim uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço (SOUZA, COSSON, 2011, p. 103).

Precisamos resgatar a leitura de textos literários na escola, não apenas ler por ler, mas para promover uma leitura centrada na aquisição de conhecimento, na qual o aluno apreciará

esteticamente os textos literários, fazendo seu uso nas diversas práticas sociais em que ele está inserido.

Segundo Cosson (2009):

A prática da literatura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. Por essa exploração, o dizer o mundo (re)construído pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como prática fundamental para a construção de um sujeito da escrita. Em outras palavras, é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha também é de todos (COSSON, 2009, p. 16).

Observamos que pessoas que têm hábitos de leitura, isto é, leem livros literários ou outros textos, podem possuir mais facilidade para escrever, isso ocorre porque elas passam a ter o conhecimento do outro e do mundo que passa a ser seu. “A leitura é, portanto, atividade responsiva do leitor que mergulha na corrente de enunciados e produz sentidos, (re)cria experiências, sensações, imagens” (NOGUEIRA E LAPLANE, 2017, p.16).

A escola reclama tanto que os alunos não conseguem escrever textos variados, mas não procura inserir nos seus projetos a prática de leitura literária, o que tem se incentivado é a leitura de textos jornalísticos, como crônicas, notícias e reportagens. Não que essa leitura não seja significativa, porém a literária faz com que o leitor viaje por épocas e situações que eles jamais imaginaram, além de formar “leitores que buscam no texto literário conhecimento, sabedoria, prazer, crítica e por que não? – consolação, indispensáveis à vida” (DALVI, 2013, P.79).

Ao ler o texto literário, o aluno se apropriará de saberes que depois serão liberados nos seus textos escritos, metamorfoseando as formas discursivas.

Na opinião de Cosson (2009):

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos (COSSON, 2009, p. 17).

Ao ler o texto literário o aluno conhecerá os acontecimentos do passado, do ponto de vista do autor, podendo aceitar a opinião dele ou refutar. Essa leitura permitirá ao aluno ter a experiência literária por meio do olhar do outro, e assim vivenciar uma história que não é sua, mas que pode lhe trazer novas experiências.

Cosson (2009) explica que o letramento literário se trata de um fenômeno dinâmico, que não se encerra em um saber ou prática delimitada a um momento específico, mas a sua apropriação significa um modo singular de construir sentidos através do literário em uma comunidade de leitores críticos e autônomos.

Para Zaponne e Yamakawa (2013, p. 187)

O conceito de letramento literário aplicado ao ensino de literatura amplia a perspectiva de como a leitura literatura deve ser encarada, pois permite compreender que há um letramento literário escolar formal, regido por normas e convenções de leitura e há outro letramento literário, o social. As práticas de letramento literário, nesse sentido, seriam incalculáveis ao estender o fenômeno do letramento literário para além dos bancos escolares (ZAPONNE; YAMAKAWA, 2013, p. 187).

Acreditamos, assim, que o letramento literário é singular no processo educativo por ir além da simples leitura na escola, o aluno aprende a ler também o mundo que o cerca, por meio da palavra de ficção. Não devemos abordar na escola apenas as obras clássicas, o aluno deve trazer para a escola a literatura de que ele gosta, desde os *best-sellers* ao rap que ele ouve, para juntos conhecermos as características de cada uma, sem a concepção de que uma é melhor ou pior que a outra.

É por isso que devemos resgatar a leitura literária e transpô-la para além dos muros da escola, porque não se educa apenas intelectualmente uma criança, ensinando-lhe conteúdo das várias disciplinas do currículo. Na escola é preciso existir também uma educação da sensibilidade, e que será responsável pelo aprimoramento das relações dessa criança com as outras pessoas.

3.1 O ensino da leitura literária nas escolas

Nos últimos anos, vários artigos científicos têm abordado o uso do texto em sala de aula, trazendo para os professores teorias que possam auxiliá-los em suas aulas, mas o que temos ouvido

e visto divulgado em jornais e revistas é que, mesmo assim, o analfabetismo funcional ainda se mantém grande.

Uma parcela de nossos alunos está chegando às Universidades apenas decodificando os signos. Esses alunos são oriundos de escola pública. Em sua maioria, lá eles não desenvolveram as capacidades de interpretação de texto, faziam apenas leituras superficiais, sem compreender o que estavam lendo. Nos perguntamos como eles conseguiram entrar na universidade? Alguns desses alunos ingressam na universidade pelo sistema de cotas.

A escola pública precisa repensar suas práticas pedagógicas, promovendo em seu ambiente práticas de leitura literária desde as séries iniciais até o último ano do Ensino Fundamental, pensando em qualidade de leitura, para que, assim, o analfabetismo funcional venha a diminuir e possamos formar leitores reflexivos. Para isso acontecer, todavia, o percurso escolar precisa privilegiar a leitura em sala de aula, em especial, a leitura literária.

Percebemos que a Literatura pode oportunizar aos nossos alunos, práticas leitoras reflexivas, pois ela amplia os níveis da realidade. O aluno busca no imaginário aquilo que pode ser real no seu cotidiano. Além do mais os textos literários proporcionam aos alunos os mais diferentes saberes.

[...] as formas de representação da realidade que achamos na literatura- em todas as variedades que a constituem; representações miméticas, paródicas, míticas etc. – projetam uma luz sobre o mundo conhecido, que reinterpreta para o leitor a forma habitual de entendê-lo. Assim, o texto literário ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la, posto que, verbalizá-la, cria um espaço específico no qual se constroem e negociam os valores e o sistema estético de uma cultura (COLOMER, 2007, p.26-27).

Ao pensarmos no tanto que a literatura pode contribuir no processo educativo dos alunos, nos indagamos sobre o porquê de algumas escolas públicas do município de Marabá-PA não trabalharem (ou trabalharem muito pouco) com os textos literários nas aulas de Língua Portuguesa.

São muitos os empecilhos para o ensino de leitura a partir dos textos literários; um, muito importante, é a falta de biblioteca na maioria das escolas públicas desse município. Nossos alunos são, em sua maioria, da classe baixa, sem contato com obras literárias. Mesmo no mundo globalizado em que vivemos, com acesso fácil à internet, muitos dos alunos das escolas públicas

desse município não têm celular e muito menos computador, eles teriam mais contato com o livro se na escola houvesse biblioteca com livros de literatura, não apenas didáticos.

Além da falta de biblioteca, surge outro empecilho, o professor de Língua Portuguesa tem priorizado as práticas de leitura apenas dos textos dos livros didáticos, pois é mais cômodo usar o que já está pronto. Reclamam que não têm hora-atividade para fazer seus planejamentos, e o livro didático torna-se seu único instrumento de ensino. Mal sabe o professor que está condenando seu aluno a se tornar um mero leitor-decodificador.

A escola, ao incentivar a leitura literária em seu ambiente, irá perceber que está propondo a seu alunado um diálogo entre as dimensões cognitivas e afetivas dos mesmos. A literatura é um instrumento de formação intelectual, cultural e social e a partir da leitura dos textos literários os alunos poderão compreender o mundo que os cerca, além de concordar com ou discordar do que leram.

Quando a escola perceber a importância da literatura na sala de aula, as práticas de leitura poderão começar a ter um novo sentido, pois os professores buscarão estratégias de leituras que desenvolvam nos alunos campos de conhecimento como o linguístico, o textual e o de percepção de mundo, para que assim eles construam o sentido de seus textos.

A escola, quando pensa em formar um leitor, deve levar em consideração o caminho percorrido, pois neste processo de formação, o leitor deve experimentar o prazer de desvendar o texto, apropriando-se dele, extraindo desse texto todos os conhecimentos que forem possíveis e que o motivem a não parar de ser leitor efetivo, porque temos observado que na maioria das vezes, o professor, ao trabalhar com o texto literário, acaba desmotivando o aluno a continuar essa prática devido às atividades cobradas, atividades que não têm significado para o aluno. E assim, estabelece-se um círculo vicioso: aluno desmotivado, professor desmotivado: ambos não leitores.

Devemos pensar na literatura como elemento significativo para a formação leitora no Ensino Fundamental II, visto que o ensino de Língua Portuguesa, baseado nos gêneros textuais diversos, ministrado nas escolas públicas, parece não conseguir formar leitores críticos e reflexivos.

Segundo Cosson (2009):

No Ensino Fundamental a Literatura tem sentido tão amplo que engloba qualquer tipo de texto escrito que apresente característica da ficção ou poesia. Porém tanto a escola como os livros didáticos substituíram a leitura de obras por textos curtos do gênero jornalísticos, sob a alegação de que os textos literários não seriam

material adequado de leitura de modelo de escrita escolar (COSSON, 2009, p. 21).

Sabemos que alguns textos literários são complexos e de difícil entendimento, algumas vezes, entretanto, quando usamos as estratégias adequadas à leitura desses textos, permitimos que o leitor tenha uma visão crítica do que está lendo, desenvolvendo uma capacidade de reflexão que lhe possibilitará compreender o texto lido, relacionando-o com a realidade vivenciada por ele, na maioria das vezes. O mundo imaginário do texto literário transporta nossos alunos para lugares, épocas e situações que nenhum texto jornalístico será capaz de fazer.

Conforme Belintane (2013, *apud* ALVES, 2015, p. 14)

[...] a força criativa da imaginação e a intenção estética despertam no aluno o interesse em permanecer lendo a fim de descobrir as sutilezas e segredos que uma leitura literária pode lhe proporcionar, promovendo nele sentimentos tais como rejeição, afeição, amizade, desprezo, entre outros (BELINTANE, 2013, *apud* ALVES 2015, p. 14).

Entendemos que a atividade de leitura literária não é fácil e que não podemos esperar que, todos os alunos a compreendam e tenham sucesso ao realizá-la, porém é essencialmente importante que o professor esteja preparado para a realização de outras atividades que ajudem esses alunos a se apropriarem do texto literário de forma prazerosa, mobilizando seus saberes aprendidos com as estratégias de leitura utilizadas pelo professor.

Notamos que, quando a escola alfabetiza o aluno, as práticas de leitura ficam relativas apenas às habilidades de compreensão do texto, porém as atividades realizadas são apenas as do livro didático, e o que se tem observado é que muitos alunos não conseguem responder às atividades sozinhos, pois não compreendem o texto e, além disso, o professor não usa nenhuma estratégia de leitura para ajudá-los na compreensão do texto, faz apenas, em alguns casos, uma leitura em voz alta.

Na escola, quem deve ensinar estratégias de leitura é o professor. Ele deve propor estratégias que motivem seus alunos a lerem para além da sala de aula, o desejo pela leitura precisar transpor os muros da escola. Para que isso aconteça, ele pode usar as estratégias propostas por Cosson (2009).

Cosson propõe uma série de estratégias para a leitura literária, que envolvem a seleção dos textos literários, atividades de compreensão desses textos, a leitura do texto e a interpretação.

[...] o ensino da literatura deve ter como centro a experiência do literário. Nessa perspectiva, é tão importante a leitura do texto literário quanto as respostas que construímos para ela. As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não a mera leitura de obras. A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários (COSSON, 2009, p. 47).

O caminho que o autor propõe sistematiza as atividades com textos literários em duas sequências exemplares: sequência básica e sequência expandida.

Essas duas sequências não devem ser vistas como limites para as aulas de literatura, e sim como modelos que podem ser seguidos para que as aulas de leitura literária tenham algum significado para os alunos. Elas estão fundamentadas em três perspectivas metodológicas: a técnica da oficina, a técnica do andaime e a técnica do portfólio.

Aos usarmos essas metodologias nas nossas aulas de leitura estaremos dando aos nossos alunos suporte para sua inserção, pois cada uma auxilia nossos alunos a ampliarem e consolidarem seu repertório cultural. Com relação a essas perspectivas metodológicas, Cosson (2009) diz o seguinte:

A primeira dessas perspectivas é a técnica bem conhecida da oficina. Sob a máxima do aprender fazendo, ela consiste em levar o aluno a construir pela prática seu conhecimento. [...] A segunda perspectiva é a técnica do andaime. Trata-se de dividir com o aluno e, em alguns casos, transferir para ele a edificação do conhecimento. Ao professor, cabe atuar como andaime, sustentando as atividades a serem desenvolvidas de maneira autônoma pelos alunos. [...] A terceira perspectiva é a do portfólio. Tomada de empréstimos das áreas de publicidade e finanças, passando pelas artes visuais, o uso do portfólio oferece ao aluno e ao professor a possibilidade de registrar as diversas atividades realizadas em um curso, ao mesmo tempo em que permite a visualização do crescimento alcançado pela comparação dos resultados iniciais com os últimos, quer seja do aluno quer seja da turma (COSSON, 2009, p. 48-49).

Quando o aluno passa a construir seu conhecimento a partir da leitura dos textos literários, podemos afirmar que ele começa a se tornar um leitor crítico, pois o leitor crítico constrói significados a partir das leituras do mundo lá fora que colaboraram para a construção do mundo interior desse leitor.

Para o leitor crítico a leitura tem que ser sentida, refletida, indagada. Na construção do leitor crítico, o sujeito sofre conflitos e passa por inúmeras mudanças interiores, mudanças essas que, com o novo conhecimento, colocam à prova o que o leitor já sabia.

É esse tipo de leitor que a escola pública tem que formar e por esse motivo buscamos resgatar a literatura na escola, a fim de contribuir com o processo de letramento literário, que é tão importante para nos humanizar, enquanto pessoas sociais que somos.

Assim, é obrigação da escola e, também dos professores, pesquisar as potencialidades do texto literário, criando estratégias para que o estudo do texto literário seja prazeroso e significativo para o aluno.

3.2 Estratégias para o ensino de literatura no Ensino Fundamental II

Sabemos, hoje, que a maioria dos professores têm dificuldades em trabalhar textos literários na escola e de sugerir aos alunos a leitura de livros variados. Podemos dizer que a escola pública não tem ajudado muito na formação de um leitor literário capaz de fazer as escolhas de suas próprias leituras. Com isto, a escola acaba afastando os alunos, ao invés de aproximá-los, da literatura. É preciso não escolarizar a leitura literária de forma a destruir sua ludicidade.

Para isso o professor pode trabalhar com a leitura a partir do letramento literário, pois acreditamos que, na escola, a leitura literária “[...] passa a ser o processo de formação de um leitor capaz de dialogar no tempo e no espaço com sua cultura, identificando, adaptando ou construindo um lugar para si mesmo, um leitor que se reconhece como membro ativo de uma comunidade de leitores” (COSSON, 2009, p. 120).

Ainda para Cosson (2009):

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. [...] Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário (COSSON 2009, p. 27).

O professor precisa realizar atividades de leitura usando diferentes estratégias para despertar no aluno o gosto pela leitura e, principalmente, sem relacioná-la, necessariamente, a uma nota. Para isso, Cosson (2009) sugere duas sequências para a leitura de textos literários na sala de aula: a sequência básica e a expandida. O presente estudo vai se deter apenas na sequência básica.

A sequência básica consiste em quatro etapas: a motivação, a introdução, a leitura e, finalmente, a interpretação.

Se cada etapa da sequência básica for trabalhada adequadamente, no final do projeto de leitura desenvolvido pelo professor poderemos ter leitores literários autônomos. Quando falamos em leitor autônomo, estamos falando daquele aluno-leitor que seja capaz de buscar por leituras nos mais diferentes suportes e de acordo com suas necessidades. Ao fazer essa busca, ele decide o que ler e o que não ler.

Então, a melhor forma de trabalhar o ensino da literatura na escola é a partir de um movimento contínuo de leitura, isto é, “[...] partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno” (COSSON, 2009, p. 47-48). Destacamos que para acompanhar esse movimento, o professor deve selecionar as obras literárias conhecidas e as não conhecidas, além de ter uma boa metodologia para fazer esse trabalho na sala de aula.

Cosson (2009) propõe que ao iniciar o letramento literário, o professor utilize inicialmente a estratégia de motivação, essa estratégia consiste em preparar o leitor para entrar no texto. Essa motivação tem que ser bem planejada para que ela não acabe influenciando a leitura de apenas um aspecto da obra literária, delimitando em vez de ampliar os sentidos do texto.

Sobre a motivação, Cosson diz que:

[...] é preciso lembrar que a motivação prepara o leitor para receber o texto, mas não silencia nem o texto nem o leitor. É preciso confiar mais em ambos, sobretudo quando tratamos de leitura literária. Naturalmente, a motivação exerce uma influência sobre as expectativas do leitor, mas não tem o poder de determinar sua leitura. Aliás, influências sempre existem em qualquer processo de leitura. A questão, então, não é se a motivação exerce ou não influência, mas sim, se essa influência é bem-vinda ou desejada pelo professor no trabalho que pretende realizar com seus alunos (COSSON, 2009, p. 57).

O momento com a estratégia de motivação não deve ultrapassar uma aula, pois se ultrapassar ela não cumprirá seu papel dentro da sequência. A motivação deve ser planejada de acordo com a obra a ser lida. Se for um conto, o professor pode conversar sobre a temática da obra, propor questionamentos sobre o título, pedir aos alunos que anotem tudo para ser discutido de maneira breve.

A segunda estratégia é a introdução, nessa aula o professor vai apresentar o autor e a obra. Essa parte é de extrema importância, pois o aluno terá contato com a obra, a sua estrutura física, o

livro. Mesmo que na escola não tenha a obra e o professor for usar uma cópia, ele precisa ter o texto na íntegra para os alunos manusearem e lerem.

Quando o professor falar do autor, ele precisa ter cuidado para esse momento não ser muito extenso, não se deve falar da biografia toda do autor, mas apenas do necessário, falar sobre o que causará conhecimento e curiosidade.

De acordo com Cosson (2009), para uma boa introdução:

[...] é preciso que o professor tenha sempre em mente que a introdução não pode se estender muito, uma vez que sua função é apenas permitir que o aluno receba a obra de maneira positiva. Desse modo, a seleção criteriosa dos elementos que serão explorados, a ênfase em determinados aspectos dos paratextos e a necessidade de deixar que o aluno faça por si próprio, até como uma possível demanda da leitura, outras incursões na materialidade da obra são as características de uma boa introdução (COSSON, 2009, p.61).

No momento da introdução, o professor deve ser bem criativo para não espantar o aluno com a obra que ele está sugerindo para a leitura. Como os alunos do município de Marabá não têm muito contato com as obras literárias, o professor deve iniciar com uma que eles já tenham ouvido falar pelo menos no nome do autor.

Depois da introdução passamos à tão esperada leitura. Esse é o momento principal, a leitura da obra. O professor nesse momento precisa usar estratégias que lhe garantam que o aluno realmente leu a obra, que não foi só a algum site e copiou o resumo dela.

Na estratégia de leitura o professor primeiramente deve negociar com seus alunos o período para a realização da leitura da obra. Dentro desse período temos os intervalos, que são os momentos em que o professor propõe atividades específicas sobre a obra.

Para Cosson (2009):

É durante as atividades de intervalos que o professor perceberá as dificuldades de leitura dos alunos. Esse intervalo funciona assim, prioritariamente, como um diagnóstico da etapa de decifração no processo de leitura. Por meio dele o professor resolverá problemas ligados ao vocabulário e à estrutura composicional do texto, entre outras dificuldades ligadas à decifração (COSSON, 2009, p. 64).

Durante os intervalos na aula de leitura, o professor observará as dificuldades específicas de cada aluno para em seguida fazer uma intervenção eficiente, que poderá formar um leitor autônomo e crítico.

E a última estratégia de leitura proposta por Cosson (2009) na sequência básica é a interpretação.

Na visão de Cosson (2009, p. 64), “a interpretação parte do entretecimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade”. Isto significa que a interpretação é o momento de aprendizagem para o aluno do que está no texto, e a partir dessa aprendizagem o aluno fará reflexões sobre o que leu, relacionando tudo isso com o autor e a comunidade na qual ele está inserido.

No letramento literário a interpretação está dividida em dois momentos: uma interior e outra exterior.

Segundo Cosson (2009), o momento interior é aquele momento de encontro do leitor com a obra, por isso é um encontro individual. É quando o leitor vai buscar sua história e seus momentos familiares para contribuir de forma favorável (ou não) com esse momento interno. A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura.

Já o momento externo para Cosson (2009) é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade.

É a partir dessa estratégia de leitura que percebemos o letramento literário na escola, uma vez que essa leitura é feita na escola, do ponto de vista do letramento literário, difere da leitura literária feita em casa só pelo prazer da leitura. Quando lemos em casa, ao terminarmos de ler a obra, sugerimos aos nossos amigos a leitura dela, falamos de como essa leitura nos afetou e o quanto essa leitura foi prazerosa ou não.

Cosson (2009) ressalta que:

Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura COSSON, 2009, p. 66).

Para as atividades de interpretação, Cosson (2009) sugere algumas, mas o professor deve ter em mente que as atividades de interpretação são a externalização da leitura, isto é, o registro do que foi lido e que essas atividades devem levar em conta a série que o aluno está estudando. Uma atividade muito usada por alguns professores é o júri simulado, essa atividade é de julgamento, no

qual os alunos fazem o julgamento de uma personagem. O júri simulado é organizado de acordo com as práticas do tribunal. Além disso, recordamos aqui também os *booktubers*, pessoas que mantêm um canal no *Youtube* dedicado à literatura e ao hábito de ler. Esses tipos de atividade é bem interessante de ser feita por nossos alunos como registro de interpretação de obras lidas.

Cosson (2009, p.68) explica que “O importante é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa reflexão de uma forma explícita, permitindo o diálogo entre os leitores da comunidade escolar”.

Partindo desse pressuposto, temos que procurar estratégias variadas para incentivar nossos alunos a lerem literatura, e uma estratégia sugerida por Cosson (2009) é a sequência básica, para se trabalhar a leitura das obras literárias em sala de aula de forma prazerosa. Precisamos fazer dos nossos alunos leitores literários e para isso podemos trabalhar nas vias do letramento literário.

4 O CONTO FANTÁSTICO “AS FORMIGAS”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

4.1 O gênero conto fantástico

O conto fantástico está entre as literaturas que caminham pelo campo do imaginário. Esse gênero apresenta definição complexa, pois possui dualidade de entendimento, não se revela por completo de um só ângulo. O *fantástico* é alvo de vários estudos, e a cada momento ele apresenta novas particularidades que advêm das diferentes formas de combinação com outras categorias literárias, principalmente com o *maravilhoso*.

Pensar o conto fantástico é pensar em sua estrutura e no que motiva os leitores a lerem esse tipo de narrativa. O conto fantástico surgiu no final do século XVIII e prolongou-se pelo século XIX, quando atingiu seu auge.

No início, para definir o conto fantástico, Lovecraft (2007) assevera que o conto fantástico era aquela narrativa que tinha fantasmas como tema, cujas histórias fugiam do cotidiano e faziam a imaginação do leitor ir além do fato real. Nessas narrativas é apresentado um mundo, às vezes, deslumbrante e, outras vezes, medonho ao leitor.

Segundo Lovecraft (2007), o fantástico possui como objetivo principal: causar medo nas pessoas, para trazer à tona o pavoroso de cada um, o ponto fraco.

Observamos esse medo nas personagens do conto *As formigas*, de Lygia Fagundes Telles, quando as formigas começam a montar o anão.

Muitos autores como Lovecraft (2007), Magalhães (1972), Todorov (2009) têm conceituado o conto fantástico ao longo dos anos, e todos os conceitos levam para o mesmo entendimento. O conto fantástico causa medo, tem uma quebra no cotidiano, fazendo o real e o imaginário se misturarem. Esse tipo de conto tem duplo entendimento, isto é, pode ter duas explicações: uma natural e outra sobrenatural, variando em função do que o leitor acredita.

Conforme Magalhães (1972, p. 92):

Quanto mais intensas, empolgantes e macabras são tais aventuras, maior é o êxito dessas histórias que produzem calafrios e pavores. Seus autores, com a intuição peculiar aos artistas, descobriram que a humanidade tem, entre muitas outras, a estranha volúpia do medo (MAGALHÃES, 1972, p.92).

Todorov é um dos grandes estudiosos clássicos do conto fantástico, para ele a principal característica do *Fantástico* é “a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2009, p.31).

Para Todorov (2009) o conto, para ser considerado fantástico, exige três condições. O conto fantástico deve obrigar o leitor:

I- a considerar o universo das personagens como seres que têm vida;

II- a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural;

III- a recusar tanto uma interpretação “alegórica” quanto uma interpretação “poética” do texto.

Só que para Todorov (2009), apenas a primeira e terceira característica constituem verdadeiramente a construção do *Fantástico*. Se um conto tiver duas das condições citadas por Todorov ele é considerado um conto *Fantástico*.

Por exemplo, no conto *As formigas*, de Lygia Fagundes Telles, as personagens são assombradas por formigas que aparecem à noite e somem pela manhã, sem deixar rastro algum, até as que são mortas pelas personagens somem como se nunca tivessem aparecido. As formigas aparecem por três noites, o objetivo delas é montar o esqueleto de um anão que está dentro de um caixote.

Todorov (2009) comenta que o fantástico acontece quando algum componente em um cenário familiar causa estranheza e incerteza. Como observamos no conto *As formigas*, os acontecimentos intrigam o leitor e as personagens, que diante dessa circunstância, hesitam, perguntando-se se o que está acontecendo é resultado de um dado da realidade ou é fruto do sobrenatural. Nesse ponto temos uma das condições de Todorov para o fantástico: “A hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural.”

Temos então no conto a hesitação, que para Todorov é “condição essencial para o fantástico. (2009, p. 31).

A maneira como a história é contada, o tom da narrativa e diversos outros elementos semeiam desconfiança e hesitação em relação aos fatos, mas não dá a eles uma resposta satisfatória, deixando em aberto ambas as probabilidades, cujas leis da natureza podem ou não ter sido violadas em algum ponto.

Isso é a marca do fantástico: o número de coincidências envolvendo as formigas beira o inverossímil, sem chegar a ser impossível. Portanto são fatos que causam hesitação e estranheza,

mas não recebem nenhuma explicação, deixando o leitor, mas não necessariamente a personagem, numa zona de dúvida. Para Todorov (2009, p. 39), é a hesitação do leitor que dá vida ao fantástico.

[...] a hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem; desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra, [e] no caso de uma leitura ingênua, o leitor real identifica-se com a personagem (TODOROV, 2009, p. 39).

No conto *As formigas* a hesitação do leitor é provocada com mais facilidade, uma vez que as duas personagens têm reações distintas. Enquanto uma tinha percepção do mundo de modo passivo, a outra interagia de forma ativa, através de ações concretas.

Telles optou por uma narradora mais emotiva e intuitiva, fazendo com que o relato seja cheio de medo, insegurança e dúvida. Esse tipo de narrador reforça o critério de Todorov (2009) acerca da classificação do conto fantástico.

O narrador representado convém ao fantástico, pois facilita a necessária identificação do leitor com as personagens. O discurso deste narrador possui um estatuto ambíguo e os autores têm explorado diferentemente enfatizando um ou outro de seus aspectos: quando concerne ao narrador, o discurso se acha aquém da prova de verdade; quando à personagem, deve se submeter à prova (TODOROV, 2009, p. 94).

Baseando-nos em Todorov (2009), podemos comparar o fantástico com uma gangorra, que é composta por dois lados. Durante a leitura do conto fantástico, o leitor poderá tender para um lado ou outro, conforme o que, na sua visão, tiver maior peso. A leitura será influenciada por elementos naturais ou sobrenaturais.

Ainda levando em conta as condições para um conto ser fantástico analisamos que existe uma certa ambiguidade nos contos da Lygia Fagundes. No conto *As formigas*, a ambiguidade acontece por meio da narradora que interpreta os eventos de sua vivência como estranha, no entanto são reais ao leitor, uma vez que a personagem possui uma testemunha das ciências, a estudante de medicina, que confirma a ocorrência dos episódios, ou então ela se deixou levar pela interpretação da prima. No conto fantástico cabe às personagens criar as dúvidas em relação a um determinado fato, através do seu discurso ou de uma reação imprevista.

De acordo com Sônia Régis (1998):

Lygia Fagundes Telles serve-se da linguagem para transcender o real aparente e imediato, transportando-nos para a intimidade do objeto de seu conhecimento. (...) A narrativa de Lygia Fagundes Telles obriga-nos ao distanciamento do conhecimento dito objetivo para nos expor à nossa evidente, mas sempre repelida, subjetividade. Obriga ao conhecimento do mundo pelo reconhecimento dos sentidos, do imaginário, sutilezas do emaranhado da mente. [...] sua narrativa nos faz experimentar os limites da possibilidade de significação do objeto narrado e por isso nos comunica um sentimento de inquietude e estranhamento (RÉGIS, 1998).

Observamos então, que o fantástico se caracteriza pela dualidade de sentidos possíveis em um mesmo texto. Isso quer dizer que, como afirma Todorov (2009, p. 31), “ao escolher uma ou outra ideia deixa-se o fantástico para entrar num gênero vizinho, o estranhamento ou o maravilhoso.”

A outra condição observada no conto *As formigas* que o leva a ser um conto fantástico é: o de considerar o universo das personagens como seres que têm vida.

Quando as formigas começam a montar o esqueleto do anão e as personagens fogem elas consideraram que o esqueleto do anão estava criando vida e que provavelmente iria lhes fazer algum mal.

Percebemos que o conceito de conto fantástico mais usado hoje em dia é o de Todorov (2009) e o processo de classificação proposto por ele depende da interpretação que o leitor tem dos eventos descritos na narrativa. Conforme Todorov (2009), o leitor deve atender a certos pré-requisitos para que a interpretação se dê de maneira correta uma vez que a interpretação é essencial para manter o gênero da obra bem definido.

Ele afirma que o fantástico pede uma interação do leitor com o mundo dos personagens, mas esclarece que são necessários termos em vista não deste ou daquele leitor em particular, real, mas uma “função” de leitor, implícita no texto (TODOROV, 2009, p.37).

Os contos de Lygia Fagundes nos cativam pelo enredo que prende nossa atenção, fazendo-nos querer saber o final.

Lygia Fagundes Telles constrói enredos em que o natural se entrelaça ao sobrenatural, agrega aos núcleos temáticos subenredos que se ramificam, a propor ambiguidades, estados sutis da psicologia, surpresas de atos falhos, abismos de dúvidas, etc. Joga de preferência com a corrente de pensamento, a rotação do drama da consciência, colocando a personagem em confiança com o leitor, num fluxo de confissão no qual se imprimem, no discurso consciente, traços impressionantes do inconsciente (LUCAS, 1989, p.126-7).

Observa-se ainda, no conto de Lygia Fagundes Telles, que as ações são criadas de modo a manter aguçada até o final a expectativa do leitor. Os eventos ocorrem numa ordem cumulativa, para que o leitor seja envolvido pela trama, construindo o clima que produzirá nele o impacto final. Esse recurso, muito utilizado nos demais contos de mistérios, tem como objetivo alcançar o ponto culminante da narrativa, que nos contos fantásticos tradicionais, em geral, é a aparição do fantasma; já em alguns contos de Lygia Fagundes Telles, o ponto culminante é a metamorfose ou o surgimento do insólito, que mantém a estranheza e o absurdo dos acontecimentos.

Nos contos fantásticos, a metamorfose é um dos elementos principais. Em *As Formigas* temos indícios de metamorfose, que vai aparecendo de forma gradativa. A transformação começa a preparar-se quando as formigas, enfileiradas, entram pela fresta da porta, dirigindo-se até o caixotinho:

- Essas formigas. Apareceram de repente, já enturmadas. Tão decididas, está vendo? Levantei e dei com as formigas pequenas e ruivas que entravam em trilha espessa pela fresta debaixo da porta, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar. São milhares, nunca vi tanta formiga assim. E não tem trilha de volta, só de ida – estranhei (TELLES, 1999, p.34).

Observamos que essas ações parecem reais, induzindo o leitor, muitas vezes, a aceitar como acontecimentos naturais as manifestações metamórficas decorrentes da fala e dos desejos das personagens.

Temos, além do narrador como elemento importante para as narrativas fantásticas, o espaço. Nos contos fantásticos ele é muito importante, uma vez que integra os componentes físicos que servem de cenário para o desenrolar da ação. A narrativa fantástica prefere locais delimitados e ambientes interiores.

No conto *As formigas*, a maioria das ações ocorre no quartinho minúsculo que as primas alugaram. Ele é descrito como um espaço sombrio. Percebemos que nessas narrativas temos a passagem de um espaço mais amplo para um espaço mais restrito, isto é, elas conheceram o sobrado, a sala do sobrado e, por fim, ficaram vivendo suas ações apenas no quartinho. Isso acontece para que um fenômeno sobrenatural ocorra, privilegiando-se assim, a criação de uma atmosfera sombria.

[...] o quarto não podia ser menor, com o teto em declive tão acentuado que nesse trecho teríamos que entrar de gatinhas. Duas camas, dois armários e uma cadeira de palhinha pintada de dourado. Com a troca da lâmpada tudo fica mais claro: Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, desatarraxar a lâmpada fraquíssima (...) e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas (...). O quarto ficou mais alegre. Em compensação agora a gente podia ver que a roupa de cama não era tão alva (TELLES, 1999, p. 32-33).

O fantástico já é observado logo no início do conto *As Formigas*. A visão do sobrado chama a atenção da narradora. Ela estranha o fato de uma das janelas estar com vidro quebrado, parecendo assim um olho a observar tudo que se passa. “Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada” (TELLES, 1999, p.31). Pouco a pouco, as personagens e o leitor vão conhecendo a pensão.

Todorov inclui objetos, espelho e óculos como pertencentes ao tema do olhar. Esses elementos parecem permitir à personagem penetrar no universo sobrenatural. Quanto ao olhar, diz Todorov: “Significativamente, toda aparição de um elemento sobrenatural é acompanhada pela introdução paralela de um elemento pertencente ao domínio do olhar” (2009, p. 29)

No conto *As formigas*, o olhar é um tema recorrente, percebemos ele de diversas formas: no início quando a prima compara as janelas com olhos tristes; no olhar da personagem para o espelho; no olhar através das lentes dos óculos; quando fala no olhar estrábico da personagem.

As janelas, no conto, representam o olhar, como se a casa tivesse vida. No início, as janelas parecem observar as personagens quando se encaminham para a pensão, deixando-as imóveis e com medo: “Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por um pedrada” (TELLES, 1999, p. 31).

No final da narrativa, o olhar da janela acompanha as personagens como se as vigiasse, no entanto já não parecem tristes. A narradora olhou para a casa como se tivesse certeza de que alguém as observava: “Quando encarei a casa, só a janela vazada nos via, o outro olho era penumbra” (TELLES, 1999, p. 38).

O conto *As formigas* atende às exigências de uma narrativa fantástica tradicional no que se refere aos critérios de Todorov (2009). Nele tem um acontecimento insólito que permeia todo o conto que é o aparecimento das formigas montando o anão, de forma que causa medo e hesitação nas personagens já que não há explicação científica para esse fato.

Além disso, temos a ambiguidade que aparece na narrativa por meio da narradora que conta os fatos como uma coisa estranha que está ocorrendo.

E por fim, o desfecho da narrativa não tem um fechamento, ficando em aberto para a interpretação do leitor.

4.2 Uma breve história sobre Lygia Fagundes Telles

A escritora Lygia Fagundes Telles é paulista, nasceu dia 19 de abril de 1923. Ela é filha do promotor Durval de Azevedo Fagundes e da pianista Maria do Rosário Silva Jardim de Moura, durante sua infância morou em várias cidades do interior de São Paulo devido ao trabalho do pai. Desde cedo Lygia começou a gostar de ouvir histórias:

[...] Lygia se lembra de que sua infância foi pontilhada de histórias, contadas por uma pajem, a Maricota. Fadas, bruxas, assombrações, sacis, florestas encantadas e mulas-sem-cabeça povoaram sua mente de menina. Eram histórias contadas à noite, na hora de dormir. Às vezes histórias de medo, às vezes de fadas boas, que davam sonhos luminosos. Mas sempre histórias que ficaram retidas na memória (e às vezes nos cadernos) e que, mais tarde, iriam alimentar seus contos e romances, onde fadas e bruxas são substituídas por gente comum, de carne e osso, gente com quem se pode esbarrar na rua (MENDES, 2016).

A paixão pela literatura motivou Lygia a escrever suas próprias histórias e com 15 anos publicou seu primeiro livro de contos *Porão e sobrado (1938)*. Formou-se em Educação Física e Direito na Universidade de São Paulo, embora sua maior paixão fosse, declaradamente, a Literatura. Porém foi no curso de Direito que Lygia teve a oportunidade de ter maior contato com a literatura.

Como estudante de Direito, a escritora passou a frequentar as rodas literárias da Faculdade, que ocorriam no Restaurante Itamarati, na Leiteria Campo Belo, na Cafeteria Vienense, no Café Seleta e na Livraria Jaraguá, esta última apresentando como grandes atrativos um salão de chá e uma galeria de arte (FANINI, 2010, p. 146).

Tornou-se grande romancista e contista, hoje Lygia Fagundes Telles está entre os melhores escritores da Literatura brasileira. Estreou oficialmente no mundo das letras no ano de 1944, com a publicação do livro de contos *Praia Viva*. Ela esteve sempre presente nas rodas literárias e atenta aos acontecimentos políticos, por isso Lygia foi uma mulher de vanguarda, representando o perfil feminino das décadas de 50 e 60. Cronologicamente, foi ligada à geração de 45, ao lado de nomes

como Rubem Braga, Dalton Trevisan, Carlos Heitor Cony e Clarice Lispector (PEREZ, 2014, p. 02).

Considerada uma das representantes do Pós-Modernismo brasileiro, ou melhor, da literatura posterior à Segunda Guerra Mundial, a sua obra reflete as mundividências do universo urbano do século XX, metonimizado no espaço brasileiro. A sua ficção, de feição intimista, penetra nos meandros da psicologia humana, nomeadamente feminina. Expondo os dramas do homem contemporâneo, mediante a construção de narrativas alicerçadas no elemento “personagem” – sustentáculo fundamental da sua escrita – os seus textos tematizam conflitos íntimos e familiares vividos, normalmente, no meio burguês, num tempo em que os fundamentos desta classe se desmoronam, efeito de uma conjuntura histórica em mutação acentuada de mentalidades e formas de vida (CHORA, 2014, p. 17).

Lygia conheceu na livraria de Jaraguá Mário e Oswald de Andrade. Naquela época a livraria era o local que os escritores gostavam de se reunir para conversar. Por lá passam escritores famosos e aqueles que estavam iniciando no mundo da Literatura.

Para a crítica, a obra de Lygia Fagundes Telles estabeleceu um interessante diálogo com a de Clarice Lispector, uma vez que ambas trabalham o universo feminino sob um ponto de vista moderno, rompendo com o moralismo social que deixava a mulher sempre à margem da figura masculina.

Traçou o perfil de suas personagens através das técnicas do fluxo de consciência e do monólogo interior, alçando-as ao posto de protagonista de suas histórias. Além de abordar intensamente a temática feminina, Lygia abriu espaço em sua obra para temas como a vida nas grandes cidades, assim como os problemas sociais e outros temas polêmicos, como drogas, adultério e o amor. É interessante ressaltar que, enquanto seus romances ganharam ares de literatura realista, nos contos, Lygia transgrediu o real, deixando clara a influência do norte-americano Edgar Allan Poe, que trilhou, em sua Literatura, por veredas fantásticas. Lygia fez a fusão do fantástico à realidade do espaço urbano, incorporando em seus contos muitos elementos modernos, como os que encontramos em *A caçada*, *Venha ver o pôr do sol* e *As formigas* (PEREZ, 2014, p. 03).

Lygia Fagundes Telles é um nome consagrado no cenário literário brasileiro dos séculos XX e XXI. Tornou-se membro da Academia Paulista de Letras (1982), da Academia Brasileira de Letras (1985), passou a ocupar a cadeira de número 16 da Academia Brasileira de Letras, e também foi membro da Academia de Ciências em Lisboa (1987).

Ela é reconhecida pelo público e pela crítica, recebeu diversos prêmios, entre eles o Jabuti, o maior da Literatura nacional, em 1965, e o Prêmio Camões, o mais importante da Literatura em língua portuguesa, em 2005. Aos 91 anos, a escritora gosta de travar longas conversas e fechar-se no universo das histórias e dos personagens que criou (PEREZ, 2014, p. 06).

4.3 O conto *As formigas*

O seu conto “As formigas”, foi publicado primeiramente no livro *Seminário dos Ratos*, em 1977, ele integra a coletânea *Mistérios*, cuja primeira edição é de 1981. Hoje, o conto também está publicado no livro *Venha ver o pôr-do-sol e outros contos*, que foi publicado em 1987. Os contos publicados nessa obra foram os que levaram a crítica literária a consagrar Telles como escritora de literatura fantástica, pois reúne histórias inquietantes que rompem com a lógica cotidiana das coisas e suscitam questionamentos sobre os limites do que se conhece como real.

O conto “As formigas”² ocorre numa antiga casa que funciona como pensão. Ele é narrado em primeira pessoa, a narradora é uma estudante de Direito. Ela vai morar nessa pensão com sua prima, que estuda Medicina. Elas protagonizam uma história sinistra, marcada pelo efeito de estranhamento. A história se desenrola no decorrer de três noites e dois dias. Logo no início do conto já percebemos o estranhamento, pois a pensão fica em um velho sobrado, que é visto pelas personagens como um lugar “sinistro”, termo referido textualmente pelo narrador desde as primeiras linhas do conto: “Quando minha prima e eu descemos do táxi já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. [...] – É sinistro!” (TELLES, 1999, p.35).

Nesse início da narrativa que mostra a chegada das estudantes à pensão, observamos logo no começo do conto a escuridão da noite, pois é sempre nesse horário que se passa a história. Convém ressaltar que no conto quase não acontecem ações durante o dia. As poucas cenas durante o dia na narrativa ocorrem muito rapidamente. Além da presença marcante da noite, desde o início, percebemos uma atmosfera estranha mostrada pelo espaço ficcional. Logo na chegada, as estudantes, ainda do lado de fora, observam o sobrado com medo. Cria-se, assim, nesse espaço, um sentimento de prenúncio, a sugestão de que algo terrível irá acontecer ali. Já dentro do sobrado as

² Resumo baseado na dissertação: MASSOLI L. C. F da S.O fantástico em contos de Lygia Fagundes Telles e Almicar Bettega Barbosa. 2018, p.71-76.

jovens são recebidas em um ambiente mal cuidado, uma saleta escura, com móveis velhos, sofá furado, almofadas que parecem feitas com restos de vestidos antigos.

As estudantes são recebidas com indiferença pela proprietária do sobrado, uma senhora velha que, na descrição da narradora, mais parece uma bruxa. A mulher é desleixada, do ponto de vista da personagem, é “balofa” (TELLES, 1999, p. 35), usa peruca negra, veste um pijama desbotado, tem unhas em forma de garras, pintadas com esmalte vermelho escuro descascado, deixando aparecer as pontas encardidas, e, apesar de uma tosse encatarrada, fuma charuto e solta a fumaça sem a menor polidez.

A dona da pensão leva as inquilinas até o quarto em que ficarão instaladas. O aposento fica no sótão e, para chegar lá, as mulheres sobem uma estreita escada em formato de caracol.

O sótão é o local em que o evento extraordinário acontecerá. As estudantes, mais uma vez, se deparam com um espaço escuro, triste e inquietante, visto que o quarto é um cômodo de tamanho diminuto e nada aconchegante. “O quarto não podia ser menor, com o teto em declive tão acentuado que nesse trecho teríamos que entrar de gatinhas” (TELLES, 1999, p. 36). Enquanto subiam a escada, sabendo que uma das moças é estudante de medicina, a velha informa que o inquilino anterior também era acadêmico desse curso e que esquecera um caixotinho com ossos no local.

Com a curiosidade aguçada pela notícia, ao entrar no sótão, a prima da narradora vai logo ao encontro do caixote e passa a examinar os ossos como se estivesse fascinada com os mesmos. “– Mas que ossos tão miudinhos! Eram de criança?” (TELLES, 1999, p. 36), pergunta a estudante de medicina e a dona do sobrado diz que eram de um anão. Maravilhada com a raridade, o tamanho, a brancura e o estado dos ossos, limpíssimos, a moça continua a examiná-los, após trocar a lâmpada por uma mais forte, enquanto a narradora desfaz a mala e instala suas coisas. Em seguida, a estudante de medicina guarda o esqueleto do anão cuidadosamente, diz que é raríssimo e que irá começar a montá-lo no fim de semana.

No decorrer da história narrada, após a ceia ligeira de um sanduíche de sardinha acompanhado de bolachas ali no quarto mesmo, a narradora reclama de um cheiro ardido e sua prima diz que é bolor, que a casa toda tinha aquele cheiro.

A estudante de Direito tem seu primeiro sonho com o anão, como um pressentimento da reconstrução do esqueleto: “No sonho, um anão louro de colete xadrez e cabelo repartido no meio entrou no quarto fumando charuto” (TELLES, 1999, p.37).

Ao acordar, vê a prima ajoelhada observando atentamente o chão:” Levantei e dei com formigas pequenas e ruivas que entravam em trilha espessa pela fresta debaixo da porta, atravessaram o quarto, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar” (TELLES, 1999, p.38).

As estudantes veem as formigas entrarem no caixote, estranham aquilo, pois os ossos estavam limpos, mas só tem caminho de ida, isto é, as formigas só entram no caixote, elas não saem. Então, o tom de mistério e terror são intensificados pelo diálogo entre as personagens:

As personagens matam as formigas, pisoteando-as, a estudante salva uma formiguinha ruiva que, segundo ela, parecia que gritava por socorro. Após a invasão das formigas elas vão dormir. A estudante de Direito sonha novamente, porém dessa vez foi com os exames, o professor fazendo pergunta uma após outra. Ao acordar, nota que o cheiro desaparecera, bem como as formigas; contudo, o intrigante é a dúvida quanto ao sumiço dos insetos. Surge nesse momento um suspense e um mistério.

Na noite seguinte, a estudante de Direito dorme cedo, mas, sentindo o mesmo odor estranho de antes; teve um novo sonho, sonha que marcara encontro com dois namorados e procura afastar o primeiro pretendente, visto que o segundo era o anão. Ao acordar, a prima está completamente estrábica e desesperada: “Aí está o mistério [...] é que os ossos estão mesmo mudando de posição, eu já desconfiava, mas agora estou certa, pouco a pouco elas estão... Estão se organizando” (TELLES, 1999, p.40).

Temos então o último sonho, ele acontece quando a estudante de direito dorme, após chegar de ressaca de uma festa. “No topo da escada o anão me agarrou pelos pulsos e rodopiou comigo até o quarto” (TELLES, 1999, p.41). A estudante de medicina apavorada acorda a narradora: “- Estão mesmo montando ele. E rapidamente, entende? O esqueleto já está inteiro, só falta o fêmur. E os ossinhos da mão esquerda, fazem isso num instante. Vamos embora daqui” (TELLES, 1999, p.42). Assim, elas saem correndo da casa, escutam um grito, que poderia ser o miado do gato ou não.

Segundo Ribeiro (2008, p. 101-102):

O mistério do conto termina em aberto com a fuga das moças. Algumas perguntas pairam no ar: o sobrenatural residia nas formigas propriamente ditas ou seriam elas apenas instrumento de algo mais extraordinário? Quem estaria organizando os ossos com tamanha perfeição? A organização seria apenas coincidência? Uma brincadeira de mau gosto da dona da pensão? Ou apenas um delírio da estudante

de Medicina, já que a protagonista tinha nojo de osso e não queria saber do esqueleto do anão? Resta ainda a possibilidade de uma interferência sobrenatural que não pode ser explicada racionalmente, permitindo assim que o conto em questão seja apontado como um conto fantástico (RIBEIRO, 2008, p. 101-102).

O desfecho do conto nos mostra uma característica peculiar das narrativas de Lygia Fagundes Telles: não há um fechamento da história, nada fica esclarecido para as personagens e para o leitor.

5 CAMINHOS METODOLÓGICOS

5.1 Abordagem metodológica

Este trabalho tem como principal objetivo incentivar a prática de leitura literária na escola, com o intuito de promover no aluno o gosto pela leitura de fruição. Para alcançar esse objetivo realizamos uma pesquisa-ação.

A pesquisa-ação é uma espécie de pesquisa alicerçada na área da Educação desde 1980. É uma prática na qual os participantes têm liberdade de observar a realidade que o rodeia e então prepara intervenções que venham a transformar essa realidade.

Conforme Thiollent (2008, p. 14),

[...]a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Esse tipo de pesquisa oferece ao professor a possibilidade de intervenção nas práticas de letramento que ele acha que não estão acontecendo satisfatoriamente ou que não acontecem de forma nenhum. O professor, na pesquisa-ação, tem mais poder de atuação, uma vez que ele fará intervenções na sala de aula, modificando algumas práticas docentes, refletindo criticamente sobre os problemas que afligem o trabalho do docente, buscando então, alternativas para a resolução da problemática.

Nossa pesquisa-ação é de base qualitativa, pois é uma pesquisa de cunho social que busca obter resultados e melhorias através de estudos que analisarão casos e práticas de aprendizagem realizadas pelos alunos. Com relação à abordagem qualitativa, Neves (2006, p. 01) enfatiza que:

[...]os estudos qualitativos são feitos no local de origem dos dados; não impedem o pesquisador de empregar a lógica do empirismo científico (adequada para fenômenos claramente definidos), mas partem da suposição de que seja mais apropriado empregar a perspectiva da análise fenomenológica, quando se trata de fenômenos singulares e dotados de certo grau de ambiguidade.

Conforme o exposto e por se tratar de um estudo educacional, o qual busca incentivar a prática de leitura literária tanto na escola como no ambiente familiar, acreditamos que esta pesquisa tem relevante importância no contexto social, uma vez que a leitura literária realizada por prazer permitirá ao leitor compreender e dar significados a esses textos, além de poder transformá-los em sujeitos ativos inseridos em uma sociedade que se transforma a cada dia, exigindo a introdução destes sujeitos em atividades cotidianas as quais contribuirão para construir suas identidades .

A pesquisa foi realizada no ano letivo de 2018, no mês de outubro, durante as aulas de Língua Portuguesa em dias não definidos e fixos. As oficinas eram realizadas uma vez por semana, foram introduzidas no planejamento mensal. Para que os alunos ficassem na expectativa não informávamos o dia da semana. Uma vez era realizado na quarta-feira, outra na sexta. E quando havia eventos na escola, a oficina era realizada em outro dia, nas aulas de Arte, já que a pesquisadora também as ministrava.

5.2 O cenário da intervenção

A presente pesquisa teve como finalidade agir de forma significativa nas práticas de leitura literária de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, considerando aspectos referentes às habilidades de leitura, norteados pelo letramento literário, visando à contextualização e à qualidade do ensino de literatura para esse segmento.

A escola escolhida para a proposta de intervenção é uma instituição pública municipal e está localizada na zona urbana do município de Marabá/PA. Importante deixar claro que a referida escola foi escolhida por se tratar do mesmo local de trabalho e atuação da pesquisadora. Esse fator facilitou o momento de recolhimento de dados, uma vez que a pesquisadora faz parte do quadro de funcionários e já está ambientada com o local e os sujeitos estudados.

É uma escola construída há 34 (trinta e quatro) anos, cuja estrutura física ainda deixa muito a desejar, tanto por falta de investimentos em reformas, como também pela má conservação por parte dos usuários da escola. Há também problemas no que concerne à prática de Educação Física já que a escola não tem quadra de esportes, existe apenas um campo de piçarra para as práticas esportivas.

Quadro 1- Espaço interno da escola

6	Salas de aula
1	Secretaria
1	Diretoria
1	Sala para os professores
1	Cozinha pequena
1	Depósito para guardar a merenda
1	Depósito para guardar material de limpeza
2	Banheiro para os alunos (feminino e masculino)
1	Banheiro para os servidores
1	Pátio

Atualmente, a instituição conta com 12 turmas, que acolhem alunos de 6 Folhas próximas da escola. A escola tem, matriculados, 385 alunos. Ela funciona em dois turnos: matutino e vespertino, distribuídos no Ensino Fundamental I e II.

O prédio, no qual funciona a escola, é alugado, por isso a prefeitura não faz benfeitoria e nem reforma, tem mais de 10 anos que a escola não é reformada, o telhado tem muita goteira, quando chove é um problema porque as salas ficam alagadas. As salas de aula têm quatro ventiladores para refrescar o ambiente, mesmo assim não é suficiente para amenizar o calor nos dias quentes.

Devido às salas de aula serem pequenas, podendo ser matriculados 30 alunos por sala, todo início de ano letivo fica uma lista de espera por uma vaga, os pais ficam esperando que outros alunos desistam da vaga para poderem matricular seus filhos. Apesar da infraestrutura da escola ser precária, os pais buscam essa escola pela qualidade do ensino que é relativamente boa.

O número de professores, componentes do núcleo gestor, equivale a 16 licenciados. Além disso, a instituição conta com 14 (onze) funcionários que atuam no secretariado, na cozinha, nos serviços gerais e agentes de portaria.

A escola não possui laboratório de informática, porém tem acesso à internet para realizar as atividades da direção e secretaria. No entanto, os alunos não têm acesso à internet da escola para realizarem suas pesquisas.

5.3 Os sujeitos da intervenção

Os sujeitos envolvidos na pesquisa são alunos do 8º ano, do Ensino Fundamental II. A turma apresenta 33 alunos matriculados. Escolhemos esta turma por ser uma das turmas em que lecionamos Língua Portuguesa e também porque temos mais proximidade com esses alunos, uma vez que já estamos ministrando aula para ela desde o 6º ano. A turma é composta por 12 meninos e 21 meninas. Eles estudam no turno vespertino.

A idade dos alunos varia de 13 a 16 anos, é uma turma mista, temos alunos com boas condições financeiras e alunos que, às vezes, não têm nada para alimentá-los em casa. Para esses alunos que não têm nada para comer em casa, a merenda da escola torna-se o único alimento que eles ingerem naquele dia. É uma turma barulhenta, com pouca concentração nas aulas, mas que tem uma grande vontade de aprender quando o assunto é do interesse deles.

A maioria dos alunos da turma prefere o uso do celular para acessar as redes sociais à leitura de um bom livro. Então esse projeto se mostra como de grande importância, pois estará incentivando as práticas de leitura literária, utilizando-se dos novos instrumentos midiáticos.

Esses alunos são filhos de pais que trabalham como pedreiros, policiais militares, vigias, empregadas domésticas, motoristas de caminhão, vendedoras de roupas além de haver alguns pais desempregados.

Percebemos que alguns alunos são pouco estimulados por seus responsáveis no tocante ao desenvolvimento satisfatório das atividades escolares e que a leitura de textos literários não é realizada em casa, ficando a escola responsável por toda aprendizagem literária do aluno.

Muitos desses alunos demonstram desmotivação nas aulas das outras disciplinas, os professores reclamam que a turma não consegue interpretar as questões trabalhadas por eles. E culpam o professor de Língua Portuguesa.

Porém, mesmo sem demonstrar gosto pela leitura, percebemos que, quando as atividades de leitura são realizadas ou propostas pelo professor de Língua Portuguesa, só uma minoria (10 alunos de 33) da turma não consegue compreender o que leu ou ainda não consegue tecer algum comentário satisfatório nas discussões propostas acerca do texto. E no que remete à leitura literária, o contato maior que estes discentes têm ocorre com os textos-recortes presentes no livro didático de Língua Portuguesa: *Para viver juntos*, de Ana Elisa Arruda Penteadó... [et al], Editora SM, adotado pela escola.

Esse livro foi escolhido no ano de 2016, a escolha foi realizada pela professora de Língua Portuguesa da escola. Dentre as coleções disponibilizadas pelo MEC, esse foi o que a professora achou mais adequado.

5.4 Material e métodos de trabalho

Esta pesquisa conta com procedimentos qualitativos de análises e classifica-se como um estudo indutivo, uma vez que sua aplicação compreende a observação e a experimentação dos fenômenos estudados (OLIVEIRA, 2005).

Então, ao se fazer a observação da realidade da escola citada, verificou-se que era possível um trabalho que envolvesse os alunos com o letramento literário. Assim, a experimentação aconteceu a partir da sequência básica proposta por Cosson (2009) que é uma proposta pedagógica dividida em etapas, cuja finalidade é dinamizar o ensino de literatura na escola e, dessa forma promover o letramento literário.

Falando ainda do método indutivo, para confirmar aqui a pertinência do uso deste nessa pesquisa, a pesquisadora Oliveira (2005) afirma:

Pode-se verificar que a indução vai do particular para o geral para se tirar conclusões. Levando-se em consideração que a ciência está em constante evolução, o método indutivo é muito importante, visto que seu ponto de partida é a observação dos fatos e dos fenômenos da realidade objetiva (OLIVEIRA, 2005, p. 56).

A partir dessa afirmação, salientamos que na nossa pesquisa partimos do particular, isto é, da investigação de uma abordagem específica de promoção do letramento literário em uma sala de aula de nível fundamental II, numa determinada escola do interior do Pará. A partir dessa abordagem seguiu-se para uma abordagem mais geral, quando fizemos uma pesquisa bibliográfica sobre as temáticas: professor-leitor, a leitura e as novas tecnologias, o prazer de ler literatura e letramento literário e elaboramos propostas que alinhem a prática pedagógica do docente de Língua Portuguesa a um trabalho de incentivo das práticas de leitura literária na escola.

Por pesquisa bibliográfica, entende-se como o apanhado teórico acerca do tema que se relaciona ao fornecimento de dados atuais e relevantes para o trabalho. Nesta pesquisa, foram consultados autores reconhecidos na área literária, que contribuem para a temática da pesquisa,

entre os quais se destacam Cosson (2009), Zaponne (2007, 2008), Todorov (2009, 2016), Roland Barthes (1996), Harold Bloom (2000), Teresa Colomer(2007) entre outros.

A partir da leitura desse aporte teórico foi estabelecida uma relação científica entre a pesquisa e as brechas existentes quanto ao letramento literário na escola. Após essas leituras, elaboramos um projeto de intervenção baseado na sequência básica (que será descrita no subtópico 5.5 desse capítulo).

Para a elaboração da sequência básica, partiu-se da escolha de uma obra literária que pudesse despertar no aluno o gosto pela leitura. Então escolhemos o conto “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles, que está na obra *Venha ver o pôr-do-sol e outros contos*. Para esse fim, foi xerocado o conto para leitura em sala de aula. Pensou-se em trabalhar com conto devido à extensão desse gênero. Uma vez que os alunos não gostam muito de ler, priorizou-se um texto curto e com temática agradável a todos na tentativa de não o aluno por conta da extensão do texto. A ideia é que, a partir de contos, possamos partir para textos mais densos, como romances.

O conto escolhido faz parte de uma vertente identificada como conto *Fantástico*, pois se trata de uma corrente literária que se volta para a construção de narrativas de acontecimentos inexplicáveis que adentram o universo real do leitor, ao se defrontar com fatos aparentemente absurdos em situações do cotidiano.

Normalmente, os alunos gostam de assistir a filmes de suspense e o conto *Fantástico* aproxima-se desse gênero cinematográfico por criar no leitor uma sensação de insegurança e perplexidade, marcada pela surpresa, estranhamento, dúvida, incômodo, angústia ou aversão.

Segundo Todorov (1981 *apud* MARINELLO, 2009, p.05) “o fantástico consiste na hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, em face de um acontecimento aparentemente sobrenatural; a fé absoluta, assim como a incredulidade total, leva para fora do fantástico; é a hesitação que dá vida ao conto”.

Observa-se que a introdução dos contos na escola tem uma importância significativa na formação da criança como ser social e como leitor. E é nesse momento que a leitura na sala de aula pode ser aproveitada, fazendo uso de textos cuja temática seja instigante para o aluno.

As oficinas de leitura ocorreram em 13 aulas de 50 minutos cada. Elas foram baseadas na sequência básica (motivação, introdução, leitura e interpretação).

A partir da análise das oficinas foi possível investigar os resultados da Sequência Básica aplicada na turma do 8º ano de Ensino Fundamental de uma escola pública da rede municipal de

Marabá/PA. Analisamos a recepção dos alunos diante da obra, da abordagem didática utilizada, das atividades propostas, depois descrevemos e interpretamos os resultados que obtivemos com a aplicação da Sequência Básica. Além disso, com essas informações, formulamos sugestões que nos auxiliassem na reformulação de propostas que envolvam o letramento literário em sala de aula.

5.5 Sequência Básica de Cosson

O projeto de intervenção foi pensado de forma a seguir as etapas da Sequência Básica de Cosson (2009). Segundo o teórico: “O caminho que propusemos sistematiza as atividades das aulas de literatura em sequências exemplares [...] O nosso objetivo é apresentar possibilidades concretas de organização das estratégias a serem usadas nas aulas de Literatura do ensino básico” (2009, p. 48).

Para realizar o letramento literário em sala de aula, foi necessário um trabalho interventivo no ambiente escolar, uma vez que muito pouco tem-se trabalhado na escola atividades com o texto literário de modo a formar leitores que sintam prazer e interesse pela literatura.

A sequência básica possui quatro etapas e assim também foram estruturadas as atividades de intervenção em sala de aula. A primeira etapa recebe o nome de “Motivação”, essa etapa tem por função motivar o aluno para receber a obra literária. De acordo com Cosson (2009, p. 56):

As motivações que propusemos sempre foram bem recebidas pelos alunos. Acreditamos que o elemento lúdico que elas contém ajudaram a aprofundar a leitura da obra literária [...] É preciso lembrar que a motivação prepara o leitor para receber o texto, mas não silencia o texto nem o leitor... Naturalmente, a motivação exerce uma influência sobre as expectativas do leitor, mas não tem o poder de determinar sua leitura (COSSON, 2009, p. 56).

Para motivarmos os alunos, optamos por expor um trailer do filme “O ataque das formigas” (diretor: Robert Scheerer, 1977), isso porque percebemos, através da observação participante, que os alunos se sentem muito atraídos por vídeos e filmes. Além disso, concordamos com Dalvi (2013) quando ela diz:

Tendo o texto literário – sua produção, sua leitura, sua discussão seu ensino, sua crítica, sua contextualização, sua história – como área nuclear, o ensino da Língua Portuguesa deve desempenhar um papel central na educação das crianças, dos jovens e dos adolescentes, com o adequado aproveitamento das possíveis

articulações dos textos literários com textos visuais, com textos musicais, com textos fílmicos (DALVI, 2013, p. 78).

Assim, usamos o gosto do aluno por filmes para articularmos com o texto literário a fim de realizar essa tarefa de caráter motivacional de grande importância para a sequência básica que aqui apresentamos.

Após assistirem ao trailer o professor pediu para os alunos formarem grupos de 5 alunos para refletirem sobre as seguintes questões:

Quadro 2. Questões da oficina de Motivação

De que você tem medo?
Por que sentimos medo?
Como nosso corpo reage quando sentimos medo?

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018)

Eles conversaram entre si, depois cada um expôs sua resposta. O professor anotou algumas das respostas para serem analisadas. Ele finalizou a aula colocando a música “Medo”, da cantora Pitty (Álbum: A trupe delirante no circo voador, 2011) para os alunos fazerem a apreciação e também compararem suas respostas com alguns trechos da música.

A segunda etapa é chamada de “Introdução”, nessa etapa acontece a apresentação do autor e da obra. Ainda que se seja uma tarefa aparentemente simples, Cosson (2009) destaca que o professor deve ter alguns cuidados durante esse processo:

Um primeiro é que a apresentação do autor não se transforme em longa e expositiva aula sobre a vida do escritor [...] No momento da introdução é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor e, se possível, ligadas àquele texto. O outro cuidado (está) na apresentação da obra [...] Quando se está em um processo pedagógico o melhor é assegurar a direção para quem caminha com você. Por isso, cabe ao professor falar da obra e da sua importância naquele momento, justificando assim sua escolha (COSSON, 2009, p. 57).

Para falar da biografia da autora escolhemos um vídeo realizado por alunos que mostra um pouco sobre a vida dela. O vídeo foi passado na sala de aula, no Data show, pois não temos laboratório de informática. O vídeo usado pode ser encontrado no *Youtube* no *link* www.youtube.com/watch?reload=9&v=conCjz8YBx4. Após o vídeo falamos um pouco da obra

Venha ver o pôr-do-sol, para isso levamos a obra para a sala de aula, para os alunos terem contato, mas para que todos vissem a imagem do livro ao mesmo tempo passamos para eles observarem a imagem no Data show. Explicamos o motivo de ter escolhido aquela obra, informamos que o conto que iríamos ler era “As formigas”, que é um conto fantástico. Foi explicado para os alunos o que era um conto fantástico a partir de uma apresentação de slide, a explicação foi baseada no conceito de conto fantástico de Todorov. Na visão de Todorov existe uma ambiguidade em se tratando do fantástico: “Há um fenômeno estranho que se pode explicar de duas maneiras, por meio de causas do tipo natural e sobrenatural. A possibilidade de se hesitar entre os dois criou o efeito fantástico” (TODOROV, 2009, p. 31).

Percebemos esse fenômeno estranho no conto “As formigas” no momento em que elas aparecem de repente e vão para o caixote com os ossos dos anões. As personagens estranham o aparecimento repetino e o comportamento disciplinado das formigas, como se conduzidos por um instinto racional.

-Essas formigas. Apareceram de repente, já enturmadas. Tão decididas, está vendo?

Levantei e dei com as formigas pequenas e ruivas que entravam em trilha espessa pela fresta debaixo da porta, atravessavam o quarto, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar. (TELLES, 1999, p. 38)

A estudante de Medicina tenta compreender a inusitada aparição das formigas, sua prima atribui essa aparição às cartilagens que podem estar ainda incrustadas aos ossos, mas a estudante de medicina se certifica de que os ossos estão limpos.

No conto fantástico, o leitor poderá pender para um lado ou outro, de acordo com o que, na sua visão, tiver maior peso, o natural ou o sobrenatural, então, caberá ao leitor ler o texto narrativo fantástico como fruto de sua imaginação — um efeito ilusório ou um sonho — ou deverá compreender os fatos como influências de leis naturais. O fantástico se caracteriza pela dualidade de sentidos possíveis em um mesmo texto.

No conto “As formigas”, temos as duas protagonistas que são estudantes universitárias, uma estuda Medicina, a outra Direito. A de Medicina é dotada de mente lógica, racional, enquanto sua prima é altamente intuitiva e emocional. A primeira estuda até tarde, providencia a alimentação, procura cuidar das duas; a narradora é medrosa, recusa-se a olhar os ossos do anão, dizendo que

tem nojo, é insegura, tem sonhos obsessivos com o anão, é imaginativa, aprecia as gravuras de Grassman. As duas formam o contraponto, um oscilar entre a razão e intuição.

A dualidade de sentido aparece no momento da leitura, pois o leitor pode acreditar que o fato acontecido pode ser sobrenatural, se ele levar em consideração que os fatos estranhos foram relatados pela estudante de Direito, mostrando seu medo e talvez tudo que sua prima viu foi fruto da imaginação dela, devido a ficar até tarde estudando. E pode fazer sua própria leitura, vendo esses fatos como algo do cotidiano, que tem uma explicação natural para esses estranhos acontecimentos.

Na sequência, contamos a história do conto “Venha ver o pôr-do-sol”, que dá título ao livro, para que os alunos entendessem a imagem da capa. Depois pedimos que eles falassem sobre o título da obra, questionando sobre o porquê desse título, fazendo uma comparação entre o título e a imagem, questionando se a imagem está adequada ao título, se poderia usar outra ilustração para esse livro devido ao título. Após toda a análise da capa da obra, solicitamos que os alunos criassem uma capa nova para o livro, levando em consideração o título e a história sobre “Venha ver o pôr-do-sol”. Os desenhos foram expostos num mural para a visualização dos outros alunos da escola. Essa oficina foi realizada em 2(duas) aulas de 50 minutos.

De acordo com Dalvi (2013, p.82), “para ler um texto é necessário saber sobre ele, seu autor, seu suporte, seus contextos, seus mecanismos, seus diálogos intertextuais, suas alusões à história”.

A terceira oficina foi a leitura do conto. Com o objetivo de aguçar o interesse do aluno para a leitura do conto “As formigas”, trabalhamos com intervalos de leitura. Como o conto apresenta curta extensão, foram realizados dois intervalos, de acordo com as três noites do conto. A leitura ocorreu na sala de aula. Durante esses intervalos realizamos atividades lúdicas que auxiliaram na compreensão do conto. De acordo com Cosson (2009, p. 62), “é durante as atividades do intervalo que o professor perceberá as dificuldades de leitura dos alunos”.

A leitura do conto ocorreu de forma compartilhada, fizemos a leitura oral da primeira parte do conto. Terminada a leitura da primeira parte pedimos para que os alunos desenhassem o momento em que as personagens chegam ao sobrado. Após essa primeira atividade, fizemos alguns questionamentos sobre o ambiente:

Quadro 3 Questões da oficina de Leitura

Como era o sobrado?

Por que elas escolheram morar nesse sobrado?
Descrevam o quarto onde elas iam ficar?
Vocês conhecem jovens que foram estudar em outra cidade?

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018)

As perguntas foram realizadas com o intuito de observar o entendimento do texto e o conhecimento de um dos elementos da narrativa: o ambiente. Enquanto eles falavam, anotamos num cartaz o que eles diziam. Também foi abordado nessa oficina o tipo de narrador presente na narrativa: narrador-personagem ou narrador observador. Pedimos à turma que formassem grupos, cada grupo escreveria num cartaz trechos do conto que indicassem o narrador do conto. Depois eles apresentaram para a turma suas conclusões. Eles concluíram que o narrador era uma das personagens, isto é, uma das estudantes, esse tipo de narrador é conhecido como narrador-personagem. Uns ficaram em dúvida se era a estudante de Direito ou se a de Medicina. No final comprovaram com trechos do texto que quem estava contando a história era a estudante de Direito.

Ficamos com as xérox para que o aluno não lesse o final do conto em casa, pois seria feita na sala de aula novamente. Na leitura da segunda parte do conto pedimos que um dos alunos a fizesse. Ao finalizá-la solicitamos que os alunos destacassem no conto características do conto fantástico. Anotamos no quadro as respostas.

Após essa atividade levantamos o seguinte questionamento para um breve debate: situações sobrenaturais presentes nas histórias fantásticas ou de terror não existem na vida real. Por que mesmo assim, elas provocam medo? O debate foi proveitoso, alguns alunos falaram que é nossa mente que provoca esse medo. Mesmo sabendo que não é real, a forma como é narrada faz com que o coração acelere e não queiram dormir com a luz apagada.

Em seguida, dividimos a turma em equipes, na qual cada uma ficou com um dos elementos da narrativa para nos mostrar a partir do conto lido: personagens: protagonista, antagonista, secundárias etc.; tempo: cronológico; ambiente e enredo: situação inicial, complicação, clímax e desfecho; narrador; foco narrativo. A exposição ficou a critério deles, podendo ser através de cartaz, dramatização, slide etc.

Para finalizar essa oficina sugerimos a escrita de um novo final para o conto “As formigas”. Nessa atividade o aluno já sabe o final original, então ele deve criar um outro final, levando em

consideração o enredo da história e as características do gênero conto *Fantástico*. Esse final foi publicado no *blog* da turma.

Mediante a vivência de leitura e as reflexões realizadas durante a leitura, julga-se pertinente o registro das impressões dos alunos a respeito do conto trabalhado. Essa etapa é conhecida como interpretação.

Procuramos mesclar o uso das mídias com a leitura literária e os alunos criaram *booktubes*. Trata-se de vídeos geralmente postados por jovens, no canal *Youtube*, falando sobre suas experiências com leitura de livros. Assim:

Após a leitura da obra, o processo de leitura literária precisa ser complementado com práticas que levem a uma maior interação com o texto, uma exploração de suas características, uma explicitação da construção de seus sentidos, uma compreensão de sua constituição estética, uma interpretação, enfim, que garanta a apropriação daquele texto como parte do letramento literário (COSSON, 2009, p. 126).

Inicialmente mostramos dois vídeos de *booktubes* para que os alunos tenham contato com o material que eles produzirão. Segue o link dos vídeos: www.youtube.com/watch?v=P6FqfqRt5r4 e www.youtube.com/watch?v=3QgKqOTdYao.

No *booktube* os alunos devem falar um pouco da autora, depois fazem o resumo do conto. A atividade será feita em trio, o vídeo deve ser de, no mínimo, 2 minutos e, no máximo, 10. O ambiente para gravação do vídeo ficou a critério do aluno. O objetivo desse vídeo é incentivar outros alunos a lerem o conto “As formigas” a partir da visão dos alunos que produziram o vídeo, pois sabemos que nossos jovens costumam fazer aquilo que os outros jovens estão fazendo.

O vídeo foi gravado no celular, pois é uma atividade que visa à execução a partir de recursos disponíveis aos alunos. Depois publicou-se no *Youtube*. Os alunos convidaram os colegas e familiares para visualizarem o vídeo e curtirem. O vídeo também foi postado no *blog* da turma, que foi criado para a publicação das atividades realizadas.

Os alunos, cujos pais não permitiram o uso da imagem tiveram que realizar outra atividade. Eles apresentaram a obra “Venha ver o pôr-do-sol e outros contos” nas outras turmas da escola, foram 11 alunos, cujos pais não permitiram fazer o vídeo. Foram divididos em 3 trios e 1 dupla. Além de falar da obra, eles contaram o conto “As formigas” de forma dramatizada, para isso contaram com a ajuda de outros colegas da turma.

Seguem abaixo os links de 4 vídeos publicados no *Youtube*, desses 4, apenas 2 foram usados na análise dos resultados da sequência básica trabalhada e do blog da turma:³

www.youtube.com/channel/UCvxoNhEED_UKVZySJtpWWA;

www.youtube/J91LyC01rt4;

<https://youtu.be/4-2680s7gqg>;

<https://youtu.be/wvu9R1BPslY>.

5.6 Relato de pré-análise das atividades

O ensino de Literatura há muito tempo tomou um viés inadequado a sua prática. Os professores têm usado a literatura apenas para a interpretação e produção textuais, para esse ensino o professor utiliza a sequência didática proposta por Dolz e Schenewly. Esse tipo de sequência tornou-se uma febre nas escolas nos últimos anos, tudo que o professor for ensinar, precisa construir sua sequência didática que acaba sempre culminado numa produção escrita. O incentivo da leitura do texto literário por fruição não acontece.

Então, pensando numa maneira de mudar esse ensino de Literatura, tentando inseri-la no cotidiano do aluno, não apenas para responder a questões ou produzir textos, mas para proporcionar ao aluno a leitura por prazer, por gosto, foi que elaboramos esse projeto de intervenção, baseado na sequência básica de Cosson, a partir da leitura do conto “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles. Esse projeto teve como produto final a produção de um *booktube*, um vídeo no qual o aluno fez o resumo da obra, usando a sua linguagem de adolescente, procurando incentivar outros alunos e colegas a lerem o conto. Para que eles pudessem fazer esse vídeo os pais tinham que autorizar o uso da imagem dos filhos através de um documento que nós elaboramos.

Nós explicamos todo o processo do projeto para a turma, pedimos que levassem o documento para os pais assinarem permitindo ou não que a imagem dos alunos fosse usada por nós no projeto de intervenção. Eles levaram o documento, mas os pais não assinaram porque não entenderam a proposta.

Devido a esse pequeno problema, tivemos de realizar uma reunião com os pais para explicar para que servia o documento que outrora os filhos deles tinham levado para eles assinarem.

³ Moraesedna.blogspot.com

Organizamos tudo, escolhemos um vídeo que falava sobre Literatura na escola para mostrar aos pais a importância da Literatura na vida das pessoas.

No dia da reunião, todos os pais vieram, curiosos para saber sobre o documento. Inicialmente conversamos com eles sobre leitura. Especialmente sobre o que eles costumavam ler. Alguns eram analfabetos, disseram que não sabiam ler, mas gostavam de ouvir a leitura dos filhos. Informaram que pediam para que os filhos lessem as notícias de jornal. Outros pais falaram que só liam a Bíblia, pois as outras leituras eram do “mundo”. Apenas cerca de 10% dos pais dos alunos informaram que gostavam de ler livros de romance, ou seja, gostavam de Literatura e incentivavam a leitura dos mesmos pelos filhos.

Depois dessa conversa, percebemos que o projeto de intervenção na turma seria um pouco complicado, pois poucos pais incentivavam os filhos a lerem Literatura. Como iríamos então colocar em prática o projeto?

Aos poucos fomos informando sobre o ensino de Literatura na escola, como ela era trabalhada nas aulas de Português e como a BNCC estava propondo o ensino de Literatura. Uma mãe levantou a mão, ela queria falar. Ela perguntou, num tom meio debochado: “Para que serve mesmo Literatura?”, “ Isso vai ajudar meu filho a aprender a ler e a escrever?”.

Como tínhamos nos preparados para esse tipo de pergunta respondemos, com cautela, para não deixar a senhora constrangida. Informei que a Literatura nos trazia vários conhecimentos, ampliava nossos horizontes, que alunos que liam Literatura e outros tipos de leitura tinham mais facilidade na hora de escrever. Que seu filho poderia aprender a ler e escrever lendo um poema, um conto ou mesmo um romance, e que se essa leitura fosse praticada tanto na escola como em casa ele aprenderia, provavelmente, não só a ler com mais desenvoltura e prazer, mas ler e escrever melhor.

Depois de falar tudo isso, passamos um vídeo⁴ sobre a formação do leitor, que mostra que a literatura poderia contribuir muito para a formação do leitor na escola. Os pais assistiram atentamente, mas tinham duas senhoras que ficavam conversando baixinho, incomodando as outras mães. Tivemos que pausar o vídeo para saber qual era o problema. As duas pararam de conversar e uma disse que o filho não participaria do projeto porque literatura deixava as pessoas “loucas”. Questionamo-na sobre como a leitura de contos, romances e poemas poderia deixar alguém louco,

⁴ www.youtube.com/watch?v=5GS3zjN6FB8.

pois como estávamos vendo no vídeo a leitura ajudava a conhecer novas palavras, conhecer o mundo, olhá-lo com mais criticidade.

Então ela foi nos contar sobre a irmã dela. Uma senhora casada, com um filho que gostava de ler romances, essa senhora lia muito. Às vezes lia dois romances por semana. A mãe disse que aos poucos foi percebendo mudanças na irmã. Ela passou a se expressar melhor, conversava sobre todo tipo de assunto, “coisa que mulher não devia fazer”, disse a mãe. Um belo dia, sua irmã sumiu. Deixou um bilhete dizendo que ia em busca de seus sonhos, que estava cansada dessa vidinha de dona de casa, ela queria mais. Percebemos que obter conhecimento, ir em busca de seus sonhos para as pessoas mais velhas, naquele caso, era um caso de “loucura.”

Explicamos para os pais que a leitura literária propicia aos alunos o conhecimento do mundo e do ser humano; ela permite também ao leitor entrar em contato com realidades culturais diferentes no tempo e no espaço, contribuindo também para que ele se conheça melhor. E que não causa loucura, a pessoa apenas começa a ver o mundo com outro olhar. Se ela foi em busca de seus sonhos é porque não estava feliz com a vida que tinha e queria algo melhor. A literatura pode nos proporcionar prazer, entretenimento ou constituir-se numa busca sobre a condição humana. Quando questionamos nossa condição, nos inquietamos e isso acontece após a leitura de um bom romance ou poema, essa inquietação é por não sermos mais a mesma pessoa de antes. A leitura de textos literários, de uma certa forma, nos muda, mas não nos enlouquece.

Falamos para os pais que os textos, especialmente os literários, são capazes de recriar as informações sobre a humanidade, vinculando o leitor aos indivíduos de outros tempos, que ler consiste em ver o mundo de modos diferentes.

Observamos que apenas 4 pais incentivavam seus filhos na leitura de Literatura. Eles falaram para os outros pais que depois que seus filhos começaram a ler por prazer, sem imposição da escola e dos pais, eles se tornaram mais criativos, as produções textuais são mais elaboradas e a leitura oral ficou mais proficiente. Que eles todo mês comprem um livro para os filhos, não por obrigação, mas porque os filhos pedem.

Eles acham que a escola deve promover o “encontro” entre leitor e texto, permitindo que esse leitor se reconheça na obra, sinta que sua cultura pode estar vinculada com o texto lido.

Dessa forma, para iniciar a formação do leitor, é importante oportunizar a leitura de textos literários próximos à sua realidade do aluno, com temas de que eles gostem, pois quanto mais

familiaridade o texto despertar no leitor, mais haverá predisposição para a leitura, suas expectativas estarão sendo priorizadas em relação ao ensino da literatura.

Após toda essa problemática questionamos se eles deixariam seus filhos participarem do projeto. Alguns pais disseram que não permitiriam que os filhos fizessem o vídeo, porque seriam expostos e poderiam sofrer *bullying* por parte dos colegas. Duas mães, que são muito evangélicas, não permitiram que as filhas lessem o conto. Disseram que as meninas só liam a Bíblia, mesmo eu falando que no livro didático há os textos literários e que elas leem esses textos. Elas falaram que a partir daquele dia elas não iriam mais ler. Ficamos tristes com esse posicionamento das mães. Parece que Literatura para algumas igrejas é, de fato, “demoníaca”.

Perguntamos para elas o que as alunas iriam fazer no dia das aulas do projeto de intervenção, elas disseram que no dia das aulas as meninas faltariam. Como não era avaliativo não deixariam as meninas participarem. O que fazer com essa situação?

Não poderíamos obrigar as alunas a participarem sem a aprovação das mães, mesmo sendo aulas normais, mas com o objetivo de incentivar a leitura de textos literários na escola por prazer e não por obrigação.

Outros pais permitiram a participação nas aulas, só não deixaram os filhos fazerem o vídeo, então tivemos que pensar em outra forma desses alunos apresentarem o seu entendimento sobre o conto.

Apenas 20 pais, dos 33 alunos matriculados, permitiram a participação dos alunos no projeto completo, desde o início com a motivação, ao final, com a publicação dos vídeos no *Youtube*.

Percebemos que alguns pais, em vez de incentivar os projetos desenvolvidos pela escola, acabam impondo obstáculos.

Procuramos mostrar para os pais, a partir do pensamento de Todorov (2016), que, para salvar a Literatura, é necessário dessacralizá-la, oferecê-la a todos, mas para que isso aconteça precisamos do apoio e da ajuda dos pais, senão isso nunca acontecerá, e a Literatura morrerá de vez na escola.

Gráfico 1- Alunos participantes no projeto de intervenção



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018)

Dessa maneira, duas alunas não participaram do projeto por decisão dos pais, e 11 participaram, porém não produziram o vídeo. Os 20 alunos restantes ficaram de produzir o *booktube*, foram divididos em trios. Os outros alunos fizeram a apresentação do conto em forma de teatro e de contação do conto para as outras turmas.

6 OFICINAS DE LEITURA LITERÁRIA

Para o professor traçar um caminho atrativo de iniciação à leitura literária em sala de aula, seja no ensino fundamental ou no médio, não constitui uma tarefa simples, pois depende dedicação e preparo.

Sabemos também que os estudos acerca da prática de leitura nas escolas inúmeras vezes apresentam-se distantes da realidade escolar e de difícil aplicação, já que em sua maioria, não são produzidos por profissionais que atuam efetivamente na educação básica.

Então, o único caminho para que a leitura literária se efetive na escola é o professor se tornar um mediador da leitura. O mediador tem que ser um leitor e alegrar-se em compartilhar o encantamento de uma boa história.

Nos últimos anos, muitos teóricos, como Michèle Petit, estudam o processo de formação de novos leitores e o papel do professor, responsável por despertar no aluno o gosto pelo texto literário.

Podemos então dizer que com esses suportes, é possível começar a desenvolver ações e práticas escolares efetivas para se trabalhar com literatura com as crianças e com os jovens. Para tanto, é preciso que o mediador compreenda seu papel, pois é ele o responsável em organizar e dinamizar as práticas de leitura.

Como já falamos anteriormente o mediador precisa ser um leitor, mas não é qualquer leitor, é preciso inicialmente, que o mediador descubra os livros de que mais gosta, as histórias que o comovem ou o inquietam, e o porquê de tais escolhas em detrimento de outras.

Isso tudo é necessário porque em uma roda o mediador precisa transmitir a leitura de maneira prazerosa, encantando, com sua formação mediadora e leitora, o participante que ali está, para que dessa forma ele sinta interesse em ler o que lhe é oferecido.

Segundo Michèle Petit (2008, p. 160): “Para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor”.

Dessa forma, cabe ao mediador aproximar os novos leitores do texto escolhido, tendo em mente que a literatura é um território livre, no qual cada leitor vai tecer suas redes de interpretação.

Para Romano (2017, p. 28) “cabe a ele apresentar o livro-texto de literatura- a um ouvinte, a uma criança, a um jovem ou mesmo a um adulto: o mediador levará determinado livro de um autor a um público leitor.”

Então, para que as oficinas de leitura literária tenham um bom aproveitamento, o professor mediador deve ter o hábito leitor, pois não adianta nada ele criar as oficinas e só o aluno ler as obras sugeridas.

A sua mediação, com atividades diversificadas, são importantes, mas o trabalho de mediação do professor só terá um resultado efetivo se houver o envolvimento dos seus alunos com as suas propostas pedagógicas. O aluno deve compreender a proposta, e todo o trabalho deve fazer sentido para ele.

Partindo desses conhecimentos de mediação que organizamos nossas oficinas, baseadas na Sequência Básica de Cosson (2009): motivação, introdução, leitura e interpretação.

6.1 Teoria e prática dialogando na sala de aula

Neste tópico, nosso objetivo é discutir como a estratégia pesquisada, a saber, a metodologia de Cosson (2009), pode contribuir para o ensino literário no Ensino Fundamental II. Ressaltamos que para essa análise e discussão, utilizamos os dados coletados através dos registros escritos, das observações e registros da professora/pesquisadora nos momentos das práticas orais.

6.1.1 Motivação

Nesta primeira parte da etapa, apresentamos o projeto aos alunos. O nosso objetivo nessa etapa era de que os alunos se engajassem na execução do projeto e aos poucos passassem a ter autonomia para escolher os seus livros de leitura, dividindo com os outros suas experiências literárias.

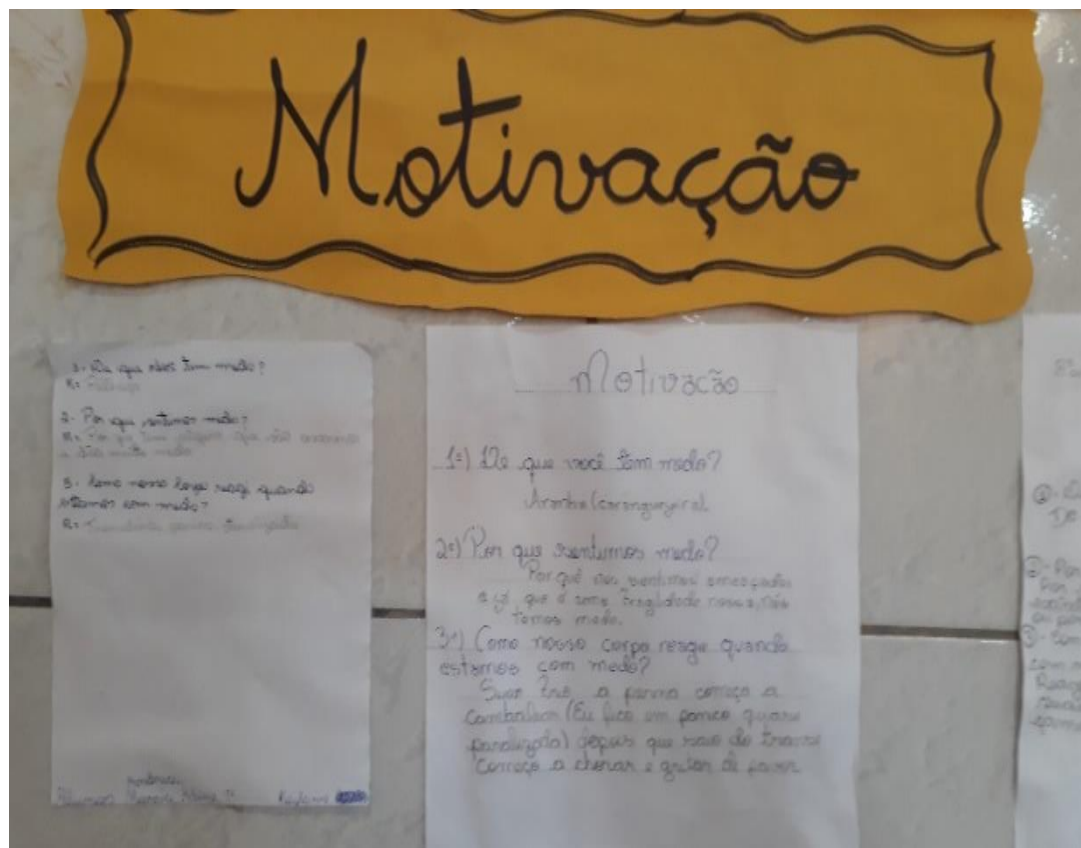
Assim, como primeira atividade motivacional para a leitura, os alunos assistiram ao trailer do Filme “O ataque das formigas”. Eles gostaram muito do trailer, só ocorreu um problema, eles queriam assistir ao filme completo, sugeri que assistissem em casa, pois o objetivo da aula era só aguçar a curiosidade deles para a leitura do conto “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles. Esse primeiro momento foi importante porque os alunos tinham que responder algumas perguntas relacionados com o tema do conto que iriam ler.

Para Cosson (2009) “a motivação exerce uma influência sobre as expectativas do leitor, mas não tem o poder de determinar sua leitura. Aliás, influência sempre existe em qualquer processo de leitura.”

Os alunos foram divididos em grupos para responderem às questões. A intenção era de que dividissem experiências relacionadas com o tema medo. Na hora de expor a resposta eles ficaram com vergonha, muitos não queriam falar, então tivemos que sortear pelo número da chamada quem iria falar, já que ninguém estava disposto a iniciar.

Ao chamarmos o aluno, sua resposta por escrito era fixada num mural que nós fizemos mostrando as etapas da Sequência Básica de Cosson (2009)

Figura 1- A atividade de motivação



Fonte: folhas de exercício dos alunos

Selecionamos 10 alunos para expor suas respostas. Inicialmente houve uma confusão, pois eles não queriam falar. Tivemos que ser persuasivas, falando que se não participassem não poderíamos ir para a próxima etapa. Uma aluna se prontificou a responder todas as perguntas.

A primeira pergunta era “De que você tem medo?”

A aluna B. M. nos disse que tinha medo de aranha, mas não era de qualquer aranha: *“Tenho medo de aranha caranguejeira, aquelas pretonas, na minha casa aparece umas enormes”*.

Alguns alunos comentaram que o medo era “besta”, que aranhas caranguejeiras não são tão amedrontadoras. Mas nós intervimos e dissemos que medo é medo, não importa de que, para alguns pode não ser nada, porém para quem sente medo é algo monstruoso.

Ao responder à pergunta “Por que sentimos medo?”

B.M.: *“A gente se sente ameaçado, mesmo sabendo que aquele ser não nos fará mal, nosso corpo reage devido a nossa fragilidade diante do perigo.”*

Para essa resposta os colegas concordaram, disseram que é “algo” que acontece no cérebro, mesmo sabendo que aquilo não é real, nosso cérebro registra como perigo.

Para a pergunta “Como nosso corpo reage quando temos medo?”

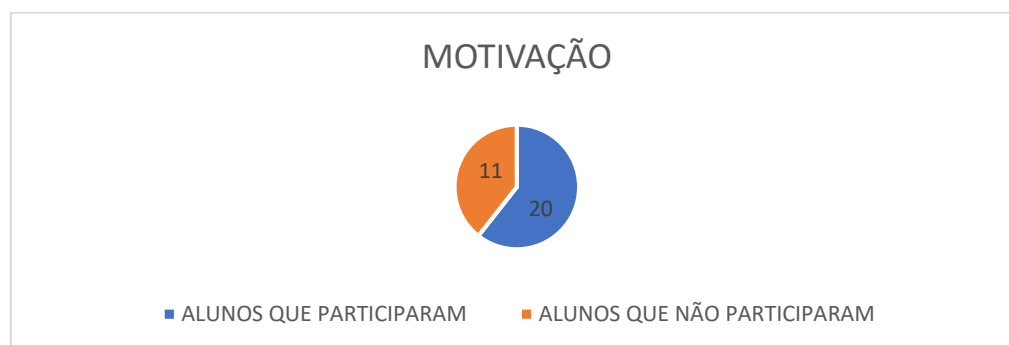
B.M.: *“Meu corpo paralisa, começo a suar frio, minhas pernas ficam trêmulas e de repente começo a chorar e a gritar!”*

Após a aluna B. M. ter respondido às perguntas, muitos alunos queriam responder também, mas o nosso tempo era curto, então tivemos que ir para a etapa final dessa oficina. A audição da música “Medo”, da cantora Pitt (Álbum: A trupe delirante no circo voador, 2011).

Eles ficaram atentos à letra da música, anotaram algumas observações. Ao término da música, o aluno E. S. disse que é assim que ele se sente quando está com medo: *Suando frio, as mãos geladas/Coração dispara até sufocar”*

No dia dessa aula, só 20 alunos participaram. Os outros 13 faltaram por motivo desconhecido.

Gráfico 2- Oficina de motivação



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018)

Finalizamos essa etapa com os alunos que se mostraram mais interessados, no início eles estavam tímidos, com medo de falar, no entanto com o desenrolar da aula eles começaram a participar. Esse momento foi importante porque ajudou a criar nos discentes algumas previsões sobre o conto que será lido posteriormente.

6.1.2 Introdução

Para falar da biografia da autora escolhemos um vídeo realizado por alunos que mostra um pouco sobre a vida dela. O vídeo foi passado na sala de aula, no Data show, pois não temos laboratório de informática. O vídeo usado pode ser encontrado no *Youtube* no *link* www.youtube.com/watch?reload=9&v=conCjz8YBx4. Após o vídeo falamos um pouco da obra *Venha ver o pôr-do-sol*, para isso levamos a obra para a sala de aula, para os alunos terem contato, mas para que todos vissem a imagem do livro ao mesmo tempo passamos para eles observarem a imagem no Data show. Explicamos o motivo de ter escolhido aquela obra, informamos que o conto que iríamos ler era “As formigas”, que pode ser considerado um conto *Fantástico*. Foi explicado para os alunos o que era um conto *Fantástico* a partir de uma apresentação de slide, a explicação foi baseada no conceito de conto *Fantástico* de Todorov (2009).

Após a apresentação inicial da biografia da autora contamos a história do conto “Venha ver o pôr-do-sol”, que dá título ao livro, para que os alunos entendessem a imagem da capa. Depois pedimos que eles falassem sobre o título da obra, questionando sobre o porquê desse título, fazendo uma comparação entre o título e a imagem. Pedimos que respondessem às seguintes perguntas:

Quadro 4- Questões da oficina de introdução

Por que o livro tem o título “Venha ver o pôr-do-sol”?
A capa é adequada aos acontecimentos do conto “Venha ver o pôr-do-sol”?
Pela capa você escolheria ler esse livro? Por quê?

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018)

Após a análise da capa da obra, solicitamos que os alunos criassem uma capa nova para o livro, levando em consideração o título e a história sobre “Venha ver o pôr-do-sol”. Contamos a história para eles. Os desenhos foram expostos num mural para a visualização dos outros alunos da escola. Essa oficina foi realizada em 2(duas) aulas de 50 minutos.

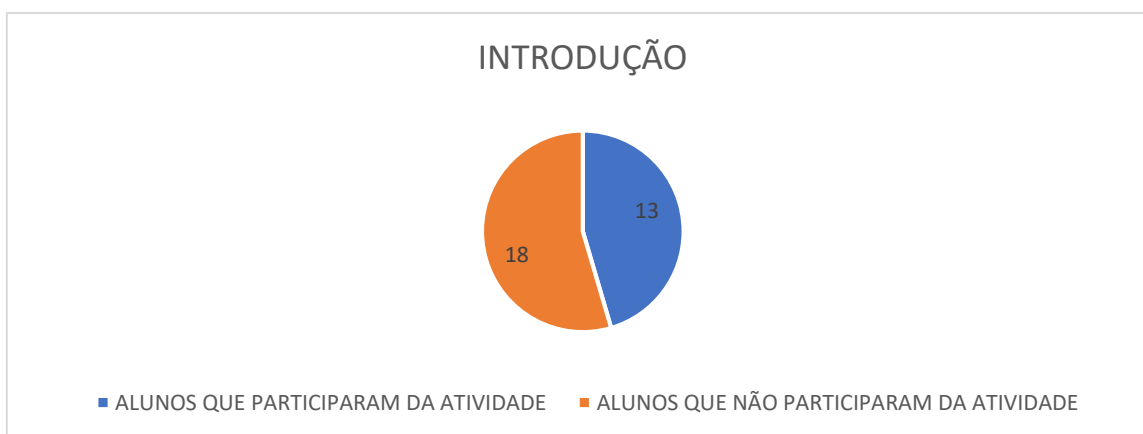
Figura 2: Desenhos criados pelos alunos



Fonte: Folhas de exercícios dos alunos

Dos desenhos produzidos os dois primeiros mostram um pouco dos acontecimentos da história que eles ouviram, já o terceiro, ficou muito bonito, mas não representa o que aconteceu no conto.

Gráfico 3 – Oficina de introdução



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018)

Nessa etapa não tivemos muito a participação dos alunos. Lembrando que dos 33 alunos, dois não participariam de nenhuma atividade, como não sabiam o dia das oficinas, eles iam para a aula, mas não participavam. Percebemos que eles ficaram dispersos, alguns disseram que só fariam se valesse ponto. Como era uma atividade para incentivar o hábito da leitura não valia ponto.

6.1.3 Leitura

A terceira oficina foi a leitura do conto. Com o objetivo de aguçar o interesse do aluno para a leitura do conto “As formigas”, trabalhamos com intervalos de leitura. Para Cosson (2009), os intervalos são momentos de reflexão e parada que podem ocorrer por meio de uma conversa, desenvolvimento de atividades específicas sobre um capítulo ou pela incorporação de outros textos que promovam a intertextualidade com a obra.

Como o conto apresenta curta extensão, foram realizados dois intervalos, de acordo com as três noites do conto. A leitura ocorreu na sala de aula. Durante esses intervalos realizamos atividades lúdicas que auxiliaram na compreensão do conto.

A leitura do conto ocorreu de forma compartilhada, fizemos a leitura oral da primeira parte do conto. “Ler em voz alta e mostrar como leitores pensam enquanto leem é o ponto central para a instrução que partilhamos. [...] Quando nós lemos, pensamentos preenchem nossa mente. [...] Nós podemos fazer uma pergunta ou uma inferência”. (HARVEY; GOUDIVS, 2008, p. 12-13 *apud* GIROTTI; SOUZA, 2010, p.45)

Figura 3: professora lendo

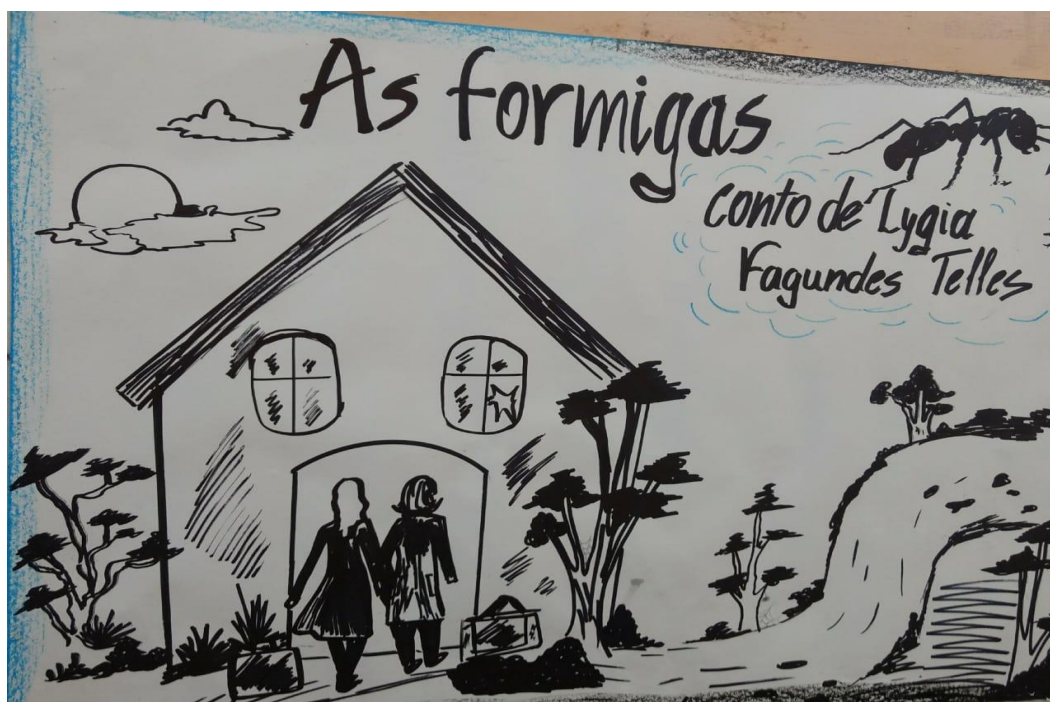


Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018)

Os alunos inicialmente não paravam de conversar, pareciam que estavam ansiosos com a escuta da história, eles ficavam questionando sobre quando as formigas iam aparecer, se as formigas iam comer as personagens. Quando terminamos a leitura, muitos dos alunos não tinham prestado atenção naquela parte da história. Esse foi nosso segundo problema. A falta de atenção de alguns alunos. Tínhamos que resolver essa falta de atenção para que na próxima aula isso não acontecesse.

Após terminarmos a leitura da primeira parte, percebendo que os alunos estavam dispersos, nós os reunimos em grupo e pedimos para que cada o grupo desenhasse o momento em que as personagens chegam ao sobrado. Os desenhos foram fixados no mural da escola para que todos os alunos pudessem visualizar.

Figura 4: Desenho representando o início do conto



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018)

Após essa primeira atividade, fizemos alguns questionamentos sobre o ambiente: As perguntas foram realizadas com o intuito de observar o entendimento do texto e o conhecimento de um dos elementos da narrativa: o espaço.

Quadro 5- Questões da oficina de leitura

Como era o sobrado?
De que forma o espaço contribuiu, no conto, para a construção do clima da história?
Nesse tipo de conto o espaço é importante? Por quê?

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018)

Enquanto eles falavam, anotamos num cartaz o que eles diziam. A aluna M. F: *“O sobrado era velho, de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada.”*

Já o aluno P. L.: *O sobrado é velho.*

Percebi nessa atividade a dificuldade de alguns alunos de retirarem do texto uma resposta explícita. Eles sintetizam as respostas, achamos inicialmente que era por falta de interesse, mas aos poucos fomos percebendo que alguns dos alunos não conseguiam encontrar a resposta no texto. Esses alunos foram matriculados no mês de agosto oriundos de outra escola.

Para a pergunta 2, a aluna A. P: *“ O ambiente é muito importante para esse tipo de conto, uma vez que o espaço sombrio e suspeito contribuiu para o clima de medo e de suspense da história.”*

Para a terceira pergunta a aluna E. F.: *“Sim, para o conto fantástico o espaço é muito importante, pois é nele que percebemos os acontecimentos insólitos do conto. O espaço precisa ser sombrio e causar receio ou medo nas personagens.”*

Nosso contentamento foi evidente, pois alguns alunos conseguiram internalizar o que é um conto *Fantástico* e suas principais características.

Também foi abordado nessa oficina o tipo de narrador presente na narrativa: narrador-personagem ou narrador observador? Pedimos à turma que formassem grupos, cada grupo escreveria num cartaz trechos do conto que indicassem o narrador do conto. Depois eles apresentaram para a turma suas conclusões. Eles concluíram que o narrador era uma das personagens, isto é, uma das estudantes, esse tipo de narrador é conhecido como narrador-personagem. Uns ficaram em dúvida se era a estudante de Direito ou se a de Medicina. No final comprovaram com trechos do texto que quem estava contando a história era a estudante de Direito.

Ficamos com as xérox para que o aluno não lesse o final do conto em casa, pois a leitura final seria feita na sala de aula novamente.

Na leitura da segunda parte do conto pedimos que um dos alunos fizesse a leitura. Escolhemos aquele aluno que lia bem para não termos problemas com os outros alunos, pois

quando um aluno lia gaguejando eles costumavam “zoar”, mesmo que nós conversássemos sobre não ser adequado tal situação, ela acontecia..

Ao finalizar a leitura solicitamos que os alunos destacassem no conto características do conto fantástico F. B: *“O conto é fantástico porque tem os critérios expostos por Todorov. Tem a ambiguidade, em que as personagens se detém mais na observação dos fatos estranhos que acontecem ao seu redor do que na realidade, a metamorfose, quando o esqueleto começa a tomar forma, e também a hesitação. Aparece coisas que a gente não sabe se aconteceu mesmo ou é só coisa da imaginação da narradora.”*

a partir das perguntas abaixo. Anotamos no quadro as respostas.

Quadro 6- Questões sobre o conto *Fantástico*

O que torna o conto “As formigas” um conto fantástico?
Que acontecimento insólito acontece no conto?
Os acontecimentos são reais ou sobrenaturais? Explique.

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018)

A aluna F. B, cuja a mãe é evangélica, que não permitiu que ela fizesse as atividades, pediu para responder. Inicialmente pensamos em negar, pois a mãe não a queria participando dessas oficinas, no entanto achamos que devemos ouvir todos.

As respostas dos alunos foram escritas no quadro, por um aluno, conforme eles iam falando.

Percebemos que a aluna gostou do conto, ela falava com paixão dos critérios de Todorov. Os colegas ficaram admirados com a fala dela.

Dentro da fala da aluna F. B. foi mostrado o acontecimento insólito que aparece no conto, que é o fato das formigas estarem montando o anão.

O aluno R. S., muito quieto, quase não fala na aula, pediu para responder à 3 questão. Ficamos felizes, pois não estávamos obrigando ninguém a responder. Eles queriam responder.

R. S. : *“Não dava para saber, pois nos contos fantásticos o narrador tem uma interpretação e o leitor pode ter outro. Apesar de não se ter uma comprovação científica para o evento, no final não se tem a ossada montada, já que elas fogem. Tudo pode ser imaginação da narradora, pois ela é muito emocional e insegura.”*

Após essa atividade levantamos o seguinte questionamento para um breve debate: as coisas sobrenaturais presentes nas histórias fantásticas ou de terror não existem na vida real. Por que

mesmo assim, elas provocam medo? O debate foi proveitoso, alguns alunos falaram: *é nossa mente que provoca esse medo. Mesmo sabendo que não é real, a forma como é narrada faz com que o coração acelere e não queiram dormir com a luz apagada.*

Em seguida, dividimos a turma em equipes. Cada uma ficou com um dos elementos da narrativa para nos mostrar a partir do conto lido: personagens: protagonista, antagonista, secundárias etc.; tempo: cronológico; Ambiente; enredo: situação inicial, complicação, clímax e desfecho; narrador e foco narrativo. A exposição ficou a critério deles, podendo ser através de cartaz, dramatização, slide etc. Alguns preferiram fazer cartazes, outros fizeram slide.

Figura 5: Desenho do tempo presente no conto “As formigas”



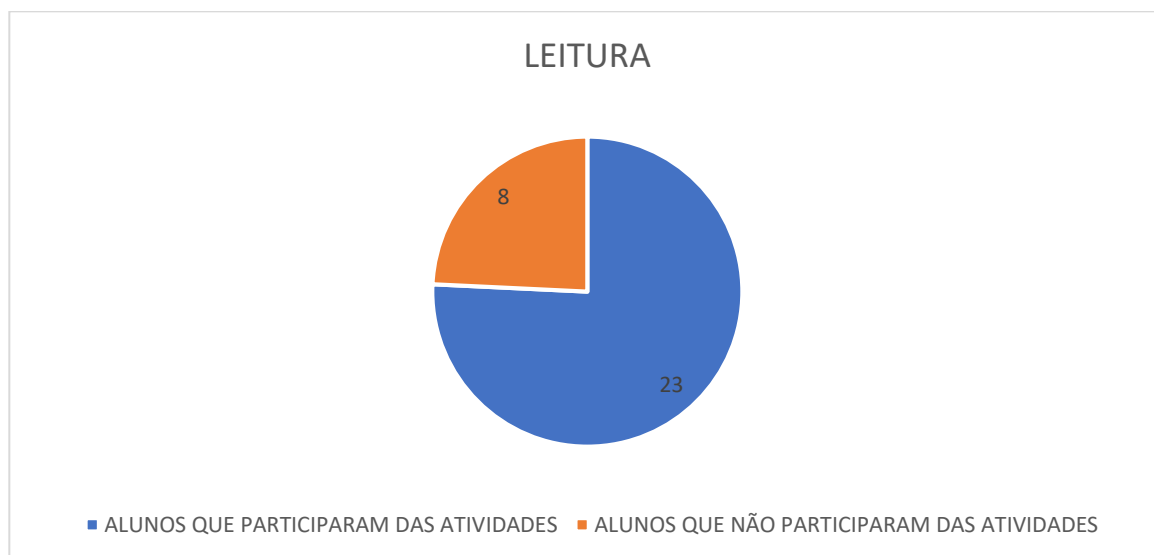
Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018)

Figura 6: Narrador



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018)

Finalizamos essa oficina sugerindo a escrita de um novo final para o conto “As formigas”. Nessa atividade o aluno já sabe o final original, então ele deve criar um outro final, levando em consideração o enredo da história e as características do gênero conto fantástico. Esse final foi publicado no *blog* da turma. Os textos não mantiveram a ambiguidade característica dos contos de Telles, aproximaram-se mais de contos de terror, isso ocorreu porque é o tipo de contos e filmes que eles gostavam de assistir.

Gráfico 4- Oficina de leitura

Fonte: A pesquisadora (2018)

Nessa oficina tivemos a participação de quase todos os alunos, percebemos que eles se envolveram nas atividades, queriam responder às perguntas sem nós estarmos escolhendo quem responderia, apenas alguns não participaram por causa da questão de pontos. Se não vale ponto eles não fazem as atividades. A aluna que a mãe não queria que ela participasse pediu para não contarmos nada sobre a participação dela na aula. Ela nos confidenciou que a mãe não deixava ela ler nada, mas ela lia escondido, usava um aplicativo no celular que baixava livros. Fazia a leitura no recreio, de madrugada. Ela adorava literatura.

Observamos que, se as atividades com o texto literário forem bem planejadas, sem que o aluno se sinta obrigado a responder, ele acaba fazendo essas atividades por sentir a interação com o texto. A leitura literária traz para ele um leque de horizontes acessíveis, “o mundo real se torna mais pleno de sentido e mais belo”(TODOROV, 2016, p. 24).

De acordo com Eliana Yunes (2009, p. 44): “a leitura não se constrói sobre o nada. Há algo que provoca o leitor, interessa-lhe, instiga-lhe um outro pensamento que lhe permite dar asas à imaginação”.

6.1.4 Interpretação

Nessa oficina tivemos mais um problema a ser resolvido. Na interpretação, o produto final é a criação de um *booktube* sobre o conto *As formigas* para ser publicado num canal no *Youtube*. Porém, não tínhamos um local adequado para a gravação do vídeo.

Sugerimos que eles fizessem o vídeo em casa, mas antes teriam que trazer o esquema do que iriam falar para nós fazermos as correções antes deles gravarem.

Nessa etapa, procuramos mesclar o uso das mídias com a leitura literária, mas para isso os alunos criariam o *booktube*.

Nossa sugestão é que no *booktube* os alunos deveriam falar um pouco da autora, depois fazem o resumo do conto. A atividade foi feita em trio, o vídeo devia ser de, no mínimo, 2 minutos e, no máximo, 10. Como não tínhamos um ambiente adequado na escola, o ambiente para gravação do vídeo ficou a critério do aluno.

Por que fazer um *booktube*? Bem, o objetivo desse vídeo era incentivar outros alunos a lerem o conto “As formigas” a partir da visão dos alunos que produziram o vídeo, pois sabemos que nossos jovens costumam fazer aquilo que os outros jovens estão fazendo. No caso, os alunos agiriam como mediadores da leitura a partir das suas impressões sobre o conto, agindo como professores de leitura, mostrando na sua fala e ações o gosto pela leitura.

Ao compartilhar a leitura, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita-se abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal (PETIT, 2008, p. 43).

O vídeo foi gravado no celular, pois era uma atividade que visava à execução a partir de recursos disponíveis aos alunos. Depois publicou-se no *Youtube*. Pedimos que os alunos convidassem os colegas e familiares para visualizarem o vídeo e curtirem, mas eles ficaram com vergonha, pois eles gravaram e postaram o vídeo sem antes nos mostrar o esquema para as correções. Isso ocorreu porque no período final da oficina a rede municipal entrou em greve e como tínhamos prazos para a entrega do material, eles tiveram a autonomia de gravar e publicar sem as

correções necessárias. O vídeo foi postado no *blog* da turma, que foi criado para a publicação das atividades realizadas.

Os alunos, cujos pais não permitiram o uso da imagem dos filhos tiveram que realizar outra atividade de interpretação. Eles apresentaram o conto “As formigas” nas outras turmas da escola, foram 11 alunos, cujos pais não permitiram fazer o vídeo. Foram divididos em 3 trios e 1 dupla. Além de falar da escritora, eles contaram o conto “As formigas” de forma dramatizada, para isso outros colegas da turma ajudaram.

Os alunos que ficaram de fazer a interpretação de forma dramatizada não se saíram melhores do que os alunos que produziram o vídeo. Só um trio fez a leitura dramatizada, não chegou a ser uma apresentação teatral, pois não organizaram o cenário. Observamos que, se o professor deixa o aluno à vontade para fazer uma escolha, ele procura aquela que lhe dá menos trabalho e mais uma vez entra a questão da atividade não valer ponto. Precisamos sensibilizar nossos alunos que o conhecimento é muito melhor do que ponto para passar no final do ano, apesar de que eles precisarão ter uma nota, mas nem todas as atividades realizadas em sala precisarão ser avaliativas.

Tivemos alguns problemas relacionados à aplicação da pesquisa-ação. Ainda é muito difícil trabalhar com literatura na sala de aula de forma diferenciada, procurando formar leitores autônomos e críticos, pois a escola sozinha não consegue formar esse leitor, a família é muito importante para esse processo. Ainda está arraigado em alguns pais que o texto literário só serve para se ensinar o conteúdo gramatical. Quando se pensa numa estratégia para o ensino de literatura nas séries finais do Ensino Fundamental esbarramos na falta de conhecimento desses pais que acham que literatura é “bobagem”, que os filhos não precisam ler porque ela não contribui para nada na vida deles.

Como professoras e pesquisadoras discordamos desses pais, mas não podemos obrigar os alunos a participarem de atividades que os pais não autorizaram. Sabemos que:

A literatura possibilita o conhecimento de vidas que não as nossas, enriquecendo nossas perspectivas. Ler é envolver-se nas tramas de uma história, viver as agruras e as conquistas de diferentes personagens, rir, chorar, ficar com raiva, surpreender-se, apoiar, discordar dos trajetos da narrativa. A leitura literária pode ser uma ação libertadora e singular para cada leitor (CARVALHO; BAROUKH, 2018, p. 18).

Ao usarmos a sequência básica de Cosson (2009) na nossa pesquisa-ação almejávamos inserir no cotidiano da sala de aula a leitura literária por fruição, levando essa leitura para além dos muros da escola, incentivando nossos alunos a terem o gosto pela literatura.

Para Carvalho e Baroukh (2018) “[...] fruição do texto literário significa aproveitá-lo e embarcar sem amarras no encanto que ele proporciona.” Pelas oficinas que realizamos não conseguimos fazer com que todos os alunos embarcassem no encanto da literatura, os que embarcaram são aqueles cujos pais desde de cedo incentivaram a leitura de romances, contos e poemas. Aqueles que só têm o contato com a literatura nas aulas de língua portuguesa não se sentiram motivados a participarem dessa nossa viagem.

A escola pode ser um dos agentes socializadores da leitura, mas ela por si só não garante aos alunos a motivação necessária para que eles se tornem leitores críticos e autônomos. A leitura deve ser motivada a priori pela família, uma vez que é com a família que eles passam a maior parte do tempo e é nesse ambiente familiar que o aluno deveria ter o seu primeiro contato com a leitura literária.

Se o aluno nascesse numa atmosfera familiar em que ele presenciasse o pai ou a mãe lendo um livro, observaria que o livro prende a atenção deles por horas, entenderia, talvez, que ler é algo bom. O aluno tem que ser motivado a ler literatura desde a mais tenra idade.

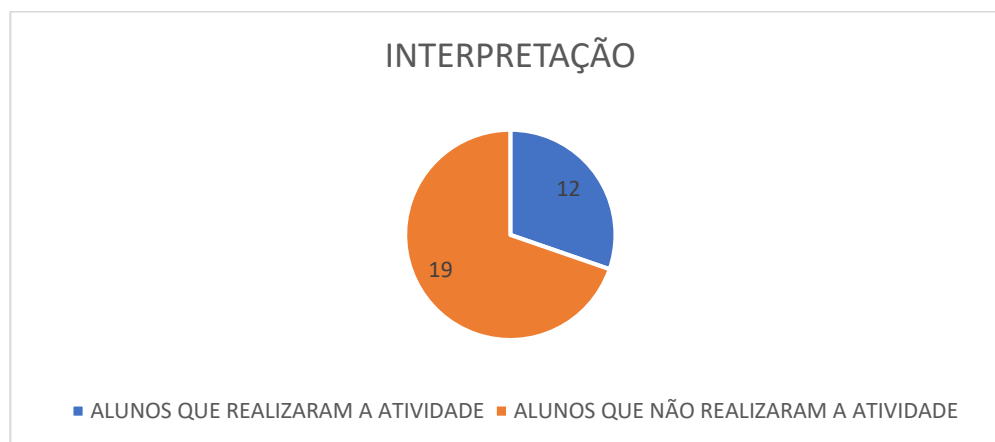
O gosto pela leitura esta diretamente associado aos estímulos que são proporcionados desde muito cedo. O contexto familiar é de grande importância. Quando a criança cresce no meio de livros e vê, à sua volta, adulto lendo é despertado nela o hábito de ler considerando que a formação de um leitor não se dá através de produtos, e sim, de estímulos (NASCIMENTO; BARBOSA, 2006, p. 01)

O incentivo da família é imprescindível para que a leitura literária aconteça e ela pode criar várias pontes que podem contribuir para que essa leitura aconteça como: comprar livros para os filhos e o próprio hábito de ler na presença deles.

Como muitos dos alunos tiveram incentivo só da escola, o resultado final das oficinas que era a criação do *booktube*, vídeo sobre o conto “As formigas”, não foi satisfatório, alguns vídeos ficaram sem muita informação sobre o conto. Dos 6 vídeos criados, apenas dois podem ser considerados relevantes para a pesquisa. Os outros são pobres de informação. Os alunos não conseguiram sentir paixão pelo conto e as informações que eles repassaram ficaram pouco

relevantes. Temos nossa parcela de culpa também em virtude da necessidade de finalização por conta da greve ocorrida.

Gráfico 5- Oficina de interpretação



Fonte: A pesquisadora (2018)

Muitos alunos não fizeram o vídeo porque segundo eles não valia ponto e não queriam pagar “mico” para os colegas. Esse é o tipo de posicionamento de alguns alunos que veem as tarefas dentro da escola como algo obrigatoriamente quando vale ponto. O nosso interesse não era obrigá-los a fazer as atividades, queríamos que fizessem por vontade própria e não por obrigação avaliativa.

6.2 Considerações sobre resultados das atividades

O uso do *booktube* e do *blog* como ferramenta tecnológica de otimização na leitura do fantástico em turma do 8º ano do ensino fundamental, a partir de uma concepção de leitor fundada nos princípios da Recepção, usando para isso a Sequência Básica de Cosson (2009), foi um investimento não muito produtivo na formação do leitor literário, cuja responsabilidade formal pertence à escola e, mais especificamente, ao professor de Língua Portuguesa.

As atividades de leitura do conto “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles, oportunizadas via Sequência Básica (motivação, introdução, leitura e interpretação) não foram levadas a sério por 35% dos alunos, eles só queriam fazer as atividades se valessem ponto.

Nas atividades de motivação e introdução muitos participaram porque ocorreram de forma lúdica. Porém quando realizamos as atividades de leitura e interpretação eles começaram a reclamar, ficavam perguntando se valia ponto, se não valesse não fariam.

Na leitura do conto, como era um tema de que eles gostavam, os alunos participaram mais do que nas atividades de interpretação.

A leitura do conto fantástico foi uma escolha acertada para introdução à leitura literária na turma. Um grande destaque na leitura realizada do fantástico foi o processo de identificação comum das características do conto fantástico, considerando as indicações de seus depoimentos. Observamos que o encontro entre texto e leitor aconteceu em um nível de interação marcado pela hesitação vivida pelos leitores.

Para Todorov (2009), é no processo de identificação com a personagem do conto que os leitores experimentaram suas dúvidas e seus conflitos, em contato com as lacerações da realidade presentes na trama textual.

Então, podemos dizer que a escolha do conto foi relevante para a pesquisa, o que prejudicou a concretização positiva foram as atividades de interpretação que inicialmente os alunos acharam interessantes, mas quando tiveram de realizá-las não fizeram com “prazer.”

Nas atividades de interpretação eles tinham que criar um *blog* para a turma e alimentá-lo com as atividades realizadas na sala, com comentários e com indicações de leitura realizadas por eles.

Observamos durante um mês se os alunos alimentariam o *blog* com indicação de leituras, com comentários das atividades realizadas que foram publicadas pela regente da turma, mas durante esse tempo só houve apenas um comentário entre os 30 alunos envolvidos, uma vez que 3 alunos não podiam participar das atividades, pois os pais não aceitaram.

Percebemos que o *blog* era acessado (pela contagem numérica que o próprio gerador faz), no entanto, não percebemos interesse dos alunos em comentar, enviar *posts*, participar do ambiente, publicar seus textos. Não parecia ser uma resistência ao trabalho, uma vez que o *blog* era acessado. Isso gerou a questão: por que os alunos não publicavam o que pensavam? Qual a razão de não interagirem com a proposta do uso do *blog*, considerando que acharam interessante a proposta?

A maioria dos alunos apresentou a desculpa que não tinha como acessar o *blog*, uma vez que não tinha internet. Observamos que era desculpa, pois tínhamos um grupo da turma e a maioria dos alunos com celular participava ativamente das conversas.

Propusemos o uso do *blog* como ferramenta para a formação de leitor porque nele observamos que é possível acontecer uma aprendizagem coletivamente, considerando que nele ocorre o compartilhamento de diferentes sentidos construídos para o mesmo texto literário, de experiências vividas, de conhecimentos e valores culturalmente construídos e de informações pesquisadas.

Apenas 12 alunos fizeram os vídeos, alguns fizeram individualmente, outro em trio, e outro em dupla. Foram vídeos em que eles usaram a tecnologia a que eles tinham acesso, no caso o celular. Precisavam falar um pouco da autora, fazer o resumo da obra e no final indicar o conto como uma leitura “prazerosa”. Solicitamos que o vídeo tivesse certa emoção, paixão pela leitura. Isso não foi observado neles.

No vídeo publicado no Canal do *Youtube* “Literatura se leva para a vida”, de 10 minutos, a aluna tentou se expressar bem, colocou suas impressões, mas faltou paixão pela leitura.

O outro, de 2min10s, foi publicado no *Youtube*, mas não foi criado um nome para o canal. No início, os alunos falaram com certa emoção e alegria, mas na hora de falar do conto ficaram travados, não colocaram suas impressões adequadamente. Eles mesmos não gostaram do vídeo, e ao serem questionados se alguém iria ser motivado a ler o conto a partir do que eles falaram eles disseram que não. Disseram que não tiveram um local adequado para gravar. No local que estavam gravando havia pessoas que ficavam sorrindo deles, então eles não conseguiram fazer o vídeo conforme eles realmente queriam. Segundo eles faltou mais tempo para eles organizarem as falas.

O que observamos é que mesmo que o professor não influencie na gravação, ele precisa mediar o que eles irão publicar, mostrando maneiras diferentes de falar de uma obra, lendo com eles novos textos. “Para formar novos leitores, é preciso dispor de tempo e dedicação. Ler textos diversos, conhecer novos autores, procurar por leituras que motivem não só o mediador, primeiro leitor, mas também aqueles a quem a leitura será dirigida, isto é, aos alunos”(VICCINI, 2011, p.8).

Consideramos esse trabalho de pesquisa como uma proposta pedagógica para a promoção de leitura literária na escola a partir da literatura fantástica, tendo o *blog* e o *booktube* como ferramentas para socialização dessas experiências e para consequente formação de uma comunidade interpretativa do texto literário, todavia devido à falta de interesse de alguns alunos, a falta de incentivo dos pais, a pesquisa não foi 100% positivo, precisamos procurar meios que entrelacem família e escola nessa prática de formar leitores literários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação central desta pesquisa foi incentivar a prática de leitura literária na escola com o intuito de promover no aluno o gosto pela leitura. Para a pesquisa optamos pelo Ensino Fundamental II, especificadamente uma turma de 8º ano. Para tanto buscamos pensar em estratégias que envolvessem o letramento literário junto com o uso das tecnologias digitais móveis, buscando, dessa forma, inserir na sala de aula um momento literário que fosse prazeroso para o aluno.

Nesse sentido, procuramos investigar alguns aspectos pertencentes a essa questão da leitura literária na escola, observamos que o professor, o principal mediador dessa leitura, muitas vezes não gosta de ler, isso ocorre devido a sua formação que, na maioria das vezes, careceu de discussões voltadas para o quesito: “o ler por prazer”. Com isso, cria-se uma certa dificuldade por colocar em prática aquilo de que ele não gosta, cobrando então de seus alunos apenas uma leitura superficial do texto literário para responder a questões gramaticais.

Assim sendo, buscamos nesse trabalho unir o letramento literário proposto por Cosson ao uso das tecnologias móveis como forma de resgatar o ensino de literatura nas aulas de Língua Portuguesa, fazendo com que os sujeitos participantes estabelecessem relações entre as tecnologias digitais móveis e a leitura literária em suas práticas cotidianas, divulgando por meio de um canal no *Youtube*, chamado *booktube*, as suas leituras literárias. A ideia final era a de incentivar amigos e familiares a fazerem leituras de obras canônicas e também contemporâneas. Nosso interesse na aplicação dessa pesquisa não era apenas o de proporcionar aos alunos apenas o “prazer” de ler, mas a partir desse “prazer” adquirir conhecimentos históricos, sociais, entre outros, uma vez que é na Literatura que temos a oportunidade de vivenciar o passado por meio de narrativas ficcionais.

Pesquisamos estratégias que motivassem esses alunos a lerem, não apenas para “ganhar ponto” na disciplina, mas também para que essa leitura começasse a fazer parte de sua vida, tornando-se um hábito.

Analisamos muitos trabalhos que discutiam a necessidade de formar leitores, e como as escolas e professores têm um papel importante nessa formação, pois a maioria de nossos alunos não têm esse hábito em casa devido à falta de livros. Sabemos que em pleno século XXI ainda é difícil a compra de livros pela maioria da população. Desta forma a escola torna-se a maior influenciadora de seus alunos no hábito da leitura.

Tivemos algumas dificuldades para colocar o projeto em prática devido a alguns pais não aceitarem a metodologia proposta, que no caso seria a criação do *booktube* para ser publicado no *Youtube*. Esses pais acharam que os filhos seriam chacoteados pelos colegas, ou que se fossem vistos na internet poderiam ser sequestrados. Enfim, expuseram seus argumentos para que o filho não participasse do projeto. Com isso, tivemos que reorganizar as atividades para que todos participassem uma vez que o objetivo era incentivar a leitura literária na escola e que ela fosse para além dos seus muros. Infelizmente ainda temos pais que acham que literatura não serve para nada, que o aluno tem que aprender apenas a gramática nas aulas de Língua Portuguesa.

O projeto se desenvolveu a partir da sequência básica de Cosson. Essa sequência foi aplicada em forma de oficina, foram 13 aulas de 50 minutos para a aplicação das oficinas. Dos 33 alunos da turma, 31 participaram das oficinas, mas apenas 20 se dispuseram a fazer o *booktube*, os outros realizariam apresentações do conto em forma de teatro e contação da história nas turmas da escola. Os alunos que ficaram para fazer as apresentações em forma de dramatização acabaram por apenas fazer a leitura dramatizada do conto nas outras turmas.

Todavia, a proposta de um projeto de intervenção usando o letramento literário é muito mais do que criar o hábito de leitura, deve ansiar pelo hábito de criar o desejo da leitura por prazer, ampliando a concepção do mundo e desenvolvendo o senso crítico. Esse era o nosso desejo, trazer para a escola o letramento literário para contribuir com a formação de leitores críticos e criativos.

Durante a aplicação das oficinas tivemos que trabalhar com o receio do que é novo pelos alunos. Novo porque o texto literário era trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa apenas como pretexto para o ensino da gramática. Os alunos tiveram receio das oficinas, sempre perguntando se era avaliativo, se iriam ganhar pontos. Esse foi mais um problema que tivemos de enfrentar. Como motivá-los a participarem por gosto? As atividades tinham que ser estimulantes para fazer com que esses alunos, tão acostumados a fazerem atividades por ponto, fizessem-na por um pouco de gosto.

Observamos que o leitor do século XXI não é estático. O único problema é que sua leitura está nos *videogames*, quadrinhos, séries televisivas, filmes. Quando estávamos fazendo a leitura do conto “As formigas”, eles comentavam entre si, “essa história daria um bom jogo”; “já imaginaram um filme desse conto?”. Assim, podemos dizer que se incentivarmos os alunos a assistirem os filmes que foram adaptados de uma obra, conseguiremos, talvez, levá-los a lerem a obra, mostrando que o livro e o filme pertencem a diferentes gêneros e, por isso, merecem discussões acaloradas

para entendermos as diferenças entre eles. O mesmo raciocínio poderia ser aplicado aos jogos acima citados pelos discentes.

Acompanhamos alguns canais literários e percebemos que a leitura envolve muito mais conhecimentos do que apenas o ‘ler’. Isso de uma certa forma torna mais agradável o processo de leitura. Assim, observamos nesses canais literários uma aproximação entre os leitores e a obra, além de eles se tornarem propagadores da prática da leitura e das obras literárias através desses canais. Então, quando pensamos na criação dos *booktubes*, pensamos nessa possibilidade de propagação da obra literária, a partir do entendimento do aluno sobre o conto “As formigas”. E além do *booktube* no *Youtube*, fosse possível essa publicação num *blog* criado por eles, fazendo com que outros alunos da escola tivesse acesso a esse *blog* e à leitura do que foi escrito e publicado pela turma. A ideia inicialmente era boa, até que percebemos os problemas acarretados por essa proposta e que alguns pais não aceitaram muito bem ver os filhos em vídeos na internet, mesmo que os vídeos fossem sobre a leitura de conto de que eles gostaram.

A proposta de intervenção considerou a dificuldade de acesso à literatura, a ausência em muitas famílias de uma cultura relativa à leitura e à aquisição de livros; assim como as dificuldades dos alunos em relação à compreensão e desconhecimento de um vocabulário mais amplo. Criamos oficinas que estimulassem esses alunos a galgarem os degraus da literatura por meio de textos curtos, como os contos, para que eles não se desmotivassem no meio do “caminho”.

Embora nenhum dos problemas mencionados, isoladamente, constituam empecilho definitivo à formação do leitor literário, todos juntos constituem um grande desafio, que muitas vezes, como no caso de alguns alunos, infelizmente não foi superado.

Assim, ainda que durante um tempo a classe tenha se constituído em uma comunidade de leitores, lendo o conto “As formigas”, discutindo sobre ele, sabemos que esse trabalho somente terá resultados mais abrangentes, no sentido de modificar a realidade dos alunos, se ele tiver continuidade.

De qualquer forma, as bases para essa mudança começaram a ser construídas durante esse projeto, esperamos que outras mãos deem continuidade a esse trabalho e que transformações significativas se concretizem.

Nem todos os alunos foram alcançados pela proposta, alguns deles realizaram apenas as atividades mais fáceis, menores; outros não leram o conto, e possivelmente não continuarão lendo

textos literários, se depender desse primeiro contato, no entanto nada os impede de serem despertados por outros textos ou outras modalidades textuais.

Despertar o gosto pela leitura em uma sala, composta por alunos que pouco leem, principalmente obras literárias, mesmo que a escola incentive, só que de forma a cobrar apenas questões gramaticais, mostrou-se tão complexo quanto imaginávamos ser.

Alguns pais não compreenderam a importância da literatura e proibiram os filhos de participarem de atividades das oficinas. Esbarramos em grandes problemas estruturais do município, apenas uma biblioteca pública para os alunos terem acesso às obras literárias e um pouco distante das casas de nossos alunos e nossa escola não tinha nem uma sala de leitura.

O Profletras (Mestrado Profissional em Letras) nos acenou com disciplinas sobre literatura, que nos permitiu visualizar sua importância nas aulas de Língua Portuguesa, não como pretexto para o ensino da língua, mas como uma maneira prazerosa de conhecer o mundo, através do “encanto, o fruir da imaginação, o contato com outros, a experiência de —”ser outros” viver, imaginar um mundo totalmente paradoxal ao seu” (USZYNSKI, 2018, p.55).

Aprendemos com a Sequência Básica de Cosson (2009) estratégias relacionadas ao ensino de Literatura, uma fórmula para aprimorarmos de acordo com as turmas com as quais trabalharemos no futuro.

Aos poucos, introduzimos a literatura em nossas aulas, não com o objetivo de cobrarmos questões gramaticais como fazíamos anteriormente, mas como uma prática nova, na qual buscamos trazer para a sala de aula a leitura literária “prazerosa”. Observar nossos alunos dialogando sobre o livro lido, mesmo que seja um *best seller* é muito gratificante. Durante essa jornada pudemos reencontrar a paixão pela literatura que ficou adormecida no nosso curso de Letras.

O mestrado contribuiu de forma a melhorar as nossas práticas em sala de aula, principalmente aquela a muito esquecida por nós, que é o ensino de literatura, não aquele ensino centrado nas escolas literárias, mas na leitura do livro como Todorov (2016) cita em *A Literatura em perigo*.

Queremos que nossos alunos sejam leitores críticos e autônomos, capazes de selecionarem suas próprias leituras, mas para isso temos que ser os mediadores dessa prática. Vamos continuar trabalhando com a sequência básica de Cosson (2009) em nossas aulas, estimulando por meio de atividades lúdicas a leitura literária.

Assim, esse trabalho contribui com as discussões em torno do tema da leitura literária na escola e proporciona reflexões aos professores sobre suas práticas. Além disso, contribui com as

aulas de Língua Portuguesa, tão necessitadas de sugestões para se trabalhar com o texto literário, de maneira a promover o letramento literário.

Dessa forma, essa proposta de intervenção é realizada como sugestão, passível de adaptações pelos professores, segundo as particularidades de escola e turma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

ALVES, Alda Maria Ribeiro. **A formação de leitores dentro das escolas**. Disponível em <www.abrapso.org.br> Acesso em: Setembro/2018.

ALVES, Jucélia Campos. **Letramento literário: aprendendo a compreender os textos literários com o auxílio das estratégias metacognitivas**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras), Universidade do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, RN, 2015.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

AZZARI, Eliane Fernandes; CUSTÓDIO, Melina Aparecida. Fanfics, Google Docs... A produção colaborativa. In. ROJO, Roxane [org]. **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. 1ªed. – São Paulo: Parábola, 2013, p.73.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para a formação de leitores de literatura**. Porto Alegre, Editora Projeto, 2009.

BARTHES, Roland. **O prazer do Texto**. Tradução de J. Guinsburg. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BELINTANI, Claudemir. **Oralidade e alfabetização: uma nova abordagem da alfabetização e do letramento**. São Paulo: Cortez, 2013.

BLOOM, H. **Como e Por que ler**. Trad. José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2000.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. 1995. In: BRASIL/MEC. Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares nacionais para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias/Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2006.

CARVALHO, Ana Carolina; BAROUKH, Josca Ailine. **Ler antes de saber ler**. 1 ed. - São Paulo: Panda Books, 2018.

CHORA, Dina Teresa Chainho. **Os romances de Lygia Fagundes Telles: uma tessitura narrativa na senda do humano**. 2014, 235 f. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura e cultura, especialidades Estudos brasileiros). Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Lisboa, 2018.

COLOMER, Tereza [tradução Laura Sandroni]. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Tradução Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

COSSON, Rildo. Literatura: modos de ler na escola. In: SEMANA DE LETRAS. 11., 2011. Porto Alegre RS. **O cotidiano das letras Anais** [recurso eletrônico] FALE/PURS. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. Disponível em:
<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/pdf/rildocosson.pdf>

DALVI, Maria Amélia; DE REZENDE, Neide Luzia; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo; Parábola, 2013.

FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Imprensa oficial do estado de São Paulo: Instituto Pró-livro, 2016. Disponível em:
 <<http://www.imprensaoficial.com.br/retratosdaleitura/RetratosDaLeituraNoBrasil3-2016.pdf>>. Acesso em: 04 de ago. 2019.

FANINI, Michele Asmar. **“Como ficou chato ser moderna, serei eterna”**: Lygia Fagundes Telles, o feminismo e a Academia Brasileira de Letras. *Polêm!ca*, v. 9, n. 3, p. 143 – 160, julho/setembro 2010.

GERALDI, João Wanderlei. **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GIROTTO, C.G.G.S. ; SOUZA, R. J. Estratégias de leitura: Para ensinar alunos a compreender o que leem. In. SOUZA, R.J et al (org). **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas, SP: Mercados de letras, 2010, p. 45-114

HERKENHOFF, Joana d’Arc Batista. Por que é importante ler literatura? In. CASER, Maria Mirtis; SOUZA, Santinho Ferreira [orgs]. **Por que é importante ler literatura**. Vitória: EDUFES, 2015, p. 50 a 55.

IBIAPINA, I. M. L. **Pesquisa Colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Líber Livro Editora. 2008. v. 1.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 2014.

KENSKI, V. M. **Novos processos de interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias**. Cadernos Pedagogia Universitária. Universidade de São Paulo, 2008.

KLEIMAN, Ângela B. O que é Letramento. In: KLEIMAN, Ângela B.(Org.). **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 3a ed., (Série Educação em ação), São Paulo: Ática, 1993.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LIMA, Mariana Batista de; GRANDE, Paula Baracat de. Diferentes formas de ser mulher na hipermídia. In. ROJO, Roxane [org]. **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. 1ªed. – São Paulo: Parábola, 2013, p. 37.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O horror sobrenatural em literatura**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

LUCAS, Fábio. (1989). O conto no Brasil Moderno: 1922-1982. In: **Do Barroco ao Moderno**. Vozes da Literatura Brasileira. São Paulo: Ática.

MAGALHÃES JR., Raimundo. **A arte do conto: Sua história, seus gêneros, sua técnica, seus mestres**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MAIA, Junot de Oliveira. Novos e híbridos letramentos em contextos de periferia. In. ROJO, Roxane [org]. **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. 1ªed. – São Paulo: Parábola, 2013, p. 59.

MARCELINO, Fernanda Torresan. **O ler por prazer: uma construção na forma de entendimento da leitura nos anos 80**. Campinas, SP: [s. n.], 2003.

MARINELLO, Adiane Fogali. O gênero textual Conto Fantástico. In. **V SIGET**, 2009, Caxias do Sul, RS.

MASSOLI, L. C. F. da S. **O fantástico em contos de Lygia Fagundes Telles e Almicar Bettiga Barbosa**. 2018, 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara – SP, 2018.

MENDES, I. **Biografia de Lygia Fagundes Telles**, 07, 2016. Disponível em <<http://miolodelivro.blogspot.com/2016/07/biografia-de-lygia-fagundes-telles.html>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2019.

MORAES, Giselly Lima de. Que leitores queremos formar? In. OLIVEIRA, Eliana Kefalás; MORAES, Giselly Lima de; PEPE, Cristiane Marcela [orgs]. **Leitura literária e mediação**. Campinas, SP, Edições Leitura Crítica; ALB, 2014, p. 23.

MORAN, J. M. **As mídias na educação**. 2008. p. 05. Disponível em: <http://portal.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-edu-com-tec/artigos/midias%20na%20educa%C3%A7ao.pdf>.

NASCIMENTO, T.A.S.; BARBOSA, M.L.de F. **A influência da escola e da família no estímulo à leitura na educação infantil**. In: BORBA, R; BOTLER, A.(Org.). Caderno de Trabalhos de Conclusão

do Curso de Pedagogia . Recife: UFPE, 2006, v.1, p. 1. Disponível em:<[https:// https://www.ufpe.br](https://www.ufpe.br)>. Acesso em:04 julho. 2019.

NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta; LAPLANE, Adriana Lia Frizman de (Orgs). **Leitores e leituras: explorando as dobras do (im)possível**. Campinas, SP:Edições Leituras Críticas; ALB, 2017, p. 11.

NEVES, José Luís. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. São Paulo: FEA-USP, 2006. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em: setembro de 2018.

O ATAQUE das formigas. Direção: Robert Scherrer. Produção: Peter Nelson. Estados Unidos, 1977.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Ed. Bagaço, 2005.

OLIVEIRA, Eliana Kefalás; DE MORAES, Giselly Lima; PEPE, Cristiane Marcela (Orgs). **Leitura literária e mediação**. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; ALB, 2014.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. Por que ler literatura é importante. In: CASER, Maria Mirtis, SOUZA, Santinho Ferreira de. **Por que é importante ler Literatura**. Vitória: EDUFES, 2015.

PEREZ, L. C. A. **Realismo e fantasia: O universo de Lygia Fagundes Telles**. 2014. Disponível em < mundoeducacao.bol.uol.com.br/literatura/escritores-brasileiros> Acesso em 05 de fevereiro de 2019.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

PORTO, A. P. T. ; PORTO, L. T. . **O espaço do texto literário na Base Nacional Comum Curricular na etapa do ensino fundamental**. Santa Cruz do Sul, v. 43, n. 78, p. 13-23, set/dez. 2018.

RAMOS, Demerval Venâncio; ANDRADE, Karylleila dos Santos; PINHO, Maria José de (Orgs). **Ensino de Língua e Literatura-Reflexões e perspectivas interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

RANGEL, E. O. Letramento literário e livro didático de língua portuguesa: os amores difíceis. In: PAIVA, Aparecida et al. (Org.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro**. Belo Horizonte, 2005

RÉGIS, Sônia. "A densidade do aparente". In: **Cadernos de Literatura Brasileira**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1998.

RIBEIRO, Juliana Seixas. **Mistérios de Lygia Fagundes Telles: uma leitura sob a óptica do fantástico**. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem-- Campinas, SP: [s.n.], 2008.

ROMANO, Patrícia Aparecida Beraldo. **Dona Benta: mediadora de leitura em Dom Quixote das crianças e Geografia de Dona Benta, de Monteiro Lobato.** Tese (Doutorado em Letras), Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. Trad: Neide Luzia de Rezende. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER – FALEIROS (orgs). **Leitura de literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013.

SILVA, Alinny Rodrigues Pereira. **A literatura na era digital: expansão dos suportes e convergências das mídias.** Revista Travessia, 2017, V. 11, n-03, p.211-221, set/dez. Disponível em:<e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/118099/11969>. Acesso em 18 de dezembro de 2018.

SILVA, E. T. **O professor leitor.** In: SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques; RÖSING, Tânia M. K. (orgs.). Mediação de Leitura. Discussões e alternativas para formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Ivanda Martins. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: **Português no ensino médio e formação do professor.** São Paulo: Parábola editorial, 2006.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Leitura Literária e novas tecnologias:mudanças de paradigmas.** Anais da XX Jornada- GELNE, João Pessoa-PB, 2004/PDF/Ivanda Maria Martins Silva.pdf

SILVA, Luiza Helena Oliveira da; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. Do reino da beleza à república do gosto: questões para o letramento literário. In: RAMOS, D. V.; ANDRADE, K. dos S.; PINHO, M. J. de (orgs.). **Ensino de língua e literatura-Reflexões e perspectivas interdisciplinares.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** São Paulo: Contexto. 2006.

SOUZA, Renata Junqueira; Cosson, Rildo. **Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula.** São Paulo. Unesp. 2011, p. 101-107. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/4014>. Acesso em 25 de agosto de 2018.

TELLES, Lygia Fagundes. **Venha ver o pôr-do-sol e outros contos.** 18º ed. São Paulo, Editora Ática, 1999.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução a literatura fantástica.** São Paulo: Premia Editora, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** 6. Ed. Rio de Janeiro: Difel, 2016.

USZYNSKI, Leila Maria Dias. **A poética da complexidade Mia Couto, Manoel de Barros e o letramento literário numa turma de 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Marabá.** Dissertação (Mestrado). Unifesspa, Campus Universitário de Marabá, Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), Marabá, 2018.

VICCINI, Carla Gabriele. **Professor mediador, aluno leitor.** I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação, SIRSSE, PUCPR, Curitiba, 2011.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados.** Curitiba: Aymar, 2009.

ZAPPONE, M.H.Y. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. **Teoria e Prática da Educação**, v. 03, 2007, pp. 47-62.

ZAPONNE, M. H. Y. **Fanfics: um caso de letramento literário na cibercultura.** revistaseletronicas.pucrs.br > Capa > v. 43, n. 2 (2008).

ZAPONNE, M.H.Y;YAMAKAWA, Ibrahim Alisson. **Letramento dominante x vernacular e suas implicações para o ensino da literatura.** In: Muitas Vozes, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 185-198, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/download/.../3881>>. Acesso em 06 jul. 2019.

ANEXOS

Conto “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles

Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a mala no chão e apertei o braço da prima.

– É sinistro.

Ela me impeliu na direção da porta. Tínhamos outra escolha? Nenhuma pensão nas redondezas oferecia um preço melhor a duas pobres estudantes com liberdade de usar o fogareiro no quarto, a dona nos avisara por telefone que podíamos fazer refeições ligeiras com a condição de não provocar incêndio. Subimos a escada velhíssima, cheirando a creolina.

– Pelo menos não vi sinal de barata – disse minha prima.

A dona era uma velha balofa, de peruca mais negra do que a asa da graúna. Vestia um desbotado pijama de seda japonesa e tinha as unhas aduncas recobertas por uma crosta de esmalte vermelho-escuro, descascado nas pontas encardidas. Acendeu um charutinho.

– É você que estuda medicina? – perguntou soprando a fumaça na minha direção.

– Estudo direito. Medicina é ela.

A mulher nos examinou com indiferença. Devia estar pensando em outra coisa quando soltou uma baforada tão densa que precisei desviar a cara. A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de vidrilho.

Vou mostrar o quarto, fica no sótão – disse ela em meio a um acesso de tosse. Fez um sinal para que a seguíssemos. – O inquilino antes de vocês também estudava medicina, tinha um caixotinho de ossos que esqueceu aqui, estava sempre mexendo neles.

Minha prima voltou-se:

– Um caixote de ossos?

A mulher não respondeu, concentrada no esforço de subir a estreita escada de caracol que ia dar no quarto. Acendeu a luz. O quarto não podia ser menor, com o teto em declive tão acentuado que nesse trecho teríamos que entrar de gatinhas. Duas camas, dois armários e uma cadeira de palhinha pintada de dourado. No ângulo onde o teto quase se encontrava com o assoalho, estava um caixotinho coberto com um pedaço de plástico. Minha prima largou a mala e, pondo-se de joelhos, puxou o caixotinho pela alça de corda. Levantou o plástico. Parecia fascinada.

– Mas que ossos tão miudinhos! São de criança?

– Ele disse que eram de adulto. De um anão.

– De um anão? É mesmo, a gente vê que já estão formados... Mas que maravilha, é raro à beça esqueleto de anão. E tão limpo, olha aí – admirou-se ela. Trouxe na ponta dos dedos um pequeno crânio de uma brancura de cal. – Tão perfeito, todos os dentinhos!

– Eu ia jogar tudo no lixo, mas se você se interessa pode ficar com ele. O banheiro é aqui ao lado, só vocês é que vão usar, tenho o meu lá embaixo. Banho quente extra. Telefone também. Café das sete às nove, deixo a mesa posta na cozinha com a garrafa térmica, fechem bem a garrafa recomendou coçando a cabeça. A peruca se deslocou ligeiramente. Solto uma baforada final: – Não deixem a porta aberta senão meu gato foge.

Ficamos nos olhando e rindo enquanto ouvíamos o barulho dos seus chinelos de salto na escada. E a tosse encatarrada.

Es vaziei a mala, dependurei a blusa amarrotada num cabide que enfiei num vão da veneziana, preendi na parede, com durex, uma gravura de Grassman e sentei meu urso de pelúcia em cima do travesseiro. Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, desatarraxar a lâmpada fraquíssima que

pendia de um fio solitário no meio do teto e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas que tirou da sacola. O quarto ficou mais alegre. Em compensação, agora a gente podia ver que a roupa de cama não era tão alva assim, alva era a pequena tibia que ela tirou de dentro do caixotinho. Examinou- a. Tirou uma vértebra e olhou pelo buraco tão reduzido como o aro de um anel. Guardou-as com a delicadeza com que se amontoam ovos numa caixa.

– Um anão. Raríssimo, entende? E acho que não falta nenhum ossinho, vou trazer as ligaduras, quero ver se no fim da semana começo a montar ele.

Abrimos uma lata de sardinha que comemos com pão, minha prima tinha sempre alguma lata escondida, costumava estudar até de madrugada e depois fazia sua ceia. Quando acabou o pão, abriu um pacote de bolacha Maria.

– De onde vem esse cheiro? – perguntei farejando. Fui até o caixotinho, voltei, cheirei o assoalho.

– Você não está sentindo um cheiro meio ardido?

– É de bolor. A casa inteira cheira assim – ela disse. E puxou o caixotinho para debaixo da cama.

No sonho, um anão louro de colete xadrez e cabelo repartido no meio entrou no quarto fumando charuto. Sentou-se na cama da minha prima, cruzou as perninhas e ali ficou muito sério, vendo-a dormir. Eu quis gritar, tem um anão no quarto! mas acordei antes. A luz estava acesa. Ajoelhada no chão, ainda vestida, minha prima olhava fixamente algum ponto do assoalho.

– Que é que você está fazendo aí? – perguntei.

– Essas formigas. Apareceram de repente, já enturmadas. Tão decididas, está vendo?

Levantei e dei com as formigas pequenas e ruivas que entravam em trilha espessa pela fresta debaixo da porta, atravessavam o quarto, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar.

– São milhares, nunca vi tanta formiga assim. E não tem trilha de volta, só de ida – estranhei.

– Só de ida.

Contei-lhe meu pesadelo com o anão sentado em sua cama.

– Está debaixo dela – disse minha prima e puxou para fora o caixotinho. Levantou o plástico. – Preto de formiga. Me dá o vidro de álcool.

– Deve ter sobrado alguma coisa aí nesses ossos e elas descobriram, formiga descobre tudo. Se eu fosse você, levava isso lá pra fora.

– Mas os ossos estão completamente limpos, eu já disse. Não ficou nem um fiapo de cartilagem, limpíssimos. Queria saber o que essas bandidas vêm fuçar aqui.

Respingou fartamente o álcool em todo o caixote. Em seguida, calçou os sapatos e como uma equilibrista andando no fio de arame, foi pisando firme, um pé diante do outro na trilha de formigas. Foi e voltou duas vezes. Apagou o cigarro. Puxou a cadeira. E ficou olhando dentro do caixotinho.

– Esquisito. Muito esquisito.

– O quê?

– Me lembro que botei o crânio em cima da pilha, me lembro que até calcei ele com as omoplatas para não rolar. E agora ele está aí no chão do caixote, com uma omoplata de cada lado. Por acaso você mexeu aqui?

– Deus me livre, tenho nojo de osso. Ainda mais de anão.

Ela cobriu o caixotinho com o plástico, empurrou-o com o pé e levou o fogareiro para a mesa, era a hora do seu chá. No chão, a trilha de formigas mortas era agora uma fita escura que encolheu. Uma formiguinha que escapou da matança passou perto do meu pé, já ia esmagá-la quando vi que levava as mãos à cabeça, como uma pessoa desesperada. Deixei-a sumir numa fresta do assoalho. Voltei a sonhar aflitivamente, mas dessa vez foi o antigo pesadelo em torno dos exames, o professor fazendo uma pergunta atrás da outra e eu muda diante do único ponto que não tinha estudado. Às

seis horas o despertador disparou veementemente. Travei a campainha. Minha prima dormia com a cabeça coberta. No banheiro, olhei com atenção para as paredes, para o chão de cimento, a procura delas. Não vi nenhuma. Voltei pisando na ponta dos pés e então entreabri as folhas da veneziana. O cheiro suspeito da noite tinha desaparecido. Olhei para o chão: desaparecera também a trilha do exército massacrado. Espiei debaixo da cama e não vi o menor movimento de formigas no caixotinho coberto.

Quando cheguei por volta das sete da noite, minha prima já estava no quarto. Achei-a tão abatida que carreguei no sal da omelete, tinha a pressão baixa. Comemos num silêncio voraz. Então me lembrei:

- E as formigas?
- Até agora, nenhuma.
- Você varreu as mortas?

Ela ficou me olhando.

- Não varri nada, estava exausta. Não foi você que varreu?
- Eu?! Quando acordei, não tinha nem sinal de formiga nesse chão, estava certa que antes de deitar você juntou tudo... Mas então quem?!

Ela apertou os olhos estrábicos, ficava estrábica quando se preocupava.

- Muito esquisito mesmo. Esquisitíssimo.

Fui buscar o tablete de chocolate e perto da porta senti de novo o cheiro, mas seria bolor? Não me parecia um cheiro assim inocente, quis chamar a atenção da minha prima para esse aspecto, mas estava tão deprimida que achei melhor ficar quieta. Espargi água-de-colônia flor de maçã por todo o quarto (e se ele cheirasse como um pomar?) e fui deitar cedo. Tive o segundo tipo de sonho que competia nas repetições com o sonho da prova oral: nele, eu marcava encontro com dois namorados ao mesmo tempo. E no mesmo lugar. Chegava o primeiro e minha aflição era levá-lo embora dali antes que chegasse o segundo. O segundo, desta vez, era o anão. Quando só restou o oco de silêncio e sombra, a voz da minha prima me fisgou e me trouxe para a superfície. Abri os olhos com esforço. Ela estava sentada na beira da minha cama, de pijama e completamente estrábica.

- Elas voltaram.

- Quem?

- As formigas. Só atacam de noite, antes da madrugada. Estão todas aí de novo.

A trilha da véspera, intensa, fechada, seguia o antigo percurso da porta até o caixotinho de ossos por onde subia na mesma formação até desformigar lá dentro. Sem caminho de volta.

- E os ossos?

Ela se enrolou no cobertor, estava tremendo.

Aí é que está o mistério. Aconteceu uma coisa, não entendo mais nada! Acordei pra fazer pipi, devia ser umas três horas. Na volta senti que no quarto tinha algo mais, está me entendendo? Olhei pro chão e vi a fila dura de formiga, você lembra? não tinha nenhuma quando chegamos. Fui ver o caixotinho, todas trançando lá dentro, lógico, mas não foi isso o que quase me fez cair pra trás, tem uma coisa mais grave: é que os ossos estão mesmo mudando de posição, eu já desconfiava mas agora estou certa, pouco a pouco eles estão... estão se organizando.

- Como, organizando?

Ela ficou pensativa. Comecei a tremer de frio, peguei uma ponta do seu cobertor. Cobri meu urso com o lençol.

- Você lembra, o crânio entre as omoplatas, não deixei ele assim. Agora é a coluna vertebral que já está quase formada, uma vértebra atrás da outra, cada ossinho tomando seu lugar, alguém do ramo está montando o esqueleto, mais um pouco e... Venha ver!

– Credo, não quero ver nada. Estão colando o anão, é isso?

Ficamos olhando a trilha rapidíssima, tão apertada que nela não caberia sequer um grão de poeira. Pulei-a com o maior cuidado quando fui esquentar o chá. Uma formiguinha desgarrada (a mesma daquela noite?) sacudia a cabeça entre as mãos. Comecei a rir e tanto que se o chão não estivesse ocupado, rolaria por ali de tanto rir. Dormimos juntas na minha cama. Ela dormia ainda quando saí para a primeira aula. No chão, nem sombra de formiga, mortas e vivas, desapareciam com a luz do dia.

Voltei tarde essa noite, um colega tinha se casado e teve festa. Vim animada, com vontade de cantar, passei da conta. Só na escada é que me lembrei: o anão. Minha prima arrastara a mesa para a porta e estudava com o bule fumegando no fogareiro.

– Hoje não vou dormir, quero ficar de vigia – ela avisou.

O assoalho ainda estava limpo. Me abracei ao urso.

– Estou com medo.

Ela foi buscar uma pílula para atenuar minha ressaca, me fez engolir a pílula com um gole de chá e ajudou a me despir.

– Fico vigiando, pode dormir sossegada. Por enquanto não apareceu nenhuma, não está na hora delas, é daqui a pouco que começa. Examinei com a lupa debaixo da porta, sabe que não consigo descobrir de onde brotam?

Tombei na cama, acho que nem respondi. No topo da escada o anão me agarrou pelos pulsos e rodopiou comigo até o quarto, acorda, acorda! Demorei para reconhecer minha prima que me segurava pelos cotovelos. Estava lívida. E vesga.

– Voltaram – ela disse.

Apertei entre as mãos a cabeça dolorida.

– Estão aí?

Ela falava num tom miúdo como se uma formiguinha falasse com sua voz.

– Acabei dormindo em cima da mesa, estava exausta. Quando acordei, a trilha já estava em plena. Então fui ver o caixotinho, aconteceu o que eu esperava...

– Que foi? Fala depressa, o que foi?

Ela firmou o olhar oblíquo no caixotinho debaixo da cama.

– Estão mesmo montando ele. E rapidamente, entende? O esqueleto está inteiro, só falta o fêmur. E os ossinhos da mão esquerda, fazem isso num instante. Vamos embora daqui.

– Você está falando sério?

– Vamos embora, já arrumei as malas.

A mesa estava limpa e vazios os armários escancarados.

– Mas sair assim, de madrugada? Podemos sair assim?

– Imediatamente, melhor não esperar que a bruxa acorde. Vamos, levanta.

– E para onde a gente vai?

– Não interessa, depois a gente vê. Vamos, vista isto, temos que sair antes que o anão fique pronto. Olhei de longe a trilha: nunca elas me pareceram tão rápidas. Calcei os sapatos, descolei a gravura da parede, enfiei o urso no bolso da japona e fomos arrastando as malas pelas escadas, mais intenso o cheiro que vinha do quarto, deixamos a porta aberta. Foi o gato que miou comprido ou foi um grito?

No céu, as últimas estrelas já empalideciam. Quando encarei a casa, só a janela vazada nos via, o outro olho era penumbra.

Música Medo

Pitty

Medo, escorre entre os meus dedos
 Entre os meus dedos
 Eu lambo os dedos
 E saboreio meu próprio medo

Medo de ter, medo de perder
 Cada um tem os seus
 E todos tem alguns
 Suando frio, as mãos geladas
 Coração dispara até sufocar

Só trememos por nós mesmos
 Ou por aqueles que amamos
 Homem que nada teme
 É homem que nada ama

Medo, escorre entre os meus dedos
 Entre os meus dedos
 Eu lambo os dedos
 E saboreio meu próprio medo

Paranoia high tech é síndrome
 Contagioso, manipulador
 Antiga batalha:
 O homem e seu pavor
 Nocivo se paralisa

Só tememos por nós mesmos
 Ou por aqueles que amamos
 Homem que nada teme
 É homem que nada ama

Se corre o bicho pega
 Se fica o bicho come
 Se corre o bicho pega (3x)

Medo, escorre entre os meus dedos
 Entre os meus dedos
 Eu lambo os dedos
 E saboreio meu próprio medo

Página do *blog*

maius

Criar um blog Login

LER É UM PRAZER

terça-feira, 18 de dezembro de 2018

às dezembro 18, 2018 Nenhum comentário: [M](#) [D](#) [T](#) [F](#) [@](#)

Pesquisar este blog

- Página inicial

8º ANO - CISNE BRANCO

LER É UM PRAZER

Alunos do 8º ano, da escola Cisne Branco

[Visualizar meu perfil completo](#)

[Arquivo do blog](#)

Novembro (9)

Denunciar abuso

às dezembro 18, 2018 Nenhum comentário: [M](#) [D](#) [T](#) [F](#) [@](#)

OUTRO FINAL PARA O CONTO AS FORMIGAS

[...]

Tombei na cama, acho que nem respondi. No topo da escada o anão me agarrou pelos pulsos e rodopiou comigo até o quarto, acorda, acorda! Demorei para reconhecer minha prima que me segurava pelos cotovelos. Estava lívida. E vesga.

-Voltaram! - Ela disse.

Sua voz estava num miúdo, que não dava para ouvir.

- Elas voltaram. – disse novamente, dessa vez gritando!

Ofegante, com os olhos esbugalhado ela disse:

Aconteceu uma coisa, não entendo mais nada. Estou com muito medo! – falou com a voz tremida.

Olhei para o lado e vi o anão com uma faca na mão, e que com um olhar que parece que vai roubar sua alma, meu coração disparou de repente, logo senti a mão da minha prima na minha, a mão dela estava gelada e tremendo.

-Vamos embora daqui!

Minha prima olhou para mim, depois olhou para o anão, que estava andando na nossa direção, devagar, muito devagar. Deixou a faca cair no chão. Olhou para mim, com um brilho nos olhos, como se me conhecesse a muitos anos. Ele murmurou:

- Princesa! Minha princesa!

Fechei os olhos e me vi dançando com o anão, num lindo palácio, com várias pessoas nos olhando!

Ele me olhava com tanto amor! Comecei a tremer, como se estivesse com muito frio!

Minha prima gritou:

-Corre prima! Vamos sair daqui!

Despertei daquele transe, e corremos para a porta, ela estava destrancada. Conseguimos sair! Ouvimos um miado vindo do andar de cima, parecia um grito! Aquilo foi a deixa para sairmos correndo feito loucas. Precisávamos nos afastar daquele lugar o mais rápido possível.

O dia já estava amanhecendo, os raios do sol começavam a iluminar a casa! Paramos um pouco para olharmos a casa. Pelas janelas vimos a velha balofa e o gato preto! O miado que o gato deu foi assombroso, meu coração deu um pulo! Voltamos a correr, sem olhar para trás.

Aluna: S. D.

OUTRO FINAL PARA O CONTO AS FORMIGAS

[...]

No topo da escada, o anão me agarrou pelos pulsos e rodopiou comigo até o quarto, acorda, acorda! Demorei para reconhecer minha prima que me segurava pelos cotovelos. Estava lívida. E vesga.

-Voltaram! – ela disse.

- Vamos logo, já arrumei nossas coisas! Vamos. - disse ela com a voz trêmula.

Olharam para o caixote e não tinha mais nada lá, o anão estava pronto, perto da janela. Saímos do quarto desesperadas, eu cai da escada, acabei estatelada no chão! Minha prima tentou me levantar, mas tinha algo me segurando no chão. Quando olhei para baixo eu vi as formigas, milhões delas! Comecei a gritar!

-Prima, me ajude! As formigas vão me devorar!

Escutamos passos nas escadas. Olhei para cima, era o anão, aquele dos meus sonhos! Ele sorriu para mim! Estendeu a mão e eu peguei, me levantou como se eu fosse uma pena, e rodopiou comigo pela sala e disse:

- Minha princesa, até enfim que te achei! - disse o anão.

Que história de princesa era aquela? Empurrei ele, o olhar que ele me lançou foi triste, minha prima procurava por minha mão, fomos nos afastando até encostarmos na porta! Giramos a maçaneta, e respiramos aliviada quando a porta destrancou!

Ouvimos um grito arrepiante vindo do andar de cima O anão olhou para a escada e depois para nós!

-Fujam! Ela não me perdoará! Corram e não olhem para trás! Adeus, minha princesa!

Abrimos a porta e saímos correndo como duas desesperadas pela vida, se ficássemos mais um minuto ali seríamos devoradas pelas formigas. O gato miou por vários minutos, um miado de dor e desespero!

Aluna: C. T.

OUTRO FINAL PARA O CONTO "AS FORMIGAS"

[...]

Tombei na cama, acho que nem respondi. No topo da escada o anão me agarrou pelos pulsos e rodopiou comigo até o quarto, acorda, acorda! Demorei para reconhecer minha prima que me segurava pelos cotovelos. Estava lívida. E vesga.

-Chegaram! As formigas chegaram! – ela disse.

Olhamos as formigas, que estavam ao lado do esqueleto do anão quase pronto. Pareciam que estavam conversando uma com as outras!

Eu levantei de um salto e gritei:

- Vamos sair daqui antes que ele fique pronto! – falei.

Sáímos pegando nossas coisas, minha prima deixou para trás sua gravura.

-Mas vamos para onde numa hora dessa? – perguntou minha prima.

-Para qualquer lugar! Isso tudo é muito sinistro!

Descemos as escadas correndo! Ouvimos uma voz e depois um miado!

Olhamos para baixo e vimos o gato! Ele era preto, tão preto quanto a asa de uma graúna, seus olhos, eram oblíquos, azuis que pareciam olhos humanos. Comecei a me tremer. O gato tinha falado! Mas como era possível isso!

Minha prima me puxou, já estávamos perto da porta quando as formigas começaram a entrar por baixo da porta, pelo buraco na janela, parece que vinham de todos os lugares!

-Meu Deus! Abre logo essa porta! Se não vamos morrer!

Conseguimos abrir a porta! Sáímos correndo sem olhar para trás. Ouvimos um grito que mais parecia um grito! Aquilo fez a gente correr mais ainda! Ao longe o sol começou a aparecer. Graças a Deus estava amanhecendo.

Aluna: B. T

Momentos da leitura





Cartazes com alguns elementos do conto

AS FÓRMIGAS

Quando minha prima e eu descemos do Taxi, EU ia Jogar Tudo no lixo, minha Prima olhava fixamente algum ponto, Fiquei vendo minha prima Sukrer na cadeira, ele tá não corria mais, Calcei os sapatos, Ela me impeliu na direção da Porta.

Narrador: O Narrador-Personagem em Primeira Pessoa, e na história o narrador é o estudante de direito.

Narrador

- Identificar

Alunas: Tereza
Kennedy Williams
Lygia do Sílvia
Rhuan Chaves
Luon Souza
Roberto Santos



